



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**CONTOS DE FADAS: UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO
E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS CEGAS.**

ANA LÚCIA DO NASCIMENTO

Prof^ª Dr^ª Wanilda Maria Alves Cavalcanti

Orientadora

Recife – 2010



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**CONTOS DE FADAS: UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO
E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS CEGAS**

Dissertação de Mestrado, sob a orientação da Prof^a Dr^a Wanilda Maria Alves Cavalcanti apresentada à banca examinadora da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, para aprovação e obtenção do título de mestre em Ciências da Linguagem.

N244c Nascimento, Ana Lúcia do
Contos de fadas : uma ferramenta no processo de
aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças
cegas / Ana Lúcia do Nascimento ; orientador Wanilda
Maria Alves Cavalcanti, 2010.
133 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Pró-Reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem, 2010.

1. Linguística. 2. Cegueira. 3. Aquisição de linguagem.
4. Crianças cegas - Linguagem. 5. Contos de fadas. I. Título.

CDU 801

ANA LÚCIA DO NASCIMENTO

**CONTOS DE FADAS: UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO
E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS CEGAS**

Defesa Pública em:

Recife, de 2010

Prof^a. Dr^a. Wanilda Maria Alves Cavalcanti (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Evangelina Maria Brito de Faria (Titular Externo)

Prof^o. Dr^o Junot Cornélio de Matos (Titular Interno)

Recife – 2010

A primeira tarefa da educação é ensinar a ver. O educador aponta e sorri e contempla os olhos do discípulo. Quando os seus olhos sorriem, ele se sente feliz. Estão vendo a mesma coisa. O fato de gastarmos horas na contemplação das imagens banais e grosseiras da televisão e de não gastarmos nenhum tempo comparável na contemplação dos assombros da natureza é uma indicação do ponto a que nossa cegueira chegou. As coisas não são assombrosas para todos.

Só para aqueles que aprendem a ver. A visão tem de ser aprendida.

Os olhos precisam ser educados.

(Salomon, 2007 - apud- Rubens Alves)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre se faz presente em minhas travessias, sejam elas suaves ou árduas, renovando as minhas forças, convidando-me a recomeçar, sempre, diante de cada fracasso.

Agradeço também aos meus pais (em memória), ainda que seja em outra dimensão, eles acompanham-me todos os dias da minha vida.

Agradeço especialmente a minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Wanilda Maria Alves Cavalcanti, que delicadamente e com profunda segurança nos saberes científicos, fez-me percorrer por esta aventura, que é a construção do conhecimento.

Registro a minha gratidão a todos os professores e funcionários deste mestrado, principalmente ao Prof^º. Dr^º Junot Cornélio de Matos pelas suas aulas grandiosas, as quais suscitavam muitas inquietações, questionamentos e reflexões a respeito da vida.

Agradeço à Professora Dr^ª Evangelina Maria Brito de Faria e, ainda uma vez, ao Professor Doutor Junot Cornélio de Matos, que aceitaram participar da leitura e avaliação deste trabalho, fazendo observações e dando sugestões que muito contribuíram na produção final.

Obrigada às minhas sobrinhas, Camila e Samira, por contribuírem nos trabalhos de digitação e fotografias.

Enfim, agradeço a todos que estiverem comigo neste momento especial e de luta. Em particular registro o meu muito obrigada à Professora e amiga Maria Beatriz Leite, que de uma maneira peculiar, concreta e generosa participou de mais esta etapa em minha vida .

RESUMO

Conhecer o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem de uma criança cega é de fundamental importância, tal qual o das demais crianças. Constatou-se que é necessário o emprego de algumas ferramentas para que este sujeito não seja impactado em seu caminho, devido, principalmente, ao acúmulo de dificuldades que se interpõem na fase inicial da sua vida. São indispensáveis vários estímulos, para que cada ser humano constitua-se como os outros, descobrindo talentos e qualidades, além de buscar continuamente as possibilidades para exercer a sua cidadania e jamais sentir-se "deficiente". É por acreditar neste conceito que realizamos esta pesquisa, sendo a amostra constituída por três crianças cegas que freqüentam escolas da rede pública de Pernambuco com idade variando entre cinco e seis anos. O objetivo desse estudo foi verificar os efeitos do emprego dos contos de fadas na ampliação da comunicação de crianças cegas. Os estímulos oferecidos foram às narrativas dos contos de fadas dos Irmãos Grimm. Após ser concluída esta atividade, foram observadas as expressões orais, bem como as trocas comunicativas manifestadas por tais crianças. Os encontros foram gravados, transcritos e posteriormente analisados. As análises foram feitas tendo como parâmetro as sugestões da abordagem qualitativa por melhor adequar-se a esse tipo de estudo. Tais análises comprovaram que a utilização das narrativas dos contos de fadas podem se constituir uma ferramenta importante para estimular o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças cegas, trazendo-lhes um desempenho mais expressivo, no que se refere, especialmente, a comunicação oral, além de se constituir um recurso que promove a interação social no espaço escolar. Uma das aspirações deste trabalho é apontar caminhos alternativos que possam trazer melhor qualidade ao período de escolaridade destas crianças, bem como reforçar a busca de novas pesquisas nesta área de conhecimento.

Palavras chave: linguagem – contos de fadas – cegueira.

ABSTRACT

It is of fundamental importance to know the process of acquisition and development of language in blind children as that in other children. It is also necessary to use some advisable tools so as not to impact those children on their way, mainly due to the accumulation of difficulties that interferes in the early stages of their lives. Several stimuli are essential, the most diverse as possible, so that each human being is just like the other, discovering talents and qualities and continually seeking opportunities to exercise the citizenship and nerve feeling different from the others. This research will be submitted with the main purpose of verifying the importance of fairy tales as a facilitator in the process of acquisition and development of language in blind children. The sample will be constituted by blind children who attend public schools in the state of Pernambuco, and are five to six years of age. The stimuli appear in the narrative (or reading) of the fairy tales of the Grimm Brothers. After having completed such activity the utterance and the communicative exchanges expressed by these children will be observed. Finally the results will be analyzed from a qualitative approach to better match the type of study. The respective investigation may contribute to the science and the social inclusion process, specifically to include school, bringing a more expressive performance of blind children especially with reference to oral communication.

Key words: language – fairy tales – blindness

SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO	09
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1. Fatos sobre a vida de Lev Semenovich Vygotsky	12
1.2. Pensamento e linguagem	14
1.3. Interação entre aprendizado e desenvolvimento	18
2. CEGUEIRA	21
2.1. Compreendendo a cegueira: alguns aspectos relevantes para a pesquisa	21
2.2. Considerações sobre a aquisição da linguagem em crianças cegas: marcas do diálogo mãe e filho cego	29
3. CONTOS DE FADAS: UM BREVE ESTUDO	40
3.1. Charles Perrault	47
3.2. Irmãos Grimm	47
3.3. Hans Christian Andersen.....	50
3.4. O Potencial terapêutico dos contos de fadas. Breves considerações.....	52
3.5 Não era uma vez... A importância dos contos de fadas em tempos atuais	59
II- METODOLOGIA	62
III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	116
ANEXOS	120

INTRODUÇÃO

“E no meio do inverno eu descobri que dentro de mim havia um verão invencível”

(Camus)

Este trabalho representa uma resposta às nossas indagações e inquietações diante da atual sociedade que em tantas ocasiões nos deixa perplexos com os seus pseudo valores.

Compreendemos, através de nossas experiências de vida, bem como através de nossas observações, que mesmo existindo o empenho de muitos com o propósito de construir tempos melhores, ainda existem barreiras que necessitam ser removidas. É necessário que a solidariedade e a partilha tomem o lugar do egoísmo, que o respeito e a tolerância se sobreponham ao preconceito e exclusão e que, sobretudo, o homem se humanize dia após dia.

Com esta compreensão de sociedade, surgiu em nós a vontade de pesquisar sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças cegas, buscando apontar possíveis caminhos que promovam a inclusão e removam as muitas formas de exclusão que são direcionadas a estas crianças, principalmente em seu espaço escolar. Fomos movidos pelo desejo de identificar se o emprego de algumas estratégias, quando utilizadas pela escola, amplia o desempenho da criança cega, tema pouco discutido nas agendas de pesquisas atuais. Por outro lado, não podemos esquecer que esse conhecimento, geralmente, não está ao alcance dos pais.

Isso nos remete a Alves (2008) quando menciona que os classificados “diferentes” estão logo de início fadados à solidão. Fisicamente são diferentes, não conseguem fazer o que todos fazem, da mesma maneira, e, com isso estão também excluídos do grupo.

Vale ressaltar que em nosso estudo refletimos também sobre a cegueira social, esta que nos impede de ver o essencial, o que realmente tem valor. “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que vêem, cegos que vendo, não vêem” (Saramago,1995).

Estamos certos que, mesmo quando estamos diante das nossas limitações, sejam elas físicas, emocionais, ou intelectuais, desejamos no íntimo parecer com os demais, carregando conosco o sentimento de pertencimento, tão importante aos seres humanos. Compreendemos, também, que as diferentes faces da deficiência, podem gerar profundos sofrimentos e condenar o indivíduo ao isolamento, ou, talvez, à sensação de ser só em meio a uma multidão.

Recorremos mais uma vez a Alves (2008) quando afirma que diante da deficiência existe sim o sofrimento em si, no entanto, a mais profunda dor vem primeiramente do olhar dos outros. Machuca porque, no espanto desses olhares, está registrado o “estigma-maldição”: você não é como todos, você é diferente.

Vygotsky (Veer e Valsiner;1991) afirmava, em tempos remotos, que não era a falta ou limitação física que trazia grandes sofrimentos, mas sim o problema que esta acarretava nas relações sociais. Isso, sim, deveria ser tratado como problema principal. Com estas constatações percebemos a necessidade e relevância de tal estudo: *Os contos de fadas: uma ferramenta no processo de desenvolvimento e aquisição da linguagem em crianças cegas.*

Mas quais são os nossos conceitos sobre linguagem? Qual é a sua importância no que se refere ao processo de inclusão social de cegos? Para Vygotsky (1998; 2007) a linguagem proporciona a nossa interação com o mundo e além de ser ferramenta de comunicação é também instrumento de pensamento. A nossa consciência nasce e se desenvolve através do contato com outro, nosso semelhante, portanto, nas relações sociais.

Compactuamos com esse pensamento e estamos convictos da importância da aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças cegas, pois ela (a linguagem) será um forte instrumento que encurtará distâncias entre videntes e não videntes e poderá, conseqüentemente, diminuir também os abismos sociais. Para isso será necessário incentivá-los de forma consciente, reflexiva e crítica ao uso da linguagem, especialmente a oral. Leonhardt (1992) em suas pesquisas com cegos afirma que eles necessitam descobrir o valor da comunicação.

Portanto, este trabalho teve como objetivo principal estimular a linguagem oral em crianças cegas e com isso promover a inclusão e interação social de tais sujeitos em seu ambiente escolar, tendo como ferramenta motivadora de trabalho as narrativas dos

contos de fadas, diante da constatação de diversos autores como Magalhães (2000); Ochaíta (1993); Leonhardt (1992) que mostram a interferência que a carência da visão pode provocar nestes processos.

Entre os objetivos específicos existe o interesse em identificar as implicações da cegueira no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, além de verificar as trocas comunicativas das crianças cegas, tendo como estímulo as respectivas narrativas.

A metodologia deste estudo proporcionou condições para a existência de momentos de intervenção nos quais foram utilizados cinco contos de fadas dos irmãos Grimm. Observamos as expressões de linguagem em três crianças cegas, que foram gravadas e após escuta cuidadosa foram transcritas e analisadas.

As análises abordam aspectos imitativos e interrogativos apontando-os como expressões de linguagem, além de identificar a função pragmática da fala e aspectos comunicativos não verbais em tais crianças.

Desta forma o trabalho foi constituído primeiramente de um estudo teórico, onde abordamos questões sobre linguagem e pensamento dentro da abordagem vygotskyana. Em seguida, refletimos sobre cegueira, trazendo também algumas considerações sobre a cegueira social. Ressaltamos, posteriormente, o processo de aquisição de linguagem em crianças cegas e as marcas do diálogo entre mãe e filho cego. Na segunda parte das considerações teóricas fizemos uma retrospectiva histórica sobre os contos de fadas, apresentamos algumas considerações sobre o potencial terapêutico deste gênero narrativo e a sua importância em tempos atuais.

Através de nossas leituras, buscamos dialogar com autores que discutem os temas citados acima e que, obviamente, tiveram relevância em nosso estudo. Procuramos, sobretudo, compreendê-los e somente após estes momentos, acrescentamos as nossas interpretações.

Subseqüente, no segundo capítulo, temos a metodologia, que descreve como a investigação foi realizada, apresentando todas as etapas do trabalho. O terceiro capítulo constou da transcrição e análises das trocas comunicativas com os sujeitos investigados e finalmente aparecem as considerações finais.

Como já mencionamos em outros momentos, este trabalho não se esgota aqui. Foram lançadas pequenas sementes que, certamente, contribuirão com pesquisas posteriores.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao iniciar a construção deste trabalho buscamos ler autores que aprofundaram temas referentes ao nosso objeto de estudo, em especial Vygotsky, e assim nos pautamos melhor a respeito das dificuldades que envolvem o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças cegas, fato que, quase sempre, não aparece como objeto de preocupação de estudiosos brasileiros. Constatamos que essas crianças, por não estarem privadas da comunicação oral, o seu processo de aquisição da linguagem, geralmente não consta na agenda dos pesquisadores da comunicação humana.

Os textos que seguem tem como principal objetivo apresentar os conceitos de Vygotsky que se referem à linguagem e pensamento, aprofundando aspectos sobre fala social, fala egocêntrica e fala interior. Abordamos também questões sobre a relação existente entre aprendizado e desenvolvimento. Porém, antes de fazer tal reflexão mostramos de forma sintética fatos sobre a vida deste grande estudioso, que, sem dúvida, estava à frente de sua época, pois percebemos que ainda hoje suas idéias respondem a muitos questionamentos, apontando para caminhos ousados, contribuindo assim para os avanços das pesquisas científicas. Pensamos que a abordagem de Vygotsky ainda é revisitada por muitos porque impressiona e fascina com a sua contemporaneidade.

1.1. Fatos sobre a vida de Lev Semenovich Vygotsky

Em 05 de novembro 1896 nasce Lev Semenovich Vygotsky, em Orsha, cidade provinciana na Biello Russia. Vygotsky ocupou o lugar de segundo em uma família com oito filhos. Seus pais eram membros de uma comunidade judaica em Gomel, bem instruídos e financeiramente equilibrados.

Vygotsky teve sua educação inicial em casa com professores particulares. Em sua própria moradia havia uma biblioteca onde ele gostava de passar as horas. Seus pais o incentivavam na leitura do Torá e ao respeito aos preceitos judaicos. Esses fatos são, portanto, indicadores que os Vygotsky pertenciam a uma classe com poder aquisitivo privilegiado e que valorizavam o saber, a cultura e a religião..(VEER E VALSINER ; 1996)

A literatura (Rego;1995, Veer e Valsiner;1996, Oliveira;1997) menciona que desde muito cedo ele tinha grande interesse pelo conhecimento e sempre foi um aluno dedicado. Interessava-se pelas artes, literatura e diferentes idiomas, chegando a estudar alemão, latim, hebraico, francês e inglês.

Ingressou no curso de medicina, por influência dos pais, mas após curto período de tempo retornou ao curso de direito, que havia sido iniciado anteriormente. Quando adolescente leu Hamlet de Shakespeare, escreveu rascunhos com análises a respeito do texto e posteriormente, em seu mestrado, escolheu a respectiva narrativa para aprofundar e escrever sua dissertação.

Rego (1995, p.21) afirma:

“O trabalho que apresentou no término desse curso foi um estudo do Hamlet, de Shakespeare.” A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca”, que mais tarde, 1925, deu origem ao livro *Psychology of Art* (Psicologia da Arte), que foi publicado na Rússia somente em 1965.”

Esses fatos parecem querer nos mostrar que ele teve uma vida acadêmica muito breve, porém, bastante rica e intensa. Parecia antever que viveria apenas por 37 anos.

Veer e Valsiner (1996) compactuam com o pensamento acima ressaltando que Vygotsky teve oportunidade de penetrar em diversas áreas de conhecimento e aprofundar diferentes temas (artes, literatura, lingüística, antropologia, cultura, ciências sociais, psicologia, filosofia). Buscou também compreender os processos mentais humanos quando desenvolveu um trabalho envolvendo pessoas com deficiência (cegueira, surdo - cegueira, afasia e retardo mental severo). Em 1924 publicou o seu primeiro trabalho nesta área, época que determinou o seu maior interesse pela Psicologia.

Porém, a literatura pesquisada (em Veer e Valsiner;1996, Oliveira;1997; Rego;1995) não aponta apenas para os momentos de vitórias da vida de Vygotsky, ao contrário, menciona sobre as grandes tribulações as quais ele teve que passar, marcadas por grande sofrimentos e perdas.

Os últimos anos de sua existência foram particularmente difíceis e nada apropriados ao trabalho científico (Veer e Valsiner; 1996). Primeiramente porque precisou viver

com a esposa e filhas em um quarto de apartamento superlotado (condição comum a muitos dos seus compatriotas), em segundo lugar porque para garantir a sobrevivência dele e da própria família precisou assumir diferentes trabalhos que envolviam viagens constantes entre Moscou, Leningrado e Kharkov. Além disso, a tuberculose reincidia constantemente e por diversas vezes obrigava-o a passar por tratamentos longos e dolorosos e isso o fazia conviver sempre com a sombra da morte.

Em 11 de junho de 1934 ela, a morte, chegou. Vygotsky morre, após catorze anos de sofrimentos causados pela tuberculose. Ele deixou muitos livros, artigos e manuscritos não publicados. Deixou uma família amorosa e muitos alunos que fizeram de tudo para preservar e difundir as suas idéias (VEER E VALSINER; 1996).

Mesmo tendo se passado mais de meio século o pensamento de Vygotsky continua sendo estudado por diversas pessoas. Um acontecimento que muitos ainda precisam entender inteiramente. Segundo Oliveira (1997) a abordagem de vygotskyana é contemporânea. Isso, provavelmente, explicaria o intenso e recente interesse por seu trabalho, não apenas no Brasil, mas em outras nações também.

Com esses breves dados sobre a vida de Vygotsky, avançaremos aprofundando os seus conceitos sobre pensamento e linguagem.

1.2. Pensamento e Linguagem

Para Vygotsky (1998) a função primordial da fala é a de intercambio social. Em suas pesquisas, ele mostra que as expressões sonoras emitidas por uma criança, ainda que sejam expressões rudimentares, já estão imbuídas do desejo de trocas comunicativas. Vygotsky (1998) (citando as pesquisas feitas por Charlotte Buehler) corrobora seu pensamento mencionando que o balbúcio, o choro, as risadas e os sons inarticulados, em muitas situações não podem ser limitados apenas às questões de descarga emocional, reconhecendo-os, também, como expressões legítimas de contatos sociais. Vale ressaltar que para o autor, é um tipo de linguagem que ainda não estabeleceu relações com o intelecto, ou seja, com o pensamento. É instintiva e inconsciente.

É sabido que, de acordo com a abordagem vygotskyana, o pensamento e fala não se originam em momentos simultâneos. É sabido também que seguem trajetórias diferentes

e não há relação clara e constante entre eles. De acordo com Vygotsky (1998) essa foi a maior descoberta no que se refere ao estudo da gênese do pensamento e da fala. São palavras dele:

“O fato mais importante revelado pelo estudo genético do pensamento e da fala é que a relação entre ambos passa por várias mudanças. O progresso da fala não é paralelo ao progresso do pensamento. As curvas de crescimento de ambos cruzam-se muitas vezes; podem atingir o mesmo ponto e correr lado a lado, e até mesmo fundir-se por algum tempo, mas acabam se separando novamente. (VYGOTSKY;1998)

Vygotsky (1998) buscando compreender os caminhos percorridos por esses dois fenômenos, fala e pensamento, trabalha com o desenvolvimento da espécie humana (pesquisas feitas com primatas superiores – filogenia) e com o desenvolvimento do indivíduo (ontogenia). Percebe-se que em ambos há uma fase pré-lingüística do desenvolvimento do pensamento e uma fase pré- intelectual do desenvolvimento da fala. Na fase pré-lingüística do desenvolvimento do pensamento ocorrem resoluções de problemas sem que seja necessário o uso da fala, uma espécie de inteligência prática e na fase pré-intelectual da fala, existe a expressão sonora, temos como exemplo o balbucio, o choro da criança e até mesmo algumas palavras, porém, em tais expressões não há relação com o pensamento, é uma espécie de linguagem que provoca o alívio emocional e o contato, ainda que seja de forma rudimentar, com os seres da mesma espécie.

Existe, no entanto, um momento (aproximadamente aos 2 anos) em que as curvas do desenvolvimento da fala e do pensamento se encontram e inicia-se uma forma de comportamento sofisticado, em que os pensamentos podem ser verbalizados e a fala está a serviço do intelecto.

“Antes desse momento crítico, a criança reconhece de fato um pequeno número de palavras que, como ocorre no condicionamento, substituem objetos, pessoas, ações, estados ou desejos. Nessa idade, a criança conhece apenas as palavras que aprende com outras pessoas. Agora a situação muda: a criança sente a necessidade das palavras e, ao fazer perguntas, tenta ativamente aprender os signos vinculados aos objetos” (VYGOTSKY ; 1998).

Vygotsky apresenta dois sintomas para este momento. Primeiramente a criança inicia um processo de curiosidade e quer descobrir o nome das coisas, subsequente, ocorre, em grande velocidade, a ampliação do vocabulário. É um momento em que a criança parece compreender a simbolização das palavras. A fala agora é intelectual e os pensamentos podem ser verbalizados. Vygotsky (1998) considera esta etapa da vida da criança como sendo crucial, pois é o biológico que se transforma em sócio histórico.

O pensamento de Vygotsky (1998; 2007) sobre as três formas de linguagem (fala social, egocêntrica e interior) é bastante elucidativo no que se refere às relações existentes entre a fala e o pensamento. Compreende-se que o caminho seguido pelo desenvolvimento do pensamento e da linguagem vai do social para o individualizado. Através da literatura pesquisada (Vygotsky,1989, 2007: Bronckart, 2003) constata-se que a fala social age sobre os demais indivíduos, enquanto que a fala egocêntrica (que também é classificada como social na abordagem vygotskyana) age sobre a própria pessoa, controlando o comportamento e ao mesmo tempo servindo de descarga emocional, sendo também utilizada como ferramenta facilitadora na resolução de problemas e a fala interior são as próprias representações do indivíduo, são os seus próprios pensamentos.

A fala social da criança, ainda que tenha características difusas (balbucio, choro, primeiras palavras) é primordialmente social. Inicialmente é global e apresenta-se também com outras funções (alívio emocional), porém, em um determinado momento esta fala divide-se em egocêntrica e comunicativa, sendo as duas classificadas pelo o autor, como sociais.

“A fala mais primitiva da criança é, portanto, essencialmente social. A princípio, é global e multifuncional; posteriormente, suas funções tornam-se diferenciadas. Numa certa idade, a fala social da criança divide-se muito nitidamente em fala egocêntrica e fala comunicativa. Do nosso ponto de vista, as duas formas, a comunicativa e a egocêntrica são sociais, embora suas funções sejam diferentes.” (VYGOTSKY, 1998).

A fala egocêntrica é também considerada por Vygotsky (1998), como social. Ele atribui grande valor a essa forma de linguagem (como foi mencionado anteriormente), principalmente por ela representar a transição para a fala interior, e

também porque nela a criança busca caminhos para solucionar problemas quando se depara com situações complexas, além de servir como uma forma de descarga emocional diante de estresses e principalmente porque nela está a indicação da necessidade de pensamento.

Através dos estudos feitos sobre a fala egocêntrica o autor comprova a hipótese que o desenvolvimento do pensamento segue um caminho que parte do social para o individualizado. São palavras dele: “A fala egocêntrica emerge quando a criança transfere formas sociais e cooperativas de comportamento para a esfera das funções psíquicas interiores e pessoais” (VYGOTSKY;1998).

A fala interior é uma forma de linguagem onde o indivíduo estabelece um diálogo consigo próprio. É uma fala sem vocalização, apresentando uma estrutura peculiar, mostrando-se fragmentada e abreviada. A fala interior colabora com as operações psicológicas da pessoa. Vygotsky (2007) postula que a fala interior organiza o pensamento da criança, ou seja, torna-se uma função mental interna.

Poderíamos perguntar qual o elo que une a fala aberta da fala interior. De acordo com Vygotsky (1998) este elo encontra-se na fala egocêntrica. Portanto, de acordo com o autor (1998) esta fala interioriza-se antes psicologicamente e, apenas depois, é interiorizada fisicamente. Por este motivo Vygotsky (1998) valoriza tanto a fala egocêntrica, por ser ela, enquanto função, fala interior. Para ele a fala egocêntrica segue sua trajetória para a interiorização e está intimamente ligada à organização do comportamento da criança.

Concluimos, portanto, compreendendo que a relação existente entre pensamento e o desenvolvimento da linguagem na abordagem de Vygotsky é uma questão central e por ele é abordada com bastante complexidade, é tratado como processo em contínuo movimento. Como o próprio autor (1998) menciona: “(...) a relação entre pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa.”

A seguir faremos algumas considerações sobre a relação existente entre o aprendizado e desenvolvimento. Um dos temas centrais na obra de Vygotsky e que para nós, educadores, é bastante pertinente.

1.3. Interação entre aprendizado e desenvolvimento

Vygotsky (2007) atribui grande valor ao papel do aprendizado para que o indivíduo se desenvolva em plenitude. Para ele existem relações estreitas entre esses dois fenômenos. O autor postula também que o aprendizado se inicia muito antes da criança freqüentar a escola e acontece nas interações com outros indivíduos da mesma espécie, pressupondo, assim, um caráter social específico.

Portanto, compreendemos que Vygotsky (2007) reconhece e valoriza o processo de desenvolvimento que é determinado pelo nível de maturação biológica do indivíduo, no entanto, o seu pensamento ressalta principalmente que é através do aprendizado, em situações de interação social, na relação com os outros, que ocorrem o despertar de processos de desenvolvimentos internos no indivíduo.

Corroborando este pensamento Oliveira (1997) menciona que um indivíduo que vive em uma comunidade que não se apropriou da linguagem escrita, se permanecer ao longo da vida neste grupo, jamais será alfabetizado. No entanto, se esse mesmo indivíduo muda-se para outro grupo, diferentemente do seu, que apropriou-se da escrita, ele poderá ser alfabetizado e o seu desenvolvimento, conseqüentemente, será também alterado. A autora traz também outro exemplo quando diz que se uma criança crescesse em um ambiente de surdos, mesmo possuindo todos os aparatos orgânicos necessários para o desenvolvimento da linguagem oral, não seria capaz de desenvolvê-la.

Existe, no entanto, uma discussão entre aprendizado escolar e não escolar. Há diferença entre ambos? Alguns estudos mostram que a diferença está apenas no fato de que um é sistematizado, enquanto o outro não é.

Vygotsky (2007) segue adiante, aprofundando questões sobre o aprendizado escolar que apontam para algo diferente no desenvolvimento da criança. Com isso, traz conceitos novos e etapas distintas desse processo. Trabalha com etapas de desenvolvimento, as quais foram nomeadas por ele de nível de desenvolvimento real e nível de desenvolvimento potencial. Na primeira etapa são identificados, no desenvolvimento das funções mentais da criança, ciclos que se fecharam, já se completaram, já encontraram o próprio amadurecimento. O desenvolvimento nesta etapa é visto por um ângulo retrospectivo. São palavras de Vygotsky (2007):

Se ingenuamente perguntarmos o que é nível de desenvolvimento real, ou formulando de forma mais simples, o que revela a solução de problemas pela criança de maneira mais independente, a resposta mais comum seria que o nível de desenvolvimento real de uma criança define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. Se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independentemente, isso significa que as funções para tal e tal coisa já amadureceram nela.

O nível de desenvolvimento potencial aponta para situações as quais a criança não é capaz de apresentar respostas sem que tenha a ajuda de outro(s) indivíduo(s). Vygotsky (2007) dá grande importância aos estudos feitos sobre a zona de desenvolvimento proximal, elucidando-nos que é a distância entre o desenvolvimento real e o potencial.

A zona de desenvolvimento proximal define funções que ainda não foram amadurecidas. Estão em seu estado embrionário, que ainda amadurecerão. Para ele são funções as quais poderiam ser nomeadas por brotos ou flores do desenvolvimento, em vez de frutos. Através da zona de desenvolvimento proximal o desenvolvimento pode ser visto prospectivamente.

O conceito de zona de desenvolvimento proximal traz grandes contribuições para as áreas de Educação e Psicologia, pois torna possível compreender o curso interno de desenvolvimento, identificar processos de maturação que já foram completados, bem como daqueles que ainda se completarão, portanto, estão em estágio de desenvolvimento. O próprio Vygotsky (2007) afirma:

A zona de desenvolvimento proximal pode, portanto, tornar-se um conceito poderoso nas pesquisas do desenvolvimento, conceito este que pode aumentar de forma acentuada a eficiência e a utilidade da aplicação de métodos diagnósticos de desenvolvimento mental a problemas educacionais.

Para a nossa investigação esse conceito ajudou-nos muito, pois convidou-nos também a reavaliarmos o papel que tem a imitação no processo de aprendizagem. Algo que será tratado em nossas análises, com um olhar bastante positivo no que se refere a

aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças cegas. Na abordagem vygotskyana a imitação deixa de ser vista como algo mecânico e é apontada como um fato que estimula as crianças a avançarem em seu processo de desenvolvimento.

Concluimos, portanto, evidenciando o valor que foi atribuído por Vygotsky (2007) ao aprendizado. Para ele uma função essencial do aprendizado é o fato dele criar a zona de desenvolvimento proximal. Através do aprendizado muitos processos internos de desenvolvimento na criança são despertados, isto é, são possibilitados em momentos de interação da criança com pessoas de seu ambiente ou em situações de cooperação com os seus companheiros.

2. CEGUEIRA

2.1 Compreendendo a cegueira: alguns aspectos relevantes para a pesquisa.

Parece-nos difícil discutir a respeito da cegueira, por constatar que proporcionalmente, há poucos cegos, quando esta população é comparada ao número de videntes.

O que é a cegueira? Provavelmente encontraremos diferentes respostas para tal pergunta. Respostas que apontam para uma visão científica, educacional, filosófica, médica, antropológica, religiosa, social, literária, metafísica, entre outras.

Rosa e Ochaita (1993) definem a cegueira como uma deficiência sensorial, que segue um continuum desde transtornos leves até a incapacidade visual total. Vygotsky, em seus estudos sobre defectologia (1924), deu a sua definição afirmando que cegueira não significa apenas a falta de visão, ela provoca uma profunda reorganização de todas as forças do organismo e da personalidade, da pessoa que a possui.

Vygotsky (1924) também argumentou que o problema social causado por ter uma deficiência física deveria ser considerado como mais importante do que mesmo a própria limitação orgânica. Buscaglia (1997) compactua com o mesmo pensamento quando afirma que as atitudes destes indivíduos serão determinadas (em grande parte) pela forma como são vistos pela sociedade.

Compreende-se, então, que para Vygotsky a cegueira (ou outra deficiência física) foi abordada também como um fato social, pois, segundo ele, afetaria principalmente as relações sociais. Veer e Valsiner (1991) mencionam também que Vygotsky querendo dar força ao seu pensamento fez uso das palavras de um estudioso contemporâneo para afirmar que crianças cegas não têm a percepção psicológica de sua cegueira. Elas, porém, a compreendem a partir das relações sociais, resultado secundário que foi mediado por experiências vividas em sociedade.

Dando continuidade ao tema em estudo percebe-se, segundo Amiralian (1997), que a cegueira para os que enxergam tem seu significado e para aqueles que não possuem a visão, tem outro sentido, pois o ser humano traz consigo seus conceitos a partir da percepção de mundo que foi, por ele, construída ao longo dos anos.

Observa-se também que o indivíduo cego é quase sempre visto pelos videntes como alguém marcado por uma deficiência, incapacidade de desenvolver uma vida social, dentro de parâmetros participativos esperados. Amiralian (1997,p.22.), afirma:

“Quando falamos ou pensamos em pessoas cegas imediatamente nos vem à mente a imagem de uma pessoa sofrida, que vive nas trevas, em eterna escuridão”.

Tais pensamentos colocam esses sujeitos em uma situação de inferioridade diante daqueles que possuem visão.

Portanto, é possível também considerar a cegueira como uma grande tragédia para quem convive com ela e a impossibilidade de ver pode apontar para aspectos ligados a invalidez, incompetência, sujeira, desorientação debilidade e castigo dos céus. Buscaglia (1997) nos diz que o estereótipo mais comum àqueles que tem qualquer deficiência é pensá-los como pessoas que carregam grande sofrimento, cuja vida está abalada, transtornada e destruída para sempre. Ele afirma que vemos esse “ser” como “*pobrezinho*”, alguém mergulhado em seus problemas e para quem qualquer tipo de possibilidade é impossível, quando não superficial.

No entanto, podemos considerar outra versão desse sentir. Estamos falando de cegos que conseguiram superar os limites da sua perda e desenvolver habilidades que permitem com que atuem produtivamente na sociedade.

Portanto, podemos, talvez, supor que o fato de ser capaz de “enxergar”, (que necessariamente não significa realmente ver) está intimamente relacionado à inteligência e intelectualidade. Isso nos faz pensar que conceitos elaborados desta forma somente darão continuidade à segregação e exclusão de pessoas cegas na sociedade contemporânea.

Ao se tratar das diferentes formas de conceber as pessoas que apresentam alguma diferença física (entre elas a cegueira) comprovamos, através da literatura pesquisada, (Dall’Acqua (2002) ; Amiralian (1997); Buscaglia (1997), bem como observando a nossa própria história, que são muitos os conceitos, que se traduzem nas mais diversas formas, são, portanto, pensamentos que se perpetuam ao longo dos tempos.

Quando se trata de ausência de visão é sabido que quase sempre a luminosidade nos remete aos aspectos belos, alegres e positivos da existência humana e o escuro,

contrariamente, nos faz lembrar os sofrimentos da alma, as impossibilidades da vida, os fracassos humanos, enfim nos remete ao negativo.

É sabido também, que desde tempos remotos a luz esteve interligada à sabedoria e inteligência, e o escuro à falta de discernimento e às trevas, além do que se refere quase sempre ao que não é lícito.

Corroborando este pensamento, Amiralian (1997) nos elucida: “ Assim em nossa mente, identificamos o não ver com a incompreensão, incompetência ou incapacidade de compreender e conhecer com perspicácia e profundidade as verdades do mundo”.

Como já comentamos, existem também aqueles que atribuem ao cego valores diferenciados e muitas vezes irrealis. Alguém capaz de ver com o coração, vencedor por superar obstáculos impostos pela sociedade, detentor de talentos superiores. Isso nos faz pensar que atitudes em relação às pessoas com deficiências nem sempre são negativas.

De acordo com Buscaglia (1997) e Dall’Acqua (2002) há pessoas que os olham como pessoas especiais, crêem, portanto, que no cego existe uma maior percepção auditiva. Pensam, também, que devido aos muitos sofrimentos que tiveram que suportar compreendem a vida de forma mais mística, são mais tolerantes e pacientes diante das tribulações.

Também há aqueles que pensam que o cego tem o dom de ver além do que os olhos físicos proporcionam, permitindo que eles se movam em um mundo místico, transitando entre o passado e futuro.

No entanto, Buscaglia (1997) nos esclarece que neles não há uma maior percepção auditiva, como pensam alguns, eles apenas a usam com maior eficiência e nos lembra também que para alguns a presença do sofrimento pode torná-los indivíduos frágeis e vulneráveis, bem como o contato com a dor pode ser por demais tortuoso trazendo conseqüências nocivas e constantes.

Enfim, como já foi dito anteriormente, são diversos e diferentes os olhares quando se trata de aprofundar aspectos referentes à cegueira. Dall’Acqua (2002) em seus estudos aprofunda o tema esclarecendo que:

“Ao longo da história, muitas maneiras de compreender a problemática das deficiências (entre essas a cegueira) foram sendo construídas, modificando-se, alternando-se e, por vezes, até coexistindo simultaneamente sob a forma de atitudes sociais diversas

em relação àquelas pessoas consideradas divergentes para os padrões da normalidade imposto pelo sistema social.”

A literatura estudada (Chauí, 1992) menciona também que na linguagem cotidiana o ver está ligado ao pensar. Na própria linguagem do dia a dia há relações que pontuam isso. Eis alguns exemplos: “evidente”, “sem sombra de dúvida”, “visões de mundo”. Tais palavras trazem consigo o sentido de certeza do conhecimento perfeito, algo verdadeiro, a compreensão de diferentes enfoques sobre culturas. Amiralian (1997) esclarece-nos, através dos seus estudos, que olhar não está unicamente relacionado ao conhecer e pensar. O fato de olhar algo pode significar transmitir energia, induzir ao bem ou ao mal. Ao olho também é atribuído a responsabilidade de controle, cuidado e de guardião.

Contudo, parece-nos possível pensar que a cegueira para o cego tem outro sentido, e, ele, como todas as outras pessoas, terá também a sua forma de estar nesta civilização, e saberá encontrar os caminhos necessários, dentro de um tempo que somente por ele será estabelecido, para compreendê-la. Pode-se imaginar que este sujeito elabora o mundo com outros “olhos”, o apreenda de outra forma. Rosa e Ochaíta (1993) falam sobre vias alternativas que podem ser encontradas através de outros órgãos sensoriais para que o cego construa o seu próprio desenvolvimento.

Todavia, parece-nos oportuno lembrar que essa limitação provoca conflitos e sentimentos que são comuns àqueles que a possuem, seja pela aparência, ausência de percepção visual ou até mesmo pelos significados que lhe foram atribuídos, consciente ou inconscientemente. Porém, ao se falar em indivíduos não seria inteligente delinear conceitos rígidos, já que cada ser humano é único e traz consigo peculiaridades que são somente suas (ROSA E OCHAITA, 1993). Há, portanto, aspectos que os assemelham aos outros, porém, são abundantes as adversidades.

Partimos do pressuposto que vale ressaltar características gerais, porém sempre reconhecendo e valorizando as individuais. Acreditando e defendendo a idéia de que a beleza e o encanto da raça humana consistem exatamente em sermos tão diferentes uns dos outros e ainda assim nos sentirmos parceiros, irmãos.

Ao mesmo tempo em que se dá valor a presença de conflitos e sentimentos coletivos entre cegos, faz-se também necessário mencionar que a história pessoal de

cada indivíduo, principalmente as experiências vividas e mediadas em sua infância, seja ele cego ou vidente, determinarão, com muita intensidade, o seu comportamento diante das dificuldades, dores e adversidades que a vida impiedosamente lhe apresentará.

Aqui é importante comungar mais uma vez com o pensamento de Vygotsky (1988) quando ele nos mostra que a deficiência física não deveria ser pensada como fraqueza, mas poderia ser compreendida como força ou riqueza.

Abordando agora a cegueira nos aspectos médicos, ela é vista como algo grave, pois a visão é um dos sentidos que tem maior importância nos processos de interação entre o homem e o mundo, bem como ajuda na compreensão de si mesmo.

Araújo (2008) menciona que uma pessoa para ser considerada legalmente cega, ela deve ser incapaz de ver a 6 (seis) metros o que uma pessoa com acuidade máxima vê a 60 metros. Araújo (2008) faz referência a OMS (Organização Mundial de Saúde) de 1972, a qual afirma que cegos são aqueles que apresentam acuidade visual (grau de aptidão do olho para discriminar os detalhes espaciais) de 0 a 20/200 pés de distância ou que tenham um ângulo visual restrito a 20° de amplitude. Leonhardt (1993) faz a seguinte classificação do déficit visual: crianças cegas congênitas (as que apresentam cegueira no momento do nascimento ou em um período imediato), crianças com baixa visão (agudeza visual é inferior a 10 - 30%), Há aquelas que adquirem a cegueira após os primeiros 12 (doze) meses de vida e crianças cegas ou de baixa visão com afetações cerebrais (estas apresentam maior heterogeneidade em seu desenvolvimento.) Porém, por perceber que são conceitos complexos e dentro de uma abordagem clínica, não vamos nos deter neste aspecto, aprofundando a cegueira em outras dimensões.

Não se pode deixar de reconhecer que um indivíduo cego poderá desenvolver-se igualmente como um vidente, ter sucesso nos mais diversos aspectos da vida, seja afetivo, social ou econômico.

Para Rosa e Ochaíta (1993) há um grande número de pessoas que apresentam alguma deficiência, seja cegueira, surdez ou surdo-cegueira, dentre outras, que não são apenas pessoas eficientes, mas também são indivíduos proeminentes. Os autores trazem como exemplo para mostrar tal eficiência e proeminência o império econômico construído por cegos na Espanha, através da ONCE (Organização Nacional dos Cegos da Espanha).

Amparados na literatura citada acima nos parece possível supor que o desenvolvimento intelectual, afetivo e social de pessoas cegas, como também de videntes está intimamente ligado às interações estabelecidas com outros seres humanos, principalmente aquelas interações que foram construídas na primeira infância. Portanto, compreendemos que se para uma criança vidente um ninho de amor encontrado por ela será fundamentalmente importante para o seu processo de desenvolvimento, para uma criança cega este ninho terá, sem sombra de dúvidas, um valor inimaginável.

Rosa e Ochaíta (1993) mencionam que mesmo que seja por vias alternativas, é possível para o cego alcançar um nível de desenvolvimento similar ao de uma pessoa vidente.

Contrariamente, aos que muitos pensam o cego não vive totalmente exposto à falta de luz, nas trevas ou em uma total escuridão. Sabe-se que somente em casos raríssimos acontece uma completa ausência de percepção visual. Rosa e Ochaíta (1993) afirmam que a grande maioria da população cega possui algum nível de visão funcional, ainda que seja (em casos graves) apenas a presença de luz, sombras ou objetos em movimento. Os autores concluem esclarecendo que somente um percentual muito limitado não possui nenhuma sensação visual.

Chama-nos a atenção para o fato de que existe ligação entre cegueira, pobreza e desinformação. De acordo com Dorina Nowwill muitos casos poderiam ter sido evitados se ações preventivas tivessem acontecido. Entre essas, citamos algumas: aconselhamento genético em caso de matrimônios consanguíneos, acompanhamento pré-natal, pois existem algumas doenças, tais como rubéola, sífilis e toxoplasmose, que podem causar cegueira ou baixa visão no feto, vacinação infantil para evitar doenças que possam causar problemas visuais como sarampo, rubéola, meningite, varíola, bem como manter fora do alcance das crianças produtos de limpeza, objetos pontiagudos, fogos de artifícios e plantas tóxicas. Além disso, deve-se estar atento às inflamações dos olhos e problemas infecciosos que ocorrem na garganta e nos dentes.

É muito oportuno lembrar ainda a importância da visão, especialmente em um mundo que está organizado para os que enxergam e que não se interessam por lugares desprovidos de luz, classificando-os como espaços limitantes. De acordo com Leonhardt (1992, p.08) “*A visão nos possibilita o contato com um mundo atraente*”.

Momento após momento, somos invadidos por um turbilhão de imagens. Algumas belas e outras, no entanto, negam a simplicidade, trazem uma beleza travestida e falsa, adulterando aspectos verdadeiramente estéticos, colocando-nos diante de uma dura realidade.

Percebe-se que o mundo é predominantemente luminoso e colorido. Leonhardt (1992) menciona que a visão nos proporciona o contato com milhares de formas, cores, experiências e situações. Muitas das nossas experiências e escolhas ao longo de toda vida resultam do nosso olhar sobre elas. Parece-nos que aos olhos não é permitido um pouco de descanso. *“O ver parece ocupar, cada vez mais, um lugar de destaque em nossa vida”* (Amiralian,1997,23)

Em nossas leituras (Rosa e Ochaíta (1993), Leonhardt (1992); Amiralian (1997) constatamos também que os estudos relacionados à cegueira esclarecem a respeito da grande importância da visão para o ser humano. Leonhardt (1992) afirma que do total de informações que recebemos do nosso entorno, 80% é proporcionada pelo sentido da visão. Ela afirma também que a visão desempenha o papel de organizadora da experiência, sintetizando-a e possibilitando a formação de imagens em nosso pensamento. Rosa e Ochaíta (1993) ressaltam que o sistema visual é uma das tecnologias mais poderosas, precisas e eficientes que a natureza já desenvolveu.

Reafirmamos que em uma sociedade moderna a comunicação se estabelece também e principalmente através dos meios visuais. As imagens televisivas invadem todos os dias os nossos lares, as vitrines com suas mil possibilidades colore as nossas ruas e shoppings, as propagandas silenciosas que são colocadas em paredes, *outdoors* e panfletos nos apontam para as mais diversas informações. Até mesmo o nosso modo de vestir diz algo sobre nós mesmos. São novas formas de linguagem que aos poucos tomaram o lugar das formas de comunicação sonora, são linguagens não verbais.

Enfim, ainda uma vez é pertinente lembrar as palavras de Leonhardt (1992) quando nos diz que vivemos em um mundo de cores e formas. Partindo dessas proposições, é possível conjecturar a quantidade de conhecimentos perdidos quando não se tem visão, e, mesmo quando outros sentidos tentam compensar a sua ausência ou trabalhar duplamente, as informações adquiridas serão, provavelmente, mais restritas.

Portanto, a partir de tais reflexões podemos pensar sobre os entraves que a cegueira pode proporcionar no desenvolvimento do ser humano, quando a ele não são dadas as

oportunidades de interação e vida em sociedade. Porém, Veer e Valsiner (1991) mencionam que, de acordo com Vygotsky, quando a este indivíduo são oferecidas as mais diversas oportunidades sociais então acontece a “superação da cegueira,” uma adaptação diferente à vida.

Voltando ao tema sobre os entraves que a cegueira pode proporcionar, Leonhardt (1992) elenca algumas dificuldades que acontecem no processo de desenvolvimento em cegos. Tais entraves são: o desenvolvimento da percepção e a vulnerabilidade, as dificuldades de compreensão do próprio entorno e de interagir com os outros, dificuldades também relacionadas com os processos ligados às organizações mentais e capacidade de evolução.

Reconhecemos e valorizamos tais estudos (Leonhardt;1992; Ochaíta;1993). Sabemos que são pilares fundamentais no processo de construção e desconstrução do nosso próprio conhecimento e acreditamos também que o indivíduo cego pode superar todos os obstáculos que vão se apresentando ao longo da vida e desenvolver normalmente as próprias habilidades, principalmente quando este recebe da família o amor (compreendemos que o amor é o sentimento mais nobre de todos, pois nele está contido a atenção, o estímulo, o respeito, a capacidade de acreditar no ser amado, etc... quando amamos alguém não o aprisionamos em nossos medos, mas o ajudamos a voar alto) necessário para enfrentar as adversidades da vida. Buscaglia (1987) nos lembra que às vezes estamos tão preocupadas em realizar tarefas para as pessoas que tem alguma deficiência que esquecemos de amá-las.

Além do amor daqueles que lhes são mais caros e próximos é importante para o pleno desenvolvimento destes indivíduos o direito de desfrutar de políticas públicas verdadeiramente comprometidas com aspectos sociais que os estimulem em direção a uma vida saudável em suas mais diversas nuances, sejam educacionais, culturais e/ou religiosas.

Políticas públicas que, sobretudo, o vejam como um ser humano, o olhem como uma pessoa com deficiência, sem camuflar ou negar sua limitação, porém o reconhecendo como alguém com muitas potencialidades que podem e devem ser desenvolvidas. Políticas públicas que o percebam como alguém singular (assim somos todos nós), porém um ser da mesma espécie, da mesma raça, a humana. Políticas

públicas que dêem a esse sujeito as condições necessárias para que ele possa alcançar vãos antes inimagináveis.

As reflexões acima nos convidam a fazer a seguinte pergunta: como é elaborada a cegueira para o cego, em uma cultura onde o sistema visual parece ser determinante? Para esse questionamento ainda não temos respostas, podendo, quem sabe, ser objeto de estudo em momentos posteriores.

Todavia, é importante, neste fragmento da pesquisa, refletir também sobre o cego social, aquele que olha e não enxerga o seu entorno. “Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que vêem, cegos que vendo, não vêem (Saramago,1995).

Portanto, cego que vê, mas não consegue perceber as injustiças e desigualdades, é incapaz de olhar o outro ser humano que passa ao seu lado, identificá-lo como o seu próximo, irmão, semelhante, e, muito menos reconhecer-se nele, com suas próprias contradições, sofrimentos e incoerências. Talvez, esta seja a mais preocupante cegueira.

2.2 Considerações sobre a aquisição da linguagem em crianças cegas: marcas do diálogo mãe e filho cego

A aquisição da linguagem em uma criança cega é de fundamental importância em seu processo de desenvolvimento, tanto nos aspectos cognitivos, como nos afetivos e sociais. Através da respectiva apropriação essa criança poderá verbalizar sentimentos, estabelecendo, assim, vínculos com aqueles que estão ao seu redor. Também lhe será possível emitir pensamentos, e isso proporcionará a realização dos seus próprios desejos, além do que poderá, através da linguagem, expressar sua compreensão de mundo, sentindo-se, dessa forma, mais integrada e participante dele.

Neste texto recorreremos muitas vezes à Vygotsky por sabermos que os aspectos relacionados à linguagem ocupam lugar de destaque em sua abordagem, como também porque ao longo de nossa investigação nos apoiamos principalmente em seu pensamento.

Compreende-se e vale ressaltar que para Vygotsky (1988;1998) os sistemas de linguagem são criados por nós com o objetivo de obter a comunicação com os nossos semelhantes. Portanto, função primeira da linguagem é o intercâmbio social.

Oliveira (1997) destaca que é bem concreta essa necessidade de comunicação em bebês que iniciam o processo de aquisição da linguagem, apesar dele não saber articular as palavras e muito menos compreender os seus significados quando pronunciadas pelos adultos, utiliza gestos, balbucios para mostrar os seus estados emocionais, como também para estabelecer o contato social.

A literatura através de Vygotsky;Luria;Leontiev (1988) ainda ressalta a importância da fala inicial da criança no processo de construção do pensamento. Portanto, compreendemos que a necessidade de comunicação (inerente aos seres humanos) estimula o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Nesse caso, seria possível pensar que o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem acontece de forma diferente para videntes e não videntes?

Cutsforth (1969) declara que:

“nomes de coisas circulam entre a criança cega e seus companheiros, dotados de visão, como se tivessem o mesmo significado, para ambos. Mas o nome da coisa vista, apesar de ser a mesma palavra, tem uma significação diferente do nome da coisa sentida”.

De acordo com o pensamento acima, compreende-se então, que a palavra terá verdadeiro significado para a criança cega, quando a ela for possível apreendê-la a partir do toque e do sentir. Caso contrário, a sua fala será uma mera reprodução sonora, que não haverá significado. Tal comportamento, segundo Cutsforth (1969) é denominado de irrealidade verbal, também chamado de verbalismo, ou seja, a capacidade de fazer uso de algumas palavras sem o processo de experiência.

Amiralian (1997) aprofunda o tema mostrando que a dificuldade das crianças cegas em adquirirem o significado das palavras explicaria a ecolalia e verbalismos, características freqüentes entre elas. A autora (1997) faz a seguinte afirmação:

“Enquanto o cego experiencia o mundo pelo tato, audição, cinestesia, olfato e gosto, o mundo lhe é explicado pela linguagem daqueles que pouco se utilizam deste conjunto de experiências sensoriais”.

Isso fez-nos pensar (a princípio) que por algumas vezes o uso da palavra em cegos, é apenas uma possibilidade de imitar as pessoas que medeiam-lhe o mundo, o qual, a eles é distante e divorciado de suas próprias percepções.

No entanto, compreendemos, depois, através das leituras que se seguiram Vygotsky (1998); Oliveira (1997); Rosa e Ochaíta (1993) que o processo imitativo pode ser algo positivo no processo de aquisição da linguagem, também, em cegos, algo que tem um significado, possivelmente esta imitação significa algo que pode ser reelaborado pelo indivíduo.

Na abordagem de Vygotsky (1998) a atividade imitativa significa contribuição no processo de desenvolvimento da criança e não é vista apenas como algo mecânico. Oliveira (1997) esclarece que para Vygotsky “*imitação não é mera cópia de um modelo, mas reconstrução individual daquilo que é observado nos outros.*”

Constatamos que é um tema controverso. Rosa e Ochaíta (1993), por exemplo, o aprofundam supondo que em muitos casos essas imitações verbais (quase sempre mostradas de forma negativas) podem ter caráter funcional, ou seja podem servir para remediar, que em tal abordagem significa mediar de outra forma a interação.

Os autores citados acima também ressaltam a importância dos adultos no sentido de interpretar e valorizar essa forma diferente de diálogo. Afirmam que apenas quando tais palavras acontecem de forma repetitiva e estereotipada, com ausência de objetivos referentes a construção da relação humana, então sim, é possível conjecturar que se trata de ecolalia e que essa criança apresenta problemas em formas secundárias de intersubjetividade.

Vygotsky (1998) menciona ainda que a imitação no âmbito da linguagem cumpre diversos papéis importantes a serviço da comunicação, serve também para imitar as ações da vida diária. Além disso, pode ser útil no sentido de auto regular ações na própria criança.

A discussão acima convida-nos a pensar sobre o caminho percorrido pela criança cega no processo de aquisição da linguagem e refletir sobre as muitas dificuldades que ela enfrenta para estabelecer relacionamentos e desfrutar dos prazeres da comunicação e da socialização, pois muitas vezes não é compreendida em sua forma singular de buscar a comunicação, bem como lhe falta uma das mais importantes formas de diálogo, que é o olhar.

Contudo, essa dificuldade não é apenas fruto da sua própria limitação, parece-nos possível supor que acontece, sobretudo porque a essa criança é diminuída a possibilidade de socialização. É importante dizer que tanto para cegos, como para videntes as trocas sociais determinam o desenvolvimento da linguagem.

Ratner (1995,p.141) esclarece que a linguagem não brota espontaneamente de uma tendência natural da criança, ela é fomentada pela participação da criança na interação social. Ressalta também a importância dos jogos sociais entre mãe e filho para que o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem tenha sucesso.

Por isso, é de fundamental importância, tecer alguns comentários, que, certamente, não se esgotarão aqui, mas ampliarão o conhecimento a respeito da gênese da linguagem fazendo assim um paralelo entre cegos e videntes.

O processo de construção da comunicação em crianças cegas, como nas demais crianças, inicia-se muito antes delas poderem falar e será resultado da interação entre mãe e filho. Um diálogo estabelecido de forma profundamente singular e que começa, exatamente quando o bebê ainda está na sua forma mais arcaica, fetal e embrionária.

“O diálogo do adulto com a criança começa quando a mãe sabe que está grávida. Nessa fase pré natal, a mãe se dirige a uma criança imaginária (temida ou sonhada) que propriamente falando, ainda não existe, mas que algum dia estará preparada para participar do diálogo e que já, durante a vida intra uterina habituou-se, às inflexões da voz e língua materna”(ORTEGA,1989:80).

De acordo com Magalhães (2000), em uma perspectiva interacionista, o desenvolvimento da linguagem começa nas primeiras formas de diálogo entre o bebê e a mãe (ou figura de apego). O autor escreve que a criança vem ao mundo com um conjunto de comportamentos pré-formados que servirão para atrair e chamar atenção dos adultos (seus cuidadores) para as suas necessidades fisiológicas, afetivas e de estimulação. Esse autor elucida-nos que o neonato é também capaz de transmitir sinais de comunicação social através do contato visual e expressões semelhantes ao sorriso e ao choro.

Tal linguagem será marcada pela subjetividade onde a mãe estabelece a comunicação com o filho através dos cuidados atribuídos e dialoga acreditando que é

possível ser entendida por ele. Esta forma de linguagem, por sua vez, será o caminho que preparará a comunicação propriamente dita. É importante lembrar ainda uma vez que muito antes da criança falar, ela utiliza os gestos para obter alívio emocional e estabelecer trocas comunicativas.

Vygostsky (1988;1998) explicando o desenvolvimento da linguagem e do pensamento afirma que através do olhar e expressões semelhantes ao sorriso e ao choro, o bebê está buscando alívio emocional, bem como essas expressões servem como ferramentas que estimulam o contato social e a possibilidade de comunicação (ainda que seja difusa) com outras pessoas. Portanto, compreendemos que há um caminho que antecede e prepara a linguagem verbal.

E a criança cega, qual o caminho percorrido por ela no processo de aquisição da linguagem?

Mesmo sabendo que a falta de visão não impede a aquisição da linguagem, pois acredita-se que tal aquisição, tanto em crianças cegas como nas demais crianças acontece especialmente através do processo de interação social, é possível imaginar que será um caminho mais difícil para o cego, sobretudo se os adultos que estiverem ao seu redor não souberem lidar com esta adversidade. Muito provavelmente tal dificuldade será identificada especialmente a partir do primeiro vínculo social que esta criança estabelece com sua mãe ou figura de apego.

Buscaglia (1997-83) ao escrever sobre o papel da família diante de tais situações, assim afirma: “O primeiro relacionamento da criança, ou diáde, dentro da unidade familiar será com a mãe. É dela que a criança dependerá para obter comida, conforto e prazer. Sua voz será ouvida, o calor de seu corpo sentido, percebidas suas reações mais do que as de qualquer outra pessoa”.

Os estudos (Buscaglia,1997;Cavalcanti,2006; Leonhardt,1999) mostram que quase sempre esse vínculo é abalado quando na família nasce uma criança com algum tipo de deficiência (aqui tratamos especificamente a respeito da cegueira). Magalhães (2000) explicita que há um luto inicial no qual a mãe, percebendo que a sua criança não reage com sorriso ou outra forma de manifestação à sua chegada, começa a imaginar que ela (a criança) a rejeita. A mãe possivelmente experimenta sentimentos confusos em

relação a si mesma e ao próprio filho e daí, geralmente, começa um afastamento que vai gerar um número bastante menor de interações, que resultarão no isolamento da criança.

Leonhardt (1999) cita tais sentimentos. Entre eles estão a irritabilidade, perda de apetite e do desejo de viver, insônia e confusão no que diz respeito à própria identidade, desejos de fugas no espaço e no tempo e a sensação de uma ferida profunda na própria auto-estima. A autora também menciona que aos pais pode surgir a sensação de que aquele filho não é deles e com isso não querer acariciá-lo, abraçá-lo e olhá-lo. Parece-nos possível concluir que a esta mãe (pai ou cuidadora) será custoso aceitar a situação em que ela se encontra e interagir normalmente com o próprio filho.

No entanto, em situações onde essas questões não foram veiculadas somos levados a pensar que as expectativas em relação a essa criança serão, quase sempre, pobres. Ela, a criança, não tem o olhar sedutor e muito provavelmente não esboça aqueles sorrisos que encantam tanto aos adultos. Com isso, pouco a pouco, possivelmente a mãe irá preocupar-se apenas com as necessidades físicas do bebê.

Cavalcanti (2006), em suas pesquisas, ressalta que para algumas mães um dos principais problemas ao ter um filho com algum tipo de necessidade especial é o financeiro, porém, a autora também menciona que na verdade a principal dificuldade é a falta de apoio e afeto. São palavras de Cavalcanti (2006, p. 228) ”

Pode-se imaginar, ainda, o vulto que tomam todas as questões e dúvidas relativas a ter um filho com algum problema sensorial, intelectual para uma pessoa sozinha.”

A autora ainda nos lembra que sua pesquisa abordou aquelas mães cuja família se restringe a ela mesmo, tornando-a única responsável por todos os cuidados do filho.

Segundo Buscaglia (1997) mesmo que essa mulher tenha grande força interior, dificilmente se encontrará de fato preparada para enfrentar tamanha dificuldade. É um drama real e concreto que a vida lhe apresenta. Talvez, ela nunca tenha se sentido emocionalmente preparada para dar a luz a um bebê cego.

Buscaglia (1997) menciona ainda que tais pensamentos podem ter ocorrido a esta mãe, mas imediatamente foram desprezados, afastados e abandonados. Quase sempre o que ocorre é a negação de tais sentimentos, com isso ela apaga de sua mente o fato de

que o próprio filho tenha que viver com uma limitação ao longo de toda a vida e que isso exigirá dela (assim como dos demais membros da família) paciência, generosidade, determinação cotidiana, além de tempo, energia física e dinheiro em proporções bastante significativas.

Para Cavalcanti (2006; 226) *“não é estranho que a maioria dessas mães não consiga se adaptar bem a esse momento; ao contrário, se entregam à ansiedade e à hostilidade”*. A autora ainda enfatiza que se o problema que o filho apresenta acontece após um período de desenvolvimento, o vínculo afetivo, muito provavelmente, será mantido, mas quando a criança já nasce apresentando alguma deficiência, então a aceitação por parte da mãe pode ficar comprometida, ocorrendo assim um processo maior de frustração, impedindo a construção do vínculo afetivo mãe/filho, que é fundamentalmente importante para o desenvolvimento do bebê.

No entanto, existem também aquelas mães que fingem sentir bem-estar e alegria, talvez na tentativa de provar à sociedade que são fortes e que o amor materno é incondicional e independente de situações devastadoras (BUSCAGLIA;1997). Outras, porém, por influências religiosas distorcidas e cruéis percebem tal situação como um castigo dos céus, ou também como reparação de vidas anteriores. Enfim, esse filho toma o significado de dor, uma cruz que deve ser carregada.

Corso e Lichtenstein (2006,34) mencionam em seus estudos que a criança ao apresentar algum tipo de deficiência (aqui fala-se especificamente da cegueira) poderia ser comparada ao “Patinho Feio” de Hans Christian Andersen. Ela não corresponde às expectativas que a mãe gerou durante os nove meses de gestação. Para a mãe, seria provavelmente muito difícil reconhecer naquele indivíduo com jeito estranho e feio, o seu bebê. “O volume do ventre materno é preenchido pela fantasia do filho perfeito, já o bebê que sai, como dizíamos, é o patinho feio”.

Constata-se, portanto, que o diálogo da mãe e seu bebê é rompido ou, quando não, alterado. A mãe, por sua vez, tem dificuldades em estabelecer o vínculo com esse filho, pois precisa também enfrentar os seus dilemas e fantasmas interiores, bem como necessita perder a sua criança que foi idealizada e sonhada por todo o período de gravidez e encontrar-se com a criança real, um bebê cego.

Isso, inconfundivelmente significará para ela a materialização de todos os seus medos ao longo dos nove meses. Amiralian (1997) compactua com o pensamento acima

quando menciona que o nascimento de um filho cego desperta na mãe intensas fantasias inconscientes, dificultando assim a maternagem e o desempenho “suficientemente bom” do papel da mãe”.

É sabido que a maternidade significa também doação completa, identificação com o próprio filho, sentimento intenso de continuidade e sobretudo de grande amor. Compreendemos, portanto, que em muitos casos a mãe de um bebê cego, ao invés de carregar consigo as sensações de afetos e ternura, possivelmente trará em seu íntimo sentimentos de melancolia, tristeza profunda, impotência e incapacidade por ter gerado uma criança que não enxerga.

Vale ressaltar que o presente trabalho reconhece que a mãe tem direito a tais sentimentos. Percebe-se, que é uma espécie de luto, algo que precisa realmente ser vivido com profundidade e tempo. Muito provavelmente isso vai demandar dessa mãe um período que pode ser longo ou curto, mas, certamente com um profundo significado de dor.

Cavalcanti (2006, apud Solnit e Stark;1985) reflete a respeito do choro dos pais significando a perda do filho esperado. A reflexão que a autora faz, aponta para o verdadeiro sentido de tal dor. A mãe chora a perda do filho bom, sadio. Tal luto é saudável e terapêutico, apesar de acarretar profundo sofrimento, pois essas lágrimas (a dor que está nelas está contida) proporcionarão o enterro do filho com saúde e bom, e a partir daí a mãe o olhará sem ilusões e o perceberá como ele é, realmente.

Cavalcanti (*idem*) ainda destaca que apesar de todas as etapas vividas pelas mães para que aconteça a aceitação desse filho diferente, ainda persiste um sentimento de amargura, que é denominada por outros estudiosos de tristeza crônica.

Supomos que para esse filho o caminho não se apresenta muito fácil, pois está diante de um imenso sofrimento que é o fato de não enxergar e ainda assim terá que lutar para conquistar o amor da própria mãe e/ou pelo menos ser aceito por ela.

A criança cega quase sempre permanece em silêncio, não responde aos estímulos externos, existe, obviamente, a ausência do sorriso e do encontro de olhares (como foi dito anteriormente), que são formas profundas de trocas comunicativas e afetivas, bem como pilares para o estabelecimento e legitimação do vínculo materno. Isso faz crescer na mãe a sensação de frustração, impedimento e distanciamento. Por consequência,

esses sentimentos construirão dia após dia um ambiente sombrio, que se não forem superados, os resultados poderão ser graves (MAGALHÃES, 2000).

É importante lembrar que nossa pesquisa busca aprofundar-se nas conseqüências de tudo isso no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem dessa criança.

No entanto, quando mãe e filho são estimulados à comunicação, encontrarão caminhos alternativos que serão trilhados. Logicamente a mãe (ou figura de apego) poderá dar o impulso inicial, por ser ela a primeira fonte de vida social da criança.

Diante disso devemos considerar possível que a formação de conceitos estaria limitado nas crianças cegas. Por outro lado Barret (1989) observou que as crianças videntes em seu repertório de 10 a 15 primeiras palavras, usam estas em contextos muito definidos, porém nas crianças cegas segundo Magalhães (2000, p. 41) *isso se prolonga pelo menos até quando atingem um repertório de aproximadamente 50 palavras de repertório léxico.*

Dentro do mesmo raciocínio podemos ressaltar que as crianças videntes tem acesso a maior diversidade de contextos a fim de exercer generalizações e, portanto, talvez adquiram os conceitos um pouco mais cedo do que as cegas. Desse modo podemos afirmar concordando com o autor citado acima, que é lógico encontrar problemas nesta área em crianças cegas, pois a falta do canal visual diminui a possibilidade de formar categorias mediante a generalização.

O fato de ter de recolher a informação mediante o uso do tato resulta, segundo Ochaíta (1993) que a criança cega nas primeiras fases de aquisição da linguagem nomeie preferentemente os objetos com os quais tenha experiência direta.

Outras questões poderão ser tratadas no tocante aos efeitos que a carência de visão pode provocar na aquisição da linguagem em crianças cegas. Dentre elas podemos citar ainda o fato de que quando falta a referência sensorial sobre o significado de determinada palavra essas crianças suprem essa carência através da observação da posição que a palavra ocupa na estrutura sintática das frases pronunciadas a sua volta. Portanto, essa falta estimularia as crianças cegas a prestarem mais atenção à linguagem (PÈREZ- PEREIRA e CASTRO 1997).

Desse modo devemos considerar a grande importância que a função interacional assume em programas de intervenção de crianças cegas. A linguagem vai se desenvolver com base nas interações ocorridas com seus pais. A sensibilidade dos pais

para interpretar as condutas da criança, outorgar significado às suas reações servirá de apoio para a criança.

Cabe ao adulto fazer uso apropriado da linguagem, através da nomeação, comentário ou descrição dos objetos, sons e atividades à medida em a criança as experimenta. Do mesmo modo todas as descrições que estimulem o interesse da criança sobre os fenômenos de seu entorno são importantes.

Com certeza, com a ajuda de profissionais especializados, a mãe poderá ter outro olhar para essa situação que se instalou em sua vida e compreender que o comportamento do seu filho, muitas vezes silencioso e quieto, não significa rejeição, apatia e rechaço. Poderá ser, no entanto, a maneira que ele encontrou para prestar mais atenção ao seu novo mundo. Além do que, diante da impossibilidade da visão, é possível encontrar outras formas de estabelecer comunicação (MAGALHÃES,2000; ROSA E OCHAÍTA;1993).

Essa mãe, principalmente, deve ser incentivada a interagir com o filho cego a fim minimizar possíveis atrasos. Diante disso, percebemos também a importância da escola em participar do processo de acesso e ampliação da participação da criança cega neste ambiente. Para esse fim deve buscar meios diversos que possam instigar a criança cega a ouvir, pensar e expressar seus sentimentos de forma natural.

A literatura (Rosa e Ochaíta,1993) evidencia que a criança cega utiliza o tato para explorar os rostos de seus familiares e que esse toque pode ter o mesmo significado que um sorriso, desde que tenha o significado de manter o relacionamento com as pessoas que lhes são caras.

Magalhães (2000) lembra que ao explorar as potencialidades que o contato corporal e as vocalizações proporcionam parece ser possível que os pais possam construir uma rede de significados sem a participação da visão. Compreende-se, então, que o contato corporal implicará também no processo da construção da linguagem pré-verbal e verbal (pré lingüística e lingüística) da criança cega e essa conquista a libertará de um mundo fadado à solidão.

É sabido que o contato com a linguagem, tanto em cegos como em videntes, possibilita a abertura de novos horizontes. É sabido também que para a criança cega a linguagem fará com que entre em contato com diversas informações que antes eram

inacessíveis e isso também tornará possível os seus contatos sociais, minimizando assim ou talvez, afastando de uma vez por todas o risco do isolamento social.

Para Vygotsky (Veer e Valsiner, 1991;82) a aquisição da linguagem em cegos significa um fator libertador, para ele a palavra é ferramenta que impulsiona à superação da cegueira.

Portanto, mais uma vez reafirmamos a nossa crença em possibilidades que amenizam os muitos entraves que uma criança cega passa no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Os aspectos articulatórios da linguagem podem ser sensibilizados na criança

“através do contato da sua pele com os lábios dos pais, tanto quando estiverem falando, quando em silêncio, a fim de que a criança identifique o estado de ausência de movimentos e a necessidade dos mesmos” (MAGALHÃES, 2000).

Ao mesmo tempo deve-se estimular a exploração manual dos lábios e boca do adulto, enquanto fala. Para estimular esse desenvolvimento o emprego de canções, rimas, contos, podem se constituir um recurso importante para manter um contato à distância com a criança (MAGALHÃES, 2000).

Não pretendemos negar os obstáculos que existem e que são reais, mas reforçamos que através de vias alternativas podemos amenizar sofrimentos e diminuir o atraso referente à linguagem sofrido por uma criança cega. Acreditamos, assim como Vygotsky, que a aquisição da linguagem em cegos é um caminho para libertação, crescimento pessoal, mental, cultural e social. Isso nos remete a Buscaglia (1997) e nada mais oportuno do que terminar o respectivo tema com um pensamento seu: “O amanhã, porém, também pode oferecer sonhos inesperados, tão belos quanto aqueles destruídos.”

3. CONTOS DE FADAS - UM BREVE HISTORICO

Os livros que permanecem para sempre são os que possuem em seu âmago algo verdadeiro e que por esse motivo são capazes de responder aos anseios humanos. Coelho (2008) nos diz que os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades.

Lichtenstein e Corso (2006) compactuando com o mesmo pensamento e afirmam que certas narrativas nascem e morrem, no entanto, os contos de fadas parecem que desafiam os tempos.

Diversas pesquisas existem sobre contos de fadas, aprofundando-as nas mais diferentes áreas de estudos. Tais estudos mencionam (Abramovich,1989; Coelho,2008; Tatar, 2004) que são narrativas tão especiais e ricas que estão sendo redescobertas como fontes de conhecimento sobre o homem e o lugar que ele ocupa no mundo, portanto, tornando-se objeto de pesquisas em muitas áreas, entre elas a psicanálise, sociologia, antropologia e psicologia, cada qual dando sua interpretação peculiar e se aprofundando em seu ponto de interesse.

Von Franz (1995) colaboradora das pesquisas de Jung aprofundou os contos de fadas apontando-os como mais uma ferramenta de compreensão dos mistérios da alma humana. Ela afirma que estes textos tornaram-se objetos de investigações científicas e literárias e que muitas teorias foram elaboradas sobre o tema. Além disso, as coletâneas de Contos de Fadas foram sendo multiplicadas em muitos outros lugares do mundo. Brito (2007) ressalta que Von Franz chamava os contos de fadas de *textos alquímicos*. Chama-nos atenção a nomenclatura citada acima (*textos alquímicos*), pois, parece-nos falar em apenas duas palavras sobre as nossas próprias crenças.

Acreditamos que são realmente alquímicos, porque são transformados no interior daqueles que os escutam como também daqueles que os contam. São capazes de penetrar em sentimentos íntimos do ser humano, modificando-os e/ou reelaborando-os.

Neste texto temos como principal interesse apresentar alguns dados históricos sobre tais narrativas, bem como fazer uma breve investigação a respeito daqueles que

foram os pioneiros em recolher tais contos, e que cuidadosamente os reescreveram e aprofundaram, abordando-os em diversas épocas e interesses, mostrando-os sob diferentes prismas.

Esses contos nasceram em uma época em que a fantasia e a imaginação predominavam nas mentes humanas. Alguns estudiosos os dividem em dois tipos de narrativas, que são os Contos Maravilhosos e Contos de Fadas (ABRAMOVICH,1989; COELHO,2008).

De forma breve é possível dizer que a forma dos contos maravilhosos tem origem em narrativas orientais que foram difundidas pelos árabes, onde o tema central é a problemática material, social e sensorial. Gira em torno da procura de riquezas, da conquista do poder, bem como da satisfação das necessidades físicas. São textos que retratam explicitamente a busca da satisfação sócio econômica do indivíduo (estas buscas estão ligadas às satisfações do corpo e a tomada de poder). Como exemplo tem-se Aladim e a Lâmpada Maravilhosa; O gato de botas; O pescador e o Gênio; Simbad, o marujo, As mil e uma noite (Coelho,2005).

(...) “o conto maravilhoso tem como elemento norteador uma problemática social envolvendo os personagens da trama, ou melhor, trata-se quase sempre do desejo de auto realização do herói no âmbito sócio-econômico por meio de obtenção de bens materiais e riquezas.”
(Brito, 2000)

Coelho (2005) menciona ainda que esses personagens tem poderes sobrenaturais, deslocam-se de forma impressionante, contrariando até as leis da gravidade, passam pelas mais estranhas metamorfoses, em seus caminhos encontram-se com forças personificadas do bem e do mal, estão expostos às profecias que sempre se cumprem, bem como são beneficiados por milagres, passam por fenômenos que desafiam a natureza e situações lógicas.

Os contos de fadas nasceram entre os celtas e apresentam aspectos distintos dos contos maravilhosos, são espirituais, éticos e existenciais. Buscam principalmente encontrar respostas para mistérios que ultrapassam a compreensão humana, como também apontam para a busca da realização interior do ser humano, tendo como parâmetro o amor. Novamente Coelho (2008) em seus estudos mostra que por isso o

foco central destes textos tem como o mais importante tema o encontro do cavaleiro com a amada. É um encontro que acontece após a superação de desafios e obstáculos provocados por um outro personagem que os odiava. É possível citar alguns exemplos: Rapunzel, O pássaro Azul, A Bela Adormecida, Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela e a Fera.

Os estudos apontam também para os contos de fadas enquanto narrativas que tem como ponto central uma problemática existencial da espécie humana. Portanto, textos que trazem como principal núcleo a realização mais essencial do herói ou da heroína, realização essa que, quase sempre, trata dos dilemas íntimos ligados à sexualidade, ao medo de ser abandonado pelos pais, bem como deixar de ser criança e ter de crescer. (BRITO, 2007).

É fundamentalmente importante mencionar que há também contos chamados de “Contos Exemplares” que são aqueles que misturam as inquietações existenciais e materiais. São por alguns chamados de contos de encantamento e entre eles eis alguns exemplos: Chapeuzinho Vermelho, O Pequeno Polegar, João e Maria.

Porém há também investigadores que não fazem diferenças entre os contos de fadas e os maravilhosos. Afirmam que nessas narrativas não há necessidade que existam a presença de fadas, no entanto, defendem a idéia de que em tais textos é importante mostrar a magia e fantasia e que não podem faltar também os acontecimentos inusitados e surpreendentes. No entanto, sabe-se que esses estudos estão sendo aprofundados e que ainda há controvérsias a respeito dessa distinção. Lichtenstein e Corso (2006) afirmam que os contos de fadas não precisam ter fadas, mas devem conter algum elemento extraordinário, surpreendente e encantador.

Esclarecemos que compactuamos também com essa linha de pensamento, ou seja, compreendemos os contos de fadas enquanto uma narrativa a qual se apresenta a magia, a surpresa e, sobretudo o encantamento.

É sabido que os contos de fadas surgiram em tempos remotos. Alguns historiadores os localizam no século II a. C, entre os povos celtas, outros, no entanto, os identificam no século V. a. C, nas narrativas orais na Idade Média, e ainda outros pesquisadores dizem que existem registros que a Cinderela e muitas outras histórias foram contadas no século IX depois de Cristo (ABRAMOVICH, 1989).

É sabido ainda, que tais narrativas eram feitas oralmente, todos poderiam ouvi-las, adultos e crianças, faziam parte de momentos vividos em coletividade, onde uma pessoa por ter o dom da palavra, emocionava platéias com narrativas populares. Estas narrativas apresentavam fatos que mostravam grande violência e crueldade e por vezes, nuances de profunda melancolia (LICHTENSTEIN E CORSO,2006).

Von Franz (1995), em seus estudos, afirma que os contos de fadas desde sua origem até o século XVII se destinavam menos às crianças que à população adulta. Esse fato prolongou-se em meios rurais onde os contadores de histórias animavam as costumeiras vigílias e que isso é fato de uma época relativamente recente.

Essa peculiaridade levanta a hipótese que por um longo período a infância não tinha nenhuma importância, talvez não houvesse reconhecimento dessa fase da vida e é muito provável que os sentimentos infantis não eram vislumbrados. Supõe-se que a criança, em tempos assim, experimentava a indiferença e muito provavelmente os conceitos fundamentais que sustentariam a sua formação humana, ética e intelectual eram também esquecidos.

Compreendemos também através das nossas leituras que os valores e comportamentos daquela época eram profundamente diferentes dos tempos atuais. A vida doméstica não se dissociava do trabalho, tal qual temos hoje. A casa era, na verdade, uma extensão do espaço de labuta.

Segundo Coelho (2005) e Reis (2008) a etimologia da palavra fada vem do latim *fatum*, significando destino. É interessante perceber que as fadas européias recebem nomes que vem da mesma área semântica, fée (francês), fairy (inglês), fata (italiano), feen (alemão), hada (espanhol).

Existe uma pergunta que parece não querer calar. Quem são esses seres que continuam, ao longo de toda a história, encantando adultos e crianças e despertando interesse e curiosidade de tantos investigadores?

Existem tantas respostas para esta pergunta, assim como tantas possibilidades dos sonhos tornarem-se possíveis.

Coelho (2005) nos fala que as fadas, foram gestadas e paridas na imaginação do homem e que sua origem perde-se em um fundo nebuloso dos tempos. A autora completa o seu pensamento dizendo-nos que esses seres dotados de poderes sobrenaturais e cheios de encantamentos nasceram quando a magia, o sonho e as

fantasias ainda faziam morada no pensamento e natureza humana. A autora (1991;174) em outro momento menciona que:

(...) “as fadas são seres imaginários, dotados de virtudes positivas e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens para auxiliá-los em situações limite, quando nenhuma solução natural poderia valer. A partir do momento que passam a ter comportamento negativo, transformam-se em bruxas. A beleza, a bondade e a delicadeza no trato são suas características comuns.”

As fadas foram associadas às Moiras, que traziam uma roca nas mãos, o qual trazia o fio do nosso destino, parteiras mágicas, promotora de vida e definidoras de percalços. Seres que são capazes de veicular a magia. Há também quem diga (Coelho, 2005) que elas são fiandeiras e em cavalarias germânicas recebem nomes de “damas brancas, verdes ou negras”, dependendo da cor definidora do cavaleiro que protegem. Em lendas da Mesopotâmia elas são nomeadas por “damas da planície, dama da fonte ou damas das águas”.

Logo, constata-se que apesar de todos os avanços tecnológicos, científicos e sociais esses seres (as fadas) ainda permanecem vivos em nossas mentes e corações, bem como no inconsciente coletivo e em algum lugar do nosso passado, possivelmente falando a todos nós que a condição de fragilidade do corpo ao qual estamos presos e a nossa temporalidade no mundo ao qual vivemos, mostram o quanto necessitamos de ajuda (seja dos deuses, dos talismãs, duendes, das fadas etc..) para que possamos alimentar nossas próprias fantasias e realizar os nossos mais distantes e íntimos sonhos.

De acordo com Coelho (2008) quem quiser entrar em contato com elas (as fadas) necessita ter um “terceiro olho”, uma percepção apurada, despertar um sentido mais delicado do que a visão.

Entretanto, em uma sociedade como a nossa, materialista e racionalista, é óbvio que esse tema pode ser tomado como algo sem valor e por muitos até estigmatizado e classificado como sinônimo de loucura e alienação.

Contudo, pensamos ser importante, mesmo em tempos modernos (ou pós modernos), despertar esta sensibilidade, ir além dos habituais sentido. É, pois, através da nossa sensibilidade que entramos em contato (metaforicamente) com “tais seres” e

por traz disso tudo, na verdade estamos entrando em contacto conosco mesmos, com nossas fantasias, ilusões, anseios. Enfim, com a criança que está dentro de nós e com as nossas infinitas possibilidades de sonhos e vida.

Quem nunca sonhou em alcançar suas metas (às vezes inalcançáveis) apenas utilizando a varinha de condão? São os sonhos que acordam a criança que ainda existe em nosso interior, que por vezes se mantêm escondida.

No que se refere a estrutura narrativa, os contos de fadas tem uma forma simples e fixa, apresenta começo, meio e fim. Estão sempre ligados à realidade dos seres humanos, onde são mostradas situações polêmicas. No início aparece um conflito que desequilibra a normalidade da vida, no desenvolvimento da narrativa (meio) busca-se encontrar soluções para essa desestabilidade, é nesse momento que aparecem os elementos mágicos e fantasiosos e finalmente conclui-se com um final feliz.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é a busca de soluções, no plano da fantasia, com introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes, etc). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real (ABRAMOVICH,1989).

Também são perceptíveis nas respectivas narrativas a presença de pólos contrários (bonito-feio, bom-mau, gigante-anão), além do que o final estará sempre voltado ou concentrado em um único personagem, que normalmente é o principal de todo o enredo.

De acordo com Bettelheim, (1980) os contos de fadas se iniciam de forma bastante realista. A narrativa apresenta o seu início com uma situação real e um tanto problemática.

Percebe-se que em tais narrativas toda a resolução da problemática acontece no final, ocorrendo assim à volta para a realidade. Isso aponta para importância da fantasia no período da infância, mas mostra também que não se pode viver de forma indefinida no mundo da imaginação, portanto, é necessário assumir a realidade no momento certo.

Ao ler os contos de fadas é perceptível a presença forte dos sentimentos humanos, os medos, os mais variados possíveis, amores, tão distintos uns dos outros, as perdas e buscas que são peculiares à nossa raça. Talvez, seja exatamente por isso que nos

identificamos tantos com tais enredos. Na verdade, eles falam sobre sentimentos que são comuns à humanidade e ao mesmo tempo apontam para sentimentos íntimos da pessoa em particular.

Vale ressaltar e reconhecer que os contos de fadas são fontes inesgotáveis de riquezas, que em todos os tempos transmitiram ensinamentos de efeitos benéficos.

É possível, através deles, dar asas à imaginação e sair da dura realidade que a vida propõe. Defrontar-se com monstros, bruxas, lobos e florestas escuras, entretanto, carregar dentro de si também a esperança em dias melhores, com a presença de príncipes, princesas e castelos e que apesar de muitas vezes nos sentirmos mergulhados dentro das florestas escuras o caminho de casa será um dia reencontrado, como foi para João e Maria (conto de fada dos irmãos Grimm) e que a chegada jamais se fará como um dia foi feita a saída, pois já existiram oportunidades diversas, para as mudanças e crescimentos interiores.

E preciso alimentar sempre, nem que seja apenas um sopro de convicção, que apesar da existência de “bruxas,” que metaforicamente podem representar a dor, as decepções e perdas, haverá, em algum lugar as “fadas”, que podem trazer como significado as alegrias, possibilidades de recomeçar, luz na escuridão. Berttelheim (1980) nos diz que elas, as fadas, também impõem presença.

Portanto, como mencionamos anteriormente, os contos de fadas são objetos de pesquisas em várias áreas de conhecimento e durante a produção escrita de tal texto não houve, por nenhum momento, a pretensão de esgotar o tema, mas apenas trazer contribuições que poderão servir a outros pesquisadores que por alguma razão, por vezes até desconhecida, ou adormecida em um passado muito distante, apaixonam-se por esse tipo de gênero narrativo.

Escrever um pouco sobre Perrault, os irmãos Grimm e Christian Andersen, é, para nós, necessário, pois foram esses geniais senhores que valorizaram tais narrativas, aprofundaram-nas em diversas perspectivas e de alguma forma, falaram do contexto histórico de uma época, dos seus valores predominantes, bem como não puderam se furtar à oportunidade de expressarem suas crenças e melancolias, como é o caso do assim chamado Poeta da Infância, Hans Christian Andersen.

3.1. Charles Perrault (1628 – 1703) - França

Foi um homem instruído. Acadêmico, escritor e arquiteto francês. Escreveu vários livros direcionados à idade adulta, tornando-se reconhecido, no entanto, por um único volume de contos dedicado ao mundo infantil, “Contos da Mãe Gansa” (1697) o qual continha oito histórias que foram recolhidas da memória popular, que são: A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; As Fadas; Cinderela ou A Gata Borralheira; Henrique do Topete e O Pequeno Polegar.

O respectivo livro traz histórias que foram recontadas pelo povo, as quais o autor transcreve respeitando as nuances de poesia, moral e não esquecendo, sobretudo, de narrar aspectos de crueldade e violência. Muitos desses contos foram reescritos, após um século, pelos irmãos Grimm, porém, trazendo um sopro de suavidade e esperança. Para perceber isso é suficiente confrontar os finais de algumas histórias de Perrault e dos Grimm. Temos como exemplo o desfecho da narrativa do Chapeuzinho Vermelho, onde no primeiro termina com o lobo em cima da menina devorando-a, enquanto no segundo a menina é salva por um caçador (TATAR, 2004).

A partir da citação acima é possível, portanto, concluir que o tempo havia passado e que a compreensão do homem perceber o próprio homem, o mundo e a vida também já era outra. Novos conceitos surgiram os quais influíram muitíssimo nas artes e na literatura.

3.2. Irmãos Grimm – Alemanha - Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm.

Os escritos apresentam os irmãos Grimm como filhos de um advogado brilhante e de uma mãe dedicada. Nascidos em uma família instruída e economicamente equilibrada, passando apenas mais tarde por uma crise financeira (COELHO,1991).

Receberam educação clássica e formação religiosa com bases na Igreja da Reforma Calvinista. Foram homens apaixonados pelo campo e costumes que predominavam neste contexto, qualidade essa que depois influiria em seus estudos.

Apresentavam grande gosto pela vida nas fazendas, atraía-lhes o contato com a natureza e interessavam-se muitíssimo pelos costumes dos pastores. Isso, foi certamente, muito importante para mais tarde desenvolverem pesquisas sobre o folclore alemão.

Ambos tiveram uma vida acadêmica promissora e brilhante. “Participantes do círculo intelectual de Heidelberg. (...) filólogos, grandes folcloristas, estudiosos da mitologia germânica, e da história do Direito alemão”. (COELHO, 1991).

Suas pesquisas buscavam elementos lingüísticos para fundamentar seus estudos filológicos a respeito da língua alemã, bem como aprofundar textos do folclore germânico com o intuito de conhecer a realidade histórica do povo.

Como eram filólogos, o interesse inicial deles era o de coletar as narrativas das camponesas e contadores de histórias e assim poder estudar a língua alemã, salientando e registrando aspectos sobre o folclore, bem como recuperar a realidade histórica do país.

Segundo Abramovich (1989, p.122):

Jacob e Wilhelm foram estudiosos, pesquisadores, que em 1800 viajaram por toda a Alemanha conversando com o povo, levantando suas lendas e linguagem e recolhendo um farto material oral que transcreviam à noite.

Há algumas controvérsias a respeito da forma como foram recolhidos os textos pelos Grimm. Há quem diga que (Coelho, 2008) duas mulheres teriam sido determinantes em seus estudos, pois elas seriam as testemunhas de que se valeram os Grimm para essa homérica recolha de textos: a velha camponesa Katherina Wieckmann, de prodigiosa memória, e Jeannette Hassenpflug, descendente de franceses e amiga íntima da família Grimm. Outras investigações, no entanto, mostram que os irmãos Grimm não coletaram seus contos em visita aos pastores. Isso é crença popular, eles chamavam contadores de histórias às suas casas (pessoas envolvidas com a tradição oral alemã, mulheres jovens da classe média ou alta e com educação acadêmica) e pedia-lhes que as narrassem em alta voz (REIS,2008).

Sabe-se que não havia neles a pretensão de escrever para crianças, tanto que seu primeiro livro não se destinava a elas. Entretanto, o vôo foi muito mais alto do que se

podia imaginar. O produto de suas investigações foi traduzido em diversos idiomas, resultou em elemento de estímulo para muitos pesquisadores de outras nações, além de ter se tornado um dos grandes tesouros literários para o universo infantil.

Coelho (1991,p.140) afirma que eles, “em suas tentativas de encontrar as origens da realidade histórica nacional, acabaram também encontrando a fantasia, o fantástico, o mítico.” Como resultado de tudo isso surge para encantar crianças do mundo todo, uma grande literatura. Pensamos que tal literatura também encanta os adultos.

Jacob e Wilhelm foram homens engajados e comprometidos com o seu tempo e a sociedade. Ambos alimentaram dentro de si uma espécie de culto às tradições populares, bem como foram fortemente influenciados pelos conceitos cristãos e românticos da sua época. Eles perceberam, então, que seria importante compactuar com as controvérsias levantadas por alguns que defendiam a retirada dos aspectos de violência presentes em alguns contos, principalmente as que eram praticadas contra crianças.

Por causa desta preocupação buscaram suavizar tais narrativas, respeitando, portanto, o processo de compreensão e exigências da mentalidade das crianças. As pesquisas (em Tatar, 2008; Coelho,2008) mostram que alguns finais dessas histórias foram reformuladas (como já foi mencionado anteriormente) e outros fatos suprimidos, com o intuito de não chocar os pequenos leitores.

Os textos dos Grimm apresentam sempre uma problemática simples e neles também é utilizada exaustivamente a técnica da repetição ou reiteração .

No que se refere a presença de aspectos repetitivos nos contos dos Grimm, é possível citar como exemplo a onipresença da metamorfose, o recurso dos talismãs, a implacável força do destino, o desafio do mistério, a reiteração dos números, magia e divindade.

Concluindo este estudo sobre os irmãos Grimm, alguns dos autores mencionados acima mostram que os aspectos ideológicos encontrados em seus escritos são: bom humor (comportamento aconselhável na arte do bem viver), valores humanistas (preocupação com a sobrevivência, fome, sede, agasalho, ferramenta que servirá para estimular também a solidariedade, tolerância e caridade), zelo à palavra dada, respeito à natureza e aos mais velhos (representam a autoridade e poder), superação dos limites (pessoas capazes de mudar o próprio destino são vistas como seres excepcionais e

referências para outras) a presença da mulher é ambígua, algumas vezes podendo salvar com seu amor e doçura e outras prejudicar com traições e ganâncias.

Principais contos dos Grimm são: A Bela Adormecida; Branca de Neve e os Sete Anões; Chapeuzinho Vermelho; A Gata Borralheira; O Ganso de Ouro; Os Sete Corvos; Os Músicos de Bremen; A Guardadora de Gansos; João e Maria; O Pequeno Polegar e tantos outros que fazem sua travessia pelo mundo e encantam tanto as crianças como os adultos. “*O sucesso desses contos abriu caminho para a criação do gênero Literatura Infantil*” (COELHO, 2008, p.30).

3.3. Hans Christian Andersen – Dinamarca (1805 - 1875)

Andersen é chamado por alguns de “O poeta da Infância”. Através das suas narrativas nostálgicas permeadas por lutos, dores e sofrimentos, ele, na verdade, reescreve com beleza, graça e sensibilidade sobre a própria infância, seu passado pobre, cheio de dificuldades e sofrimentos. Teve a oportunidade de sentir concretamente o que significa pertencer a uma classe social desprovida de bens materiais.

Os seus mais belos e conhecidos contos são: O Patinho Feio, O Valente Soldadinho de Chumbo, A Pequena Sereia, As Novas Roupas do Imperador.

As pesquisas mostram que essas histórias são de sua própria autoria, onde apresentam nuances de profunda tristeza e a presença de personagens com uma vida marcada quase sempre por episódios de perdas, abandonos e desesperos. Nele a magia se expressa através de seus próprios sentimentos, de sua própria alma. Os seus escritos são, portanto, o resultado e continuidade de sua própria vida. (COELHO, 2008; ABRAMOVICH, 1989)

Os seus textos falam sobre grandes dificuldades, muito provavelmente, estão aquelas as quais Andersen precisou passar, pois teve uma saúde muito frágil, precisando gastar grande parte de seu tempo morando em hospitais. Constata-se, também, que em seus escritos está imbuída uma compreensão profunda sobre contrastes apresentados pela sociedade da época. Em uma das faces o exagero das riquezas e em outra a miséria infinita, tal qual, absurdamente, presenciamos em nossa sociedade atual. Ele é um

homem preocupado com os valores exaltados pelo Romantismo, e em seus contos utiliza-se da ternura e melancolia para retratá-los.

Em seus estudos Coelho (1989;2008) afirma que Andersen foi um dos mais famosos escritores para criança e que se tornou a voz que falava diretamente a elas, pois sua linguagem era a do coração.

Tal pensamento contradiz ao de Bettelheim (1980) que declara que as narrativas de Andersen, apesar do encantamento presente, são mais apropriadas para adultos do que para as crianças, pois existe a presença de conformismo e fatalidade. O mesmo autor ao fazer uma análise sobre O Patinho Feio, afirma que no respectivo texto há ausência da necessidade de fazer alguma coisa. Os fatos são simplesmente predestinados e acontecem independente das atitudes do herói. Bettelheim elucida que nos contos de fadas são as atitudes do herói que transformam a própria vida.

Portanto, parece-nos ser possível concluir que para o respectivo pesquisador os textos de Andersen não poderiam ser classificados como contos de fadas e muito menos direcionados ao público infantil. Entretanto, é importante perguntar sobre as razões pelas quais ainda hoje Andersen encanta e emociona tanto crianças e adultos.

É importantíssimo ressaltar que o presente trabalho não compactua com tal pensamento. Apesar de constatar que em muitos dos contos Hans Christian Andersen há a presença da resignação religiosa, a busca da aceitação do sofrimento com ausência de reação e por muitas vezes a vida traz apenas a significação de um vale de lágrimas.

Isso não significa que Andersen tenha se resignado à própria sorte. A literatura mostra (Coelho,1989) que ele lutou pelos seus ideais e sonhos, apesar de sentir na própria pele as mais diversas injustiças que imperavam em seu tempo.

Observa-se também a existência do fantástico e da magia em seus belos e doces textos. Características que provavelmente ainda garantem a esse escritor, um vasto público formado por adultos, jovens e crianças. “Andersen vai se revelar uma das vozes mais puras do espírito dos simples. Não rudimentar e tosco, mas singelo, do ingênuo que vive mais pelas emoções do coração do que pelas forças do intelecto” (Coelho; 1991,p.149).

Verifica-se que Andersen fez um caminho diferente daquele percorrido pelos Grimm, pois escreveu muito mais sobre o cotidiano e sobre tudo aquilo que os olhos

puderam alcançar do que mesmo sobre os contos orais que foram recolhidos anteriormente.

Na segunda parte de sua obra ele se faz presente, são textos pessoais, parece-nos autobiográficos. Em 1843, ele começa a publicar contos inventados por ele mesmo e que tem quase sempre como personagens objetos familiares que são os heróis de suas narrativas.

De acordo com os estudiosos, verifica-se que ele foi um homem contemporâneo e um observador da sociedade. Basta fazer uma releitura de seus mais importantes contos e identificar os objetos aos quais tiveram vida e sentimentos em suas histórias. São objetos da época em que ele viveu e não de um passado distante. Também é possível observar que em suas narrativas existem fragmentos que retratam a violação dos direitos dos mais necessitados bem como a presença de um egoísmo desenfreado, parâmetros que sustentavam a sociedade daquela época.

Os mais conhecidos contos de Andersen são: O patinho feio; Os Sapatinhos Vermelhos; O Soldadinho de Chumbo; A pequena Vendedora de Fósforos; O Rouxinol e o Imperador da China; A Pastora e o Limpador de Chaminés; Os Cisnes Selvagens; A Roupas Nova do Imperador; Nicolau Grande e Nicolau Pequeno; João e Maria; A Rainha de Neve.

Em cada uma dessas histórias percebe-se que são apresentados verdadeiros valores que também hoje se fazem urgentes e necessários. Eis alguns: valorização do indivíduo por sua beleza interior, percepção realística diante da vida, capacidade de tolerância diante das dores que ao longo da história de cada ser humano se apresenta repúdio à mentira e arrogância (COELHO, 2008).

Sabemos que os contos de fadas tem grande importância para a vida psíquica das crianças, por esse motivo, parece-nos importante também escrever um pouco sobre o potencial terapêutico destas narrativas.

3.4. O Potencial terapêutico dos contos de fadas: breves considerações

Embora, os contos de fadas se destaquem como objeto de estudo nas mais diversas áreas de conhecimento, convém salientar que eles se sobressaem principalmente nas áreas da psicologia e psicanálise. A literatura (Brito,2007) evidencia que tanto para

Sigmund Freud, quanto para Carl Gustav Jung os contos de fadas tornaram-se objeto de investigação.

De acordo com Gutfreind (2003) Freud viu nos contos de fadas um caminho para compreender melhor o psiquismo humano. O autor salienta também que os textos do respectivo psicanalistas são ricos em material sobre os contos, considerando-os como fonte de motivos humanos.

Brito (2007) menciona ainda que Freud, desde muito cedo, em seu trabalho clínico, destacou o valor dos contos de fadas, mostrando que essas narrativas tem relação com à parte mais primitiva do psiquismo e quando se refere a Jung nos diz que ele aprofundou os contos de fadas na perspectiva de mostrá-los enquanto imagens arquetípicas, provocando no ser humano a possibilidade de contato com o seu processo de individuação, encorajando-o para a vida, impulsionando-o a descobrir outras possibilidades para continuar o fluxo da existência.

Compreende-se que Jung se aprofundou de forma detalhada a respeito do estudo dos contos de fadas, motivado, obviamente, pelo seu interesse acerca da questão do simbolismo universal e arquetípico como influenciador da história individual das pessoas.

É sabido que no ano de 1910, Freud torna público duas breves análises psicanalíticas sobre algumas influências da leitura de contos de fadas na psique do leitor. É sabido também que para Jung os contos de fadas, assim como os sonhos são representações de acontecimentos psíquicos. Havendo a diferença que os sonhos carregam consigo aspectos de natureza pessoal e as narrativas dos contos mostram dramas que são comuns à raça humana, trazendo características que são pertencentes a todas as pessoas.

Em 1980, Bruno Bettelheim escreve o livro “A Psicanálise dos Contos de Fadas.” Algumas críticas (Lichtenstein e Corso,2006) foram feitas sobre as pesquisas de Bettelheim a respeito da importância dos contos de fadas no período infantil. No entanto, todos reconhecem que após a primeira edição, os contos de fadas tornaram-se mais conhecidos e valorizados. Mais de duas décadas já se passaram e o livro continua dando um norte a muitos psicólogos e psicanalistas que se interessam por questões infantis.

É também importante evidenciar que o respectivo livro, por ter linguagem acessível tornou-se objeto de interesse para profissionais de diversas áreas de conhecimentos. Talvez, hoje, é possível levantar a hipótese que a respectiva obra pode ser classificada como um clássico, primeiramente por causa da sua originalidade e posteriormente por ter sido lido por pessoas com os mais diversos conhecimentos. Não se pode esquecer de mencionar que tal livro possibilitou que os contos de fadas se tornassem textos consagrados e direcionados também aos infantes.

Lichtenstein e Corso (2006) mencionam que os estudos de Bettelheim aconteceram em uma época onde os adultos tinham muito medo de cometer erros em relação às crianças, temiam frustrá-las e traumatizá-las. Portanto as famílias sentiam-se mais seguras em oferecer um tipo de leitura para os seus filhos que, sobretudo, tivesse sido apontada convincente e adequadamente por um psicanalista de tamanho reconhecimento. Os autores também afirmam que ele colaborou muitíssimo para que os contos de fadas fossem difundidos e utilizados nas escolas por educadores, bem como pelas famílias e nos meios de comunicação.

Bettelheim (1980) em suas pesquisas, reconhece que a leitura destas narrativas trazem grandes contribuições para o desenvolvimento interior da criança. Afirma que os contos de fadas são obras de arte por excelência, compreensíveis às crianças. Acrescenta também que o significado dessas narrativas será diferente para cada pessoa, bem como poderá ser diferente para mesma pessoa em vários momentos.

Ele faz a análise de diversos contos dos irmãos Grimm e Perrault e apesar de reconhecer a beleza e o encantamento das narrativas de Andersen, as exclui, pois entende (como já foi mencionado antes) que os textos do respectivo escritor não são classificadas como contos de fadas por apresentarem conformismo exagerado dos personagens, como também por verificar que em seus finais a presença do sofrimento é mais perceptível que a alegria e a superação da dor.

O autor menciona ainda que algumas narrativas de Andersen encontradas nas coleções dos contos de fadas (A Menina dos Fósforos e O Soldadinho de Chumbo), apesar da beleza, são extremamente tristes e por isso não podem fazer parte da respectiva categoria.

Aprofunda o argumento ao escrever sobre o consolo final, característica própria dos contos de fadas, que nessas narrativas não é transmitido. Também ao estudar O Patinho

Feio, afirma que esse tipo de texto é mais direcionado aos adultos que as crianças, pois é um tipo de texto que não é capaz de trazer nenhuma ajuda, podendo até provocar desorientação e fantasia.

Ele argumenta ainda que a criança ao fazer a experiência de sentir-se incompreendida ou não apreciada desejará fazer parte de uma outra espécie, porém ela constatará que isso lhe será impossível. Completa dizendo que a possibilidade de sucesso consiste em lutar para fazer sempre melhor do que os outros esperam, não em crescer (como fez o patinho feio) para pertencer à outra espécie (LICHTENSTEIN E CORSO, 2006, BETTELHEIM, 1980).

Este trabalho respeita o pensamento do autor, porém não compactua com o mesmo, por (como já foi dito anteriormente), compreender que ao longo de toda a existência humana existem profundas dores que serão tecidas e para as quais não encontraremos respostas ou caminhos de superação. Possivelmente podem ser mudadas, talvez reelaboradas, mas jamais deixarão de existir, pois são os retratos das nossas faltas e sensações de incompletude. Porém, acredita-se que poderá existir sim, um caminho que apontará para a aceitação da inevitabilidade e para a convivência pacífica com tais sentimentos, bem como há possibilidades de expressá-los e redimensioná-los.

Sabe-se, também, que existem outros olhares a respeito das narrativas de Andersen. São pensamentos que se identificam mais com as nossas crenças. Como exemplos, temos Corso e Diana Lichtenstein (2006) onde eles dizem que o Patinho Feio é uma narrativa que, como raros textos, trazem uma empatia intensa e constante com o público, possivelmente por evidenciar a dor e angústia da criança, ou seja, o medo de não sentir-se amado, o medo da rejeição, sentimento este que é tão característico da raça humana.

E Abramovich (1989) ao referir-se à mesma narrativa nos diz que o texto mostra a angustiante trajetória de quem percebe-se diferente e feio, muitas vezes deixando-se ser tratado assim por outros, conseqüência da falta do auto conhecimento. A autora ressalta o valor de encontrar-se consigo próprio, de descobrir a própria identidade.

Logo, conclui-se que os Contos de Andersen, com a riqueza da poesia e magia que há neles aliviariam e consolariam, ou melhor, organizariam lutos que são intransponíveis e pelos quais, cedo ou tarde, um dia o ser humano os experimentará,

precisando dia após dia aprender a conviver com eles. Gutfreind (2003) referindo-se aos contos de fadas faz a seguinte afirmação:

“se por vezes são sombrios, não importa, porque a verdadeira doença é a ausência deles. E sua mera existência aponta para uma das principais direções desse processo, que é o do potencial do conto como um instrumento que ajuda, porque ele é o paradigma de um objeto que acolhe o caos (a angústia, o medo do abandono, a morte, a separação, o crescimento, a vida) e o veste de representações, portanto de pensamentos (...)”

Por conseguinte, compreende-se que a leitura dos contos de fadas abrem portas para que o indivíduo possa entrar em contato com os próprios sentimentos isso o possibilita pensar sobre si mesmo. As respectivas narrativas serão, possivelmente, filtros, que sem eles os sentimentos difíceis de serem suportados poderiam nos paralisar diante da vida. Portanto, esta investigação acredita que os contos de Andersen, como os dos irmãos Grimm, tem também seu potencial terapêutico, por abordar sentimentos que são profundamente humanos.

A literatura (Gutfreind, 2004) evidencia que o valor terapêutico dos contos de fadas é fato incontestável e sabemos também que alguns psicólogos e psicanalistas os utilizam como ferramentas de trabalho, conduzindo a criança que amparada pelas tramas, a olhar de frente suas dores e sentimentos conflituosos.

Temos como exemplo. Brito (2000) que partilha conosco sua experiência profissional mencionando que em tais narrativas são mostrados temas ligados a condição humana (medos, rivalidades entre irmãos, questões edípicas, entre outras). Ao lê-los para os clientes em sua clínica psicológica, provoca uma rede de diálogos e vivências por meio de desenhos, dramatizações e pinturas. Com isso possibilita que tais crianças possam expressar suas angústias e encontrar direção positiva para o próprio desenvolvimento emocional.

Portanto, compreendemos que o valor terapêutico dos contos de fadas está também no fato de que eles apontam para possíveis respostas para conflitos interiores. São palavras de Bettelheim (1980) “O conto de fada é terapêutico porque o paciente

encontra sua própria solução através da contemplação do que a história parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida.”

É sabido que os contos de fadas apresentam-se como recurso terapêutico porque são atemporais (“era uma vez...”), evidenciam sentimentos comuns à raça humana, portanto, sentimentos universais. Em seus personagens estão contidos tipos de medos diversos (medo da solidão, medo de morrer e matar, sobretudo do medo de não ser amado), falam da tristeza, do amor, da alegria e também da raiva. (GUTFREIND,2004: ABRAMOVICH,1989; BRITO,2000). Quem nunca experimentou tais sentimentos?

Parece-nos possível mencionar que tais narrativas respondem as inquietações humanas porque exatamente nos dizem respeito, convidam nos a inverter o olho e olhar para dentro de nós mesmos, buscando algum sentido para a vida. São textos que alimentam dentro do coração do homem a ilusão de ser herói, bem como fazem pensar que todas as dificuldades poderão ser superadas, vencidas, mas ao mesmo tempo tais narrativas nos convidam a enfrentar bravamente os obstáculos.

Utilizam-se de metáforas, do símbolo, explicando as adversidades necessárias e imprescindíveis à existência, porém com suavidade, sem amedrontar os seus ouvintes. Na verdade são narrativas que apresentam um raciocínio bem distinto daquela que temos no nosso dia a dia.

Gutfreind (2003,147) escreve que “os contos falam sobre os mais diversos assuntos, mas, e através de metáforas trazem narrativas terríveis, porém, dentro do conto deixam de ser ameaçadoras”.

Não é possível esquecer de mencionar que essas narrativas também são lúdicas. Ao iniciar apontando para uma época indefinida, um tempo que não se sabe exatamente quando, são, portanto, atemporais.

São textos que convidam a criança a passear entre os seus próprios conflitos, no entanto por caminhos seguros, mágicos, permeados por uma atmosfera especial. Trazem as florestas escuras, mas também dias ensolarados, mostram bruxas, mas há também princesas. São palavras de Bettelheim (1980;152-153) :” *É aí que os contos de fadas fornecem o que a criança mais precisa: começam exatamente onde a criança está emocionalmente, mostram-lhe pra onde ir e como fazê-lo*”.

Compreende-se, portanto, que tais narrativas além de falar do encantamento, tocam o inconsciente humano, provavelmente servindo de pêndulo que vai do inconsciente ao

consciente. Alcançam, portanto, a história pessoal dos mais diferentes indivíduos. Estão cheias de significados escondidos, porém acessíveis, pois a magia e o simbólico motivam as possíveis descobertas.

Lançamos a hipótese que os contos de fadas, tanto para as crianças, como para adultos, podem ser utilizados para trazer um novo significado para os sentimentos que escolhem a alma humana para fazer a sua própria morada. Trabalhando esses sentimentos, certamente, o indivíduo encontrará novas formas de enxergar a sua própria realidade e conseqüentemente será mais coerente e feliz.

Isso, muito provavelmente, trará grandes implicações para todos, pois uma sociedade nova onde predomina o amor, a partilha, solidariedade e justiça, acontece somente se tiverem homens novos que acalentem dentro de si mesmos, valores saudáveis, reais e éticos. Logo, é fundamentalmente importante afirmar e reafirmar que também nós acreditamos que os contos de fadas são terapêuticos.

São terapêuticos porque oferecem outras possibilidades de resolução das diversas problemáticas impostas à natureza humana. São terapêuticos porque falam de sentimentos comuns a todos. São terapêuticos porque alcançam universos inalcançáveis ao ser humano. São terapêuticos porque falam das lutas interiores que travamos ao longo de toda a existência. São terapêuticos porque lançam pontes entre o consciente e inconsciente. São terapêuticos porque mostram que no final do túnel existe sempre uma luz, ajudando assim a aliviar tensões internas. Portanto, são terapêuticos porque falam especialmente do amor. Sentimento, este, que todos nós buscamos enquanto fazemos a nossa travessia aqui. São terapêuticos porque poderão ajudar a criança a pensar, falar, sob o manto de uma história que pode reproduzir a sua.

Através de tal abordagem pode-se deduzir a importância dos contos de fadas no desenvolvimento infantil. Uma etapa da vida em que se experimenta profundamente a condição de fragilidade e dependência. Época também em que alguns pequenos ou grandes lutos acontecem e necessitam que sejam aprofundados e cuidados.

Ao mesmo tempo percebe-se que nessa etapa da vida a criança precisa ser desbravadora de um mundo até então desconhecido para ela. Em todo momento novas situações surgem que precisam ser apreciadas, degustadas e também superadas.

As transformações na própria vida vão acontecendo aceleradamente em níveis diferentes (mental e corporal). Todas essas situações serão pilares que constituirão a própria personalidade.

Ao analisar a infância em nossa sociedade moderna e competitiva, é importante lembrar o quanto as nossas crianças são atualmente exigidas. Elas são cobradas constantemente a aprenderem línguas diferentes, serem hábeis nos esportes, na informática, na leitura e aprendizagem escolar. Vivenciam rotinas quase sempre sufocantes, a qual, por vezes, tira-lhes o direito de viver essa bela fase em toda a sua plenitude.

Portanto, parece-nos óbvio pensar que as narrativas dos contos de fadas proporcionarão também nesta criança a sensibilidade e capacidade criativa, a noção de beleza e estética, além de desenvolver-lhe o gosto pela leitura.

Compreende-se com isso que não significa afirmar que somente crianças que escutaram ou leram os contos de fadas serão mais organizadas emocionalmente, acredita-se, no entanto, que esses enredos, por falarem da dura realidade dos homens, apontam para um caminho mais suave que possibilite a inevitável trajetória de dor. Por conseguinte, essas crianças, quando forem adultas, serão mais fortalecidas e abertas ao amor. Cavalcanti (2005) nos diz que tais narrativas ajudam a criança a fazer a travessia e buscar uma melhor qualidade de vida. Esta criança será um adulto mais capacitado ao amor. Portanto, entrar em contato com tais narrativas pode ser uma (entre tantas outras) ótima maneira de preparar as nossas crianças para construção de uma sociedade melhor.

Diante disso pensamos que os contos de fadas são ainda atuais, pois narrar sempre esteve presente na história da humanidade e tal fato se perpetuará. Portanto, pensamos que poderíamos até mesmo iniciar a narrativa de um conto de fada com a seguinte proposição “não era uma vez...”

3.5. Não era uma vez... A importância dos contos de fadas em tempos atuais

Parece-nos intrigante pensar que os contos de fadas ainda continuam encantando a tantos adultos e crianças. Os avanços científicos se multiplicam, a tecnologia dia após dia se apresenta mais sofisticada, porém, isso não tem sido suficiente para que tais narrativas fiquem jogadas no fundo de uma gaveta ou nos esconderijos do nosso

coração. Nas escolas, em casa ou em bibliotecas, quando se inicia um conto de fada algo mágico parece acontecer. O sorriso da criança surge, as perguntas sobre o tema se multiplicam, um misto de fantasia, criatividade e imaginação acontece.

Cavalcanti (2005) afirma que tais narrativas surgiram em tempos remotos, geralmente de autores anônimos, fizeram sua travessia oral por milênios até aqui chegarem e continuam, incrivelmente, encantando, leitores de todas as partes do mundo. Mais adiante a autora nos diz que causa admiração saber que profissionais de diferentes áreas buscam explicações para o fato de crianças em várias partes do mundo ficarem fascinadas diante de tais contos.

A literatura apresenta algumas respostas para este fenômeno. Temos como exemplo Tatar (2004) que nos diz: “[...] o que os mantém vivos e pulsando com vitalidade e variedade é exatamente o que mantém a vida vibrando: angústias, medos, desejos, romance, paixão e amor.” Abramovich (1989) partilhando do mesmo pensamento menciona que os contos de fadas mostram sua força e perenidade porque apresentam conteúdos essenciais da condição humana e Kehl (2006) afirma que as nossas crianças continuam interessadas no universo que envolve mistério, contrariando “à aparente transparência da era das comunicações”, onde é permitido tudo dizer, mostrar e exibir.

Compactuamos também com os mesmos pensamentos no que se refere à misteriosa contemporaneidade dos contos de fadas, pois acreditamos que os tempos são diferentes, mas os sentimentos humanos de amor, alegria, dor, desamparo, medos, entre outros, não desapareceram em meio a toda modernidade, serão sempre os mesmos em todas as épocas, são essencialmente elementos de travessia, parceiros de caminhada. Quando nos defrontamos com um, o outro estará ausente e assim sucessivamente. Além disso, poderíamos pensar que todo núcleo social sente necessidade de narrar histórias, falar sobre suas próprias crenças e valores.

Gutfreind (2004) afirma: “nunca houve sociedade isenta da necessidade de fabular, de inventar-se, de historiar-se ou de construir, na lentidão dos séculos seus mitos e seu imaginário.” Portanto, partindo destes princípios, parece-nos possível ressaltar uma vez mais que ainda hoje os contos de fadas impõem presença.

Os contos de fadas mostram também sua força porque podem preencher lacunas humanas que a própria modernidade vai pouco a pouco construindo. Vivemos em uma

época em que temos sempre mais compromissos. A agenda precisa está necessariamente cheia. Já não há tempo disponível para os amigos, filhos, familiares.

Tais narrativas podem preencher esses vazios, especialmente para as nossas crianças que obedecem rotinas muito parecidas com as dos adultos. O conto resgata o olhar da mãe (quando falamos em mãe não nos referimos apenas à mãe biológica, poderá ser compreendido também como cuidadoras ou ainda como pai, que em muitas ocasiões faz o papel de pai e mãe) pelo filho, traz de volta o toque e a possibilidade de ser escutada e de escutar.

De acordo com Gutfreind (2004) contar histórias nos remete às primeiras interações entre mãe e bebê, é um espaço de subjetividade, é uma oportunidade de estar sintonizado com o afeto do outro, é, enfim ser olhado e poderíamos ainda acrescentar, ser amado.

Acreditamos também que resgatar os contos de fadas em tempos atuais contribuirá ainda para o desenvolvimento do pensamento da criança e sua possibilidade de construção da criatividade, bem como pode ser um ótimo estimulador da linguagem. Após um conto haverá sempre muitas perguntas... algumas delas sem respostas.

Parece-nos bastante pertinente concluir o respectivo texto com as palavras de Oliveira (2008) quando faz a seguinte afirmação: “Nossa época terrivelmente utilitarista e desencantada precisa urgentemente dos contos de fadas... de tudo o que esteja carregado de poesia, símbolos e arquétipos, ou seja de energia vital.”

Portanto, acreditamos que os contos de fadas nos permitem encontrar o maravilhoso, tocar o fantástico, viver o encantamento. Faz-se urgente e necessário espalhar esse re-encantamento pela nossa sociedade por vezes tão absorvida por todo tipo de valores materiais.

II. METODOLOGIA

Os aspectos metodológicos que envolveram esta pesquisa estiveram relacionados com a proposta inicial de estudar a aquisição da linguagem de crianças, especialmente destacando os efeitos que a carência da visão, podem determinar. Dentre elas a principal característica está representada por um atraso na aquisição e desenvolvimento da comunicação. Procuramos trabalhar com os principais teóricos que tratam do tema, inserindo também nesse estudo as idéias de Vygotsky .

Como já mencionamos anteriormente, nosso trabalho foi desenvolvido em duas escolas públicas, localizadas no Recife. As respectivas escolas, pouco a pouco, buscam aprofundar em suas propostas pedagógicas uma perspectiva inclusiva e com esta dimensão abriram generosamente suas portas, apoiando-nos em nossas investigações, alimentando também dentro de si mesmas a possibilidade de crescimento e melhoria no que se refere ao trabalho que poderia ser desenvolvido com cegos.

Utilizamos uma abordagem qualitativa, procurando através desse recorte, identificar a participação de crianças cegas no momento em que empregamos contos de fadas como estratégia para facilitar a comunicação. Desse modo, retomamos o objetivo da investigação para daí realizarmos reflexões que poderão fornecer novas reflexões para aqueles que ministram aulas a crianças cegas, especialmente, na primeira infância.

Amostra

Investigamos três crianças, sendo uma do sexo feminino e as demais do sexo masculino. Não tivemos acesso ao diagnóstico delas, mas através de informações que foram coletadas nas escolas e por vezes em conversas informais com as mães é possível mencionar que um dos garotos apresenta retinopatia da prematuridade, percebendo apenas a presença da luz, a menina apresenta atrofia no nervo ótico, não acompanhando nem luz e nem auto contraste e a terceira e última criança investigada tornou-se cega

após complicações depois do nascimento. Portanto, as três crianças foram recebidas nas escolas e atendidas como cegas.

Material utilizado

Para o registro da linguagem das crianças utilizamos um gravador portátil e fitas cassete. As sessões seguiram o planejamento feito com a escola, professora da turma e disponibilidade das crianças. As sessões foram realizadas nas dependências da escola, (sala de aula, pátio). Para a transcrição dos dados foram utilizadas as gravações em áudio, caneta e papel ofício.

Tempo estimado

Tivemos como meta realizar as narrativas durante dez sessões, porém, é sabido que trabalhos desenvolvidos com seres humanos o tempo pode ter uma significação relativa. Portanto, com tal compreensão, procuramos, principalmente, respeitar o momento vivido pelas crianças (indisposição, doença e algumas vezes desejos incompatíveis com os nossos) em estudo e colocamos em segundo plano a nossa estimativa no que se refere ao tempo. Com isso o tempo utilizado ultrapassou as dez sessões previstas, sendo o trabalho realizado entre doze (12) a quinze (15) sessões.

Corpus

Tivemos como corpus deste estudo a transcrição e análise da linguagem dos sujeitos cegos, apresentadas durante o período em que estivemos na escola. Como já informamos anteriormente foram realizadas o mínimo de 10 (dez) sessões, nas quais trabalhamos com os contos de fadas previamente selecionados.

Nos momentos em que ocorreram as narrativas dos contos de fadas foram valorizados, principalmente as expressões orais das crianças cegas em estudo. Abordamos os **aspectos imitativos das palavras ou expressões**, compreendendo-os como ferramentas que estimulam a aquisição e desenvolvimento da linguagem, **os**

aspectos pragmáticos, colocando em relevo a principal função da linguagem que é de comunicar, também aprofundamos **aspectos interrogativos**, ou seja, a capacidade da criança perguntar ou responder questões e por fim analisamos a **linguagem também no âmbito não verbal** (linguagem corporal) e que provocou a interação social.

Procedimentos:

Após contato com as escolas e a definição de como o trabalho seria realizado, fomos autorizadas a participar semanalmente de aulas juntamente com a professora e alunos da turma que se compunha de alunos videntes e não videntes. Posteriormente, tínhamos possibilidade de atuar junto aos alunos, ocasião em que os contos de fadas eram trabalhados.

Selecionamos cinco contos de fadas dos irmãos Grimm: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Cinderela, João e Maria e A Bela Adormecida, utilizando a coleção Clássicos para Sonhar, das edições Girassol Brasil.

As respectivas narrativas não foram escolhidas aleatoriamente. Através de nossas leituras e nossas comparações com os textos de Hans Christian Andersen, percebemos que os contos dos Grimm trazem um final que aponta para a superação de alguma dificuldade o que poderia influenciar os alunos. Portanto, são textos que mostram situações conflituosas, porém, seus personagens são sujeitos da própria história. Eles, mesmo entre sofrimentos, identificam boas oportunidades, lutam e buscam possíveis soluções.



Com isso, nos rendemos ao pensamento de Bettelheim (1980) sobre tais aspectos, e, nos sentimos mais seguras que tais narrativas seriam apropriadas para as crianças cegas às quais nos propusemos a investigar.

Durante as narrativas buscávamos primeiramente socializar a criança investigada com outras crianças do espaço escolar. Percebíamos que isso era imprescindível já que tomamos como norte para nossa investigação as leituras que apontam principalmente para uma dimensão interacionista, que aprofunda a constituição do homem enquanto ser social.

As narrativas primeiramente eram lidas, porém, as crianças, organizadamente, eram livres para fazer observações e expressar a própria compreensão a respeito do texto, pois comprovamos que esses momentos eram também oportunidades para estimular a linguagem oral, além de provocar momentos de interação e trocas comunicativas. Após esse momento, fazíamos a recapitulação e posteriormente trabalhávamos com material concreto que fizesse referência ao texto.

Buscávamos fazer desses momentos oportunidades ímpares para todas as crianças que ali estivessem. Aproveitávamos o texto para suscitar envolvimento e encantamento. Compactuamos com o pensamento de Abramovich (1989) quando menciona que escutar estórias é ver com os olhos da imaginação.

Nesta dimensão fazíamos uso da nossa criatividade mostrando o texto como algo que pode suscitar tantos outros aspectos da rotina de pessoas comuns como nós. Porém, não esquecíamos que tínhamos como objetivo primeiro o de conduzir nossas crianças investigadas pelo o universo das palavras, da linguagem.

Após cada narrativa escolhíamos - elementos chave - do texto, de modo geral recursos simples, mas que possibilitassem a estimulação da oralidade e imaginação das crianças. (ver em fotos abaixo). Os representávamos sempre através de um objeto que nos remetesse à narrativa lida anteriormente.

Com eles em mãos, explorávamos diversos aspectos, que estavam ligados ao tato, olfato e audição. A criança poderia tocar, nomear, descrever e dar asas à própria imaginação. Tal atividade tinha com principal objetivo estimular a linguagem e a livre expressão oral (como foi dito anteriormente).



CASA DA BRUXA



LIVRO

Temos como exemplo a narrativa de João e Maria, a qual se refere a casa da bruxa sendo de chocolate, biscoito e caramelo. Nesse dia o texto foi ilustrado por uma casinha de madeira (foto-lado esquerdo). Com esse elemento em mãos nos foi possível explorar, além dos aspectos citados acima, também a memória auditiva da criança cega. Com isso ela era estimulada a recontar e responder questões a respeito da narrativa e assim pouco a pouco desenvolver a própria linguagem.



CHAPEUZINHA VERMELHO



SAPATINHO DA CINDERELA

Alguns elementos dos textos que foram utilizados para ilustrar as narrativas



Para este momento fazíamos sempre um jogo de adivinhações. Os elementos do texto eram colocados em um saco ou caixa, (que denominávamos de saco ou caixa mágica) e as crianças eram convidadas a utilizar o tato para dizer o que havia ali dentro.

Com isso percebíamos que a interação era imediata, e a criança cega incentivada, aos poucos mergulhava nesse jogo sentindo-se parte do grupo e pouco a pouco utilizava a própria fala com mais liberdade, estabelecendo pontes sociais com os demais colegas. Essa atitude das crianças cegas, não ocorria antes desse trabalho com os contos de fadas, pois a informação que tivemos é que não usavam esse tipo de narrativa, como também ainda não haviam despertado para a importância de buscar a interação dessa criança com as demais de forma sistemática, embora lúdica.

Em outras ocasiões com o objetivo de despertar o imaginário infantil, após as narrativas, fazíamos teatrinho, onde a criança se imaginava dentro do próprio texto, ativo, capaz de trazer soluções ou idéias para situações conflituosas possíveis de serem apresentadas.

III. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para as análises tivemos como principais referências a abordagem de Vygotsky, os estudos feitos por Ochaíta e Alberto Rosa (1993), Leonhardt (1992). Além desta literatura, as análises também foram pautadas nas sugestões e estudos da professora, Wanilda Maria Alves Cavalcanti, minha orientadora, que com autoridade científica orientou todo o processo investigativo. As nossas leituras e reflexões nos serviram de matéria prima e nos ajudaram a compreender as atitudes comportamentais e lingüísticas de Chiara, Sol e Lótus, nossas crianças investigadas.

Os parâmetros que nortearam tais procedimentos foram alicerçados na ética, respeito e amor, pilares imprescindíveis em um caminho de investigação que envolve seres humanos com todas as complexidades que lhes são próprias. Estamos conscientes que o nosso trabalho não se esgota aqui e das suas inevitáveis imperfeições, acreditamos, porém, que contribuirá com o processo de inclusão social e com outras pesquisas que ainda estão por vir.

Os textos que seguem representam fragmentos dos nossos estudos referentes a aquisição e desenvolvimento da linguagem em três crianças cegas. Tais estudos tiveram como ferramenta de trabalho cinco contos de fadas dos irmãos Grimm, que são: Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, João e Maria, Cinderela e Branca de Neve.

Por questões éticas as crianças investigadas foram nomeadas por Chiara, Sol e Lótus (nomes fictícios).

Com o intuito de apresentar aspectos ligados à interação social e ao desenvolvimento lingüístico, antes e durante a nossa investigação, primeiramente nos propusemos em delinear o perfil dos sujeitos em estudo, somente após este momento apresentamos fragmentos da fala das crianças e as analisamos e finalmente mostramos os aspectos positivos conquistados por cada uma.

O perfil de cada criança foi construído a partir de informações coletadas na escola a qual a criança estuda. Para isso utilizamos um questionário com questões abertas e fechadas e solicitamos à professora que respondesse. Também, para a construção de tal perfil, nos apoiamos em nossas observações no que se refere ao comportamento da criança no espaço escolar.

Os fragmentos das análises referem-se aos momentos em que aconteceram as narrativas dos contos de fadas dos irmãos Grimm que foram devidamente gravados e somente após escutá-los por diversas vezes, discutirmos o conteúdo e refletirmos sobre a nossa escuta nos sentimos preparadas para analisá-los.

Objetivamos, portanto, refletir sobre os avanços que ocorreram no processo de aquisição e desenvolvimento da oralidade nas crianças investigadas. Vale ressaltar que valorizamos muitíssimo os aspectos afetivos e sociais destes momentos, pois acreditamos que são pilares fundamentalmente importantes e imprescindíveis na nossa formação humana.

Compactuamos e reafirmamos em nossa experiência o pensamento de Faria (2008) quando nos diz que o homem é constituído a partir da sua interação com os demais e que a abertura ao nosso próximo é condição essencial para a construção da própria identidade.

Comprovamos, que os avanços alcançados na oralidade de Chiara, Sol e Lótus, passaram, sobretudo pelas relações afetivas e sociais construídas com colegas, professora e investigadora, nesses instantes preciosos e únicos da leitura dos contos de fadas. Momentos os quais nos foi possível passear por nossas fantasias, revisitar sentimentos íntimos e nos alegrarmos e emocionarmos juntos.

Estamos convictos que mesmo quando temos nossas limitações físicas, emocionais ou mentais somos primeiramente seres sedentos do contato com nossos semelhantes e para isso temos uma grande ferramenta que é a linguagem. Este valioso instrumento nos faz lançar pontes aos outros. Ainda uma vez citamos Faria (2008) quando menciona que “somos seres de linguagem”.

Aspectos analisados e legendas:

Como trabalhamos com três casos, procuramos aprofundar mais nossas observações sobre o emprego da comunicação oral por parte das três crianças investigadas.

Foram analisados (como mencionamos em outros momentos) os aspectos **imitativos das palavras ou expressões**, compreendendo-os como instrumentos facilitadores no processo de aquisição de linguagem, **aspectos pragmáticos**

(**capacidade de mostrar os próprios sentimentos, fazer solicitações**) refletindo sobre a força libertadora que tem as palavras, **aspectos interrogativos**, abordando a compreensão na categoria perguntas e respostas, bem como **aspectos comunicativos não verbais e interação social** (proximidade física, movimentos corporais, expressões faciais e postura).

Para melhor compreensão das transcrições abaixo faremos uso da seguinte legenda:

F. C - Fala de Chiara

F. S - Fala de Sol

F. L - Fala de Lótus

I - Investigador

T. N- Trecho da Narrativa

F.A – Fragmento Analisado.

PERFIL DE CHIARA

Como já mencionamos anteriormente, delineamos o respectivo perfil a partir do nosso olhar em relação a Chiara, bem como nos orientamos tendo como parâmetro as respostas que foram dadas pela professora a um questionário com respostas fechadas e abertas.

Chiara (nome fictício) tem cinco (05) anos, ingressou na escola aos três (03) anos e reside em um bairro de classe média alta do Recife. É importante ressaltar que mesmo sendo de uma família de classe média alta ela estuda em uma escola pública, portanto, tendo contato constante com crianças da periferia, que trazem também consigo experiências de exclusão social e segregação.

Quanto à sua deficiência, a professora mencionou que ela apresenta deficiência visual com grandes possibilidades de progressão de perda. Uma outra instituição a qual Chiara frequenta para ser estimulada nos mais diversos aspectos, apresentou um diagnóstico feito em 2007, que menciona que ela apresenta atrofia no nervo ótico, não acompanha luz e nem auto contraste.

Porém, através do nosso contato com a criança acreditamos que atualmente tenha limitação visual severa, pois não nos dirige o próprio olhar, parecendo ser guiada apenas pelo som da nossa voz.

Mesmo não apresentando nenhuma limitação física tem dificuldades em se locomover e quando quer sair de um lugar para outro ela espera sempre que alguém a ajude e ao ser estimulada à caminhar, logo expressa descontentamento, abandona essa possibilidade, senta-se ou arrasta-se pelo chão.

Nos aspectos referentes à família sabe-se que Chiara é filha adotiva. O pai (adotivo) alimenta expectativas positivas em relação ao desenvolvimento dela e é sabido que há investimentos para que se atinja tal meta. A mãe, apesar de protegê-la muito, parece ainda não ter construído aquele vínculo natural e peculiar que é próprio e característico entre mãe-filho, ao mesmo tempo o relacionamento dela com a criança parece ser sempre mediado pelas babás.

No que diz respeito ao processo de ensino aprendizagem foi percebido que no início do ano ela mostrava-se alheia e desinteressada e sobre a sua linguagem percebíamos que estava sempre silenciosa e somente em alguns poucos momentos fazia uso da fala de forma muito rudimentar (uma fala incompreensível) para solicitar algo que respondesse às suas necessidades. Mostrava-se ecológica, repetia muitas vezes as mesmas frases ou palavras, sem que isso fosse percebido pelos colegas ou funcionários da escola como uma forma de comunicação.

Observamos também que Chiara vivia uma solidão profunda em um ambiente onde havia muitas pessoas, estava sempre afastada dos colegas e professoras, supomos que não era notada pelos demais por ser uma criança mais quieta, com isso parecia não demandar atenção dos outros.

Percebemos também que não era incentivada a construir pontes de relacionamentos, sua deficiência parecia ser vista como um estigma que a impossibilitava de ser criança, uma criança diferente, porém criança como todas as outras. Em alguns momentos entrava em uma rotina de movimentos, como se isso a convidasse a entrar em um mundo que era somente seu. Provavelmente tal comportamento lhe servia como ferramenta que a protegia da própria dor, impedindo-a de mergulhar em sua solidão. Portanto, se comunicava muito pouco, preferindo, como já mencionamos o isolamento.

ANÁLISES:

Aspectos imitativos das palavras ou expressões:

Os exemplos que seguem são momentos em que Chiara faz uso da imitação oral.

Trechos do Conto de Fada A Branca de Neve.

Trecho da Narrativa (TN)	“Mas assim que mordeu a maçã, Branca de Neve caiu em um sono profundo. Feliz por ser novamente a mais bela do reino, a madrasta voltou correndo ao palácio.”
Fala de Chiara (FC)	A madrasta...
Trecho da Narrativa (TN)	“Quando os anões voltaram do Bosque, acreditaram que Branca de Neve estava morta e colocaram na sobre uma cama.”
Fala de Chiara (FC)	Uma cama...

Narrativa da Cinderela:

Investigador (I)	“ Toque no livro Chiara. É o livro. É lindo.
Fala de Chiara (FC)	O livro!

Nesse dia ela repetiu algumas vezes o nome de um colega

Investigador (I)	Vamos Chiara escutar o conto da Cinderela.
Fala de Chiara (FC)	_ Cinderela...
Investigador (I)	“O príncipe só tinha olhos para ela”.
Fala de Chiara (FC)	_ Príncipe.
Investigador (I)	“Quando chegou a vez da Cinderela.”
Fala de Chiara (FC)	_ Quando chegou ... (repetiu também a minha entonação).
Fragmento Analisado	Observamos que tais imitações estão sempre contextualizadas, não são palavras soltas ou lançadas ao vazio, portanto não as compreendemos como verbalismos (a fala entendida como mera reprodução sonora, sem significado, repetição de palavras sem o processo de experiência

<p>Fragmento Analisado (FA)</p>	<p>(CUSTFORTH,1969), muito menos as classificamos como estereotipadas ou ecológicas. As compreendemos, no entanto, como via alternativa encontrada pela própria criança que ampliaram o seu vocabulário, promoveram a interação com os demais e foram também instrumentos de trocas comunicativas entre eles.</p> <p>Observamos que as repetições das palavras escutadas anteriormente (no momento da narrativa) eram “vivas,” e mostravam o interesse pela a comunicação, bem como constatamos que foram momentos preciosos para Chiara, pois significaram uma possibilidade dela expor sua forma de ser através da linguagem.</p> <p>Supomos que a criança ao repetir as palavras estava dando sinais de comunicação, mostrando-se ali conosco, participante daquele momento.</p> <p>Em muitos casos a imitação de palavras tem grande valor funcional em crianças cegas. Tais repetições podem ser entendidas como ferramentas motivadoras no processo de aquisição da linguagem e uma possibilidade de promover comunicação. (ROSA E OCHAÍTA;1993)</p> <p>Foi com esta perspectiva que observamos as imitações verbais de Chiara. Acreditamos que através das respectivas repetições, Chiara pouco a pouco foi</p>
--	--

Fragmento Analisado (FA)	<p>construindo e ampliando o próprio vocabulário e com isso crescendo no processo de desenvolvimento da linguagem.</p> <p>Na abordagem de Vygotsky (2007) processos imitativos são também considerados importantes. Ele não toma a imitação como um processo mecânico, mas como uma oportunidade que a criança tem de realizar algo que está além de suas possibilidades.</p>
---------------------------------	---

Aspectos Pragmáticos (capacidade de mostrar os próprios sentimentos e fazer solicitações):

A seguir mostraremos o desenvolvimento da linguagem em Chiara no que se refere ao uso da fala para fazer solicitações ou expressar sentimentos

Trecho da Narrativa (TN)	“Quando chegou à vez de Cinderela, o sapatinho serviu perfeitamente. O príncipe e Cinderela ficaram muito felizes por se reencontrarem e prometeram que jamais se separariam de novo.”
Fala de Chiara (FC)	- João Vitor, João Vitor. (<i>João Vitor é um colega da sala</i>)
Investigador (I)	Nesse momento procurei chamar a atenção dela para a narrativa e disse-lhe que no texto havia fada, madrasta, etc. Pedi que uma criança descrevesse a roupa de Cinderela para Chiara. Ela exclamou:
Fala de Chiara (FC)	-A estória Cinderela!
Investigador(I)	Mais adiante lembrou-se da professora que a acompanhou no primeiro semestre e

Investigador (I)	disse o nome dela fazendo uso de uma entonação saudosa:
Fala de Chiara (FC)	Tia Cris! (nome fictício)
Investigador (I)	Tia Cris não está aqui, mas tia Kátia (<i>nova professora</i>) está presente.
Fala de Chiara (FC)	João Vitor, vai chamar o João Vitor.
Investigador (I)	O João Vitor está aqui pertinho de você. (pedi que o garotinho tocasse na mão dela)
Fala de Chiara (FC)	João Vitor e Rafael.
Trecho da Narrativa (TN)	“ Na festa o príncipe só tinha olhos para ela. Dançaram juntos a noite toda. Até o rei concordou que eles formavam um belo par.
Investigador (I)	Nesse momento Chiara expressou os próprios sentimentos com clareza e voz bastante firme:
Fala de Chiara (FC)	Buscar papai.Vamos buscar papai,vamos tia.
Investigador (I)	Por que você quer ir buscar o papai?
Fala de Chiara (FC)	Vou buscar papai, viu. (cantorolou algo) Vou buscar papai
Fragmentos Analisados (FA)	Não foi suficiente a nossa presença na escola ou a leitura dos contos de fadas para promover a linguagem de Chiara. Certamente nesses momentos outros aspectos estavam envolvidos, o amor, a

Fragmentos Analisados (FA)

cooperação e a empatia serviram como alicerces de sustentação na medida em que Chiara mostrava a própria oralidade, algumas vezes difusa, porém, comunicativa. Tentava fazer-se compreender ao partilhar os próprios sentimentos.

Percebemos que ela ao sentir-se segura expressava-se oralmente abandonando, por alguns momentos, a linguagem rudimentar e fragmentada a qual ainda faz uso. Foi possível perceber que o nosso trabalho muito contribuiu para que ela fosse capaz de elaborar sentenças completas, onde se pôde observar a entonação adequada e clareza nas palavras.

Exemplificamos acima com alguns fragmentos da narrativa da Cinderela e da fala de Chiara que confirmam as nossas hipóteses a respeito dos contos de fadas servindo como ferramenta facilitadora no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças cegas.

Percebemos neste dia que Chiara coroava os seus progressos nos aspectos referentes a linguagem, pois foi capaz de construir sentenças completas, mostrando uma oralidade bastante coerente. Muito nos alegrou também o fato de Chiara mostrar os seus afetos, pois ao falar sobre o pai parecia nos dizer que desejava a

Fragmentos Analisados (FA)	<p>presença dele ali também, em um momento que muito provavelmente lhe trazia alegria.</p> <p>Este foi um momento ímpar em nossa investigação, confirmou-se o desenvolvimento da linguagem daquela garotinha que no início pouco se expressava e quando queria que algo lhe fosse satisfeito chorava muito ou mordia-se.</p>
-----------------------------------	--

Aspectos comunicativos não verbais e interação:

Chiara desenvolveu - se expressivamente nos aspectos comunicativos não verbais na medida em que foi estimulada à interação. No início do trabalho ela quase sempre repetia uma rotina de movimentos (batia um dedo indicador no outro, em ocasiões diferentes mordia-se). Com o tempo melhorou a sua postura corporal e já sorria, em uma das sessões da narrativa espreguiçou-se demonstrando relaxamento e prazer. Percebemos ao longo do nosso processo de investigação como essas expressões de Chiara eram comunicativas e nos falavam de seu prazer em momentos de interação. Faria (2008) nos diz que o homem se constrói com a ajuda do externo, do outro, assim também é a nossa linguagem.

Realmente percebemos o quanto esses momentos de narrativas promoveram a interação entre todos e contribuíram para o progresso de Chiara nos aspectos lingüísticos. Descobrimos que ela estava se constituindo na interação social e conseqüentemente (*como foi citado antes*) a sua linguagem estava sendo construída também. Nossas observações a respeito de Chiara nos remetem a Vygotsky (2007) quando nos elucida sobre a importância da aquisição da linguagem, mostrando-nos que este fenômeno

significa para a criança, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas, bem como uma possibilidade de controlar o próprio comportamento.

É com esta perspectiva que observamos Chiara, uma criança que aos pouco mergulhou no processo de interação social e com isso evoluiu em aspectos muitos, inclusive apresentando ganhos referentes ao domínio e expressões do próprio corpo.

Aspectos interrogativos (categoria perguntas e respostas)

Nos respectivos aspectos Chiara não apresentou progressos expressivos, parece-nos possível afirmar que ela compreende o que perguntamos, porém é difícil para ela formar conceitos e elaborar respostas.

Algumas considerações sobre o trabalho realizado com Chiara.

Iniciamos o trabalho semanalmente com as narrativas dos contos de fadas dos irmãos Grimm, mas primeiramente sentimos a necessidade de incluí-la em seu próprio grupo. E para isso sempre antes de começarmos o trabalho convidávamos a turma a formar um círculo. Em alguns momentos percebemos que Chiara resistia ao convite, mostrando irritação ou talvez medo de algo novo em sua vida.

Pouco a pouco observamos que as barreiras da resistência estavam sendo desconstruídas, Isso faz-nos crer que ela iniciava o processo de sentir-se parte, desenvolvia o sentimento de pertencimento que é de fundamental importância para nós seres humanos.

Com o tempo o círculo já parecia ser parte da rotina dela. Portanto, pensamos que isso trouxe grandes benefícios para o desenvolvimento de sua linguagem também, pois a oralidade cresceu significativamente (comparando com o seu comportamento lingüístico nos primeiros dias das nossas visitas).

Ao iniciarmos as narrativas ela quase não se expressava oralmente, mas pouco a pouco começou a falar palavras soltas. Vale ressaltar que sempre pertinentes ao conto do dia ou a algum colega que estava ali presente, enfim palavras que eram parte daquele universo, portanto contextualizadas, que foram por nós consideradas sempre como

expressão de comunicação. Mais adiante, percebemos com profunda alegria que em outros momentos ela foi capaz de produzir sentenças completas (ver transcrições).

É importante ressaltar que durante todo o trabalho observamos que Chiara, pouco a pouco, tornava-se uma criança mais livre, alegre e que gradativamente rompeu com alguns muros de seu isolamento, conseqüentemente falava mais, apresentava expressões faciais prazerosas, sorria e algumas vezes cantarolava músicas de sua preferência. Em outras ocasiões expressou sentimentos íntimos, talvez conhecidos somente por ela (quando carinhosamente pede que chamem seu pai para o momento do conto), e mesmo quando apenas repetia palavras a percebíamos buscando interação com os demais.

Interessante e bastante importante em nosso trabalho foi compreender que o perfil de Chiara já não era o mesmo do início do trabalho, pois ela já tomava iniciativa para estabelecer o relacionamento com os colegas e em momentos distintos os chamava pelo nome, confirmando que ela os reconhecia e dava-lhe importância, permitia-se receber carinho da professora (no segundo semestre mudou a professora como mencionamos nas análises) como também de uma amiguinha sua que gostava de passar as mãos em seus cabelos, dizendo-nos com alegria que agora Chiara a deixava acariciar os cabelos e já não a mordida.

Constatamos que muito provavelmente esses ganhos aconteceram porque ela havia descoberto a força que as palavras têm no processo de desconstruir a infinita dor da solidão e penetrar em um mundo de convivência e socialização.

Concluimos acreditando que o nosso trabalho trouxe contribuições e mudanças em vários aspectos para a vida de Chiara, porém, ressaltamos que tivemos como principal meta a promoção do desenvolvimento e a aquisição da linguagem dela. Mas gostaríamos de destacar que tal investigação colaborou também para dar-lhe visibilidade no espaço escolar, pois percebemos que ela passou a ser aceita e reconhecida pelas pessoas que ali estão (colegas e funcionários). Observamos que ela parecia ser mais vista por todos como uma criança que também apresenta progressos nas mais diversas áreas do comportamento, participando de conversas (dentro dos seus próprios limites), fatos que não ocorriam, anteriormente.

PERFIL DE SOL

Sol é do sexo masculino, tem (05) cinco anos, pertence a uma família pobre e habita na periferia do Recife.

Em relação à sua deficiência visual, a mãe de Sol informou-nos que ele nasceu prematuro e sua deficiência visual é atribuída a isto, desenvolvendo assim retinopatia da prematuridade, atualmente percebendo apenas a presença de luz.

Estuda em uma escola pública do Recife que tem como parâmetro a inclusão de crianças que apresentam deficiência visual ou múltipla deficiência. A sala de aula de Sol tem em torno de dez crianças, sendo ele o único a apresentar deficiência visual severa.

A partir de nossas observações, bem como através das informações dadas pela professora de Sol, constatamos que ele não participa ativamente das atividades escolares. A mãe apesar de reconhecer que ele precisa desenvolver-se e conquistar a própria autonomia, ainda apresenta um comportamento de super proteção ao filho, por vezes dificultando tal processo.

Percebemos que no início do nosso trabalho Sol ainda estava muito centrado em si mesmo, interagiu muito pouco com os colegas, professores e funcionários de sua escola. Em relação à própria linguagem, repetia sempre as mesmas frases e palavras sendo isso compreendido por sua professora e muito provavelmente pelos demais como uma atitude vazia e por isto ausente de comunicação. Segundo o teórico Pérez-Pereira (1991), comentado na fundamentação teórica, é comum o uso de repetições e rotinas na expressão lingüística de crianças cegas, portanto, não podemos falar de “anormalidades”. Observou ainda que os modelos imitados e repetidos podem servir como um suporte que conduz e facilita a progressão para formas de maior longitude e complexidade gramatical em vez de serem repetições irrefletidas.

Observou-se também que Sol, ao falar sobre ele mesmo, ainda fazia uso do pronome pessoal na terceira pessoa do singular (ele) ou então falava utilizando o próprio nome como se falasse sobre outra pessoa. Essa condição é esperada, de acordo com algumas reflexões feitas pelos autores que adotamos como é o caso dos comentários de Magalhães (2000) citado no capítulo I, quando trata da questão de uso de pronomes. Na realidade esses estudos mostram que a aquisição de pronomes pessoais em crianças cegas é descrita como atrasada em relação às videntes, em

aproximadamente um a dois anos após as videntes demonstrarem que dominam completamente o sistema de pronomes.

Segundo esse autor corroborando o que Fraiberg e Adelson (1973) afirmam que esse fato é decorrente da dificuldade na construção do eu, pois a imagem corporal ajudaria nesse processo.

Observamos que durante o tempo em que estava na escola a vida social da nossa criança investigada não apresentava expressividades. Em momentos recreativos costumava ficar calado, não solicitava nenhuma atenção dos outros, parecia isolar-se em meio a tantas outras crianças e adultos, penetrando em seu próprio mundo.

As ocasiões em que a professora desenvolvia atividades lúdicas em sala de aula, Sol apresentava um comportamento bastante peculiar. Temos como exemplo as ocasiões em que ela (a professora) reservava um espaço da aula para fazer algum tipo de narrativa. Nesses momentos, ele costumava selecionar um determinado trecho de tal narrativa e iniciava um processo de repetição. Supomos que esse comportamento o fazia entrar em uma espécie de rotina e isso o impedia de penetrar em outros aspectos que o texto poderia sugerir, tais como as mais diversas possibilidades de fantasiar, de imitar, de questionar ou até mesmo de trazer respostas para indagações que a narrativa deixava em aberto.

A professora também nos informou que Sol é uma criança lenta em desenvolver as atividades sugeridas por ela, não consegue estabelecer diálogo com os demais, é muito ecolálico, e tem um comportamento agitado, por vezes não conseguindo nem mesmo sentar-se. No que diz respeito a ecolalia e segundo Magalhães (2000, p.43) citado no capítulo I, *algumas crianças cegas apresentam sérios transtornos em seu desenvolvimento social e comunicativo, semelhante aos autistas, cujas relações sociais são pobres e reduzidas.*

Iniciamos o trabalho com a respectiva criança após obtermos estas informações, bem como observá-lo em momentos do recreio e saída da escola. Comprovamos, então, que no horário do recreio ele passava a maior parte do tempo sozinho.

Em um desses momentos convidei-o para passear pela escola e foi surpreendente para mim, enquanto investigadora, a sua capacidade de exploração no que se refere ao ambiente físico do estabelecimento de ensino. Logo compreendi que Sol poderia trazer muitas respostas positivas através do nosso trabalho. Compreendi também que ele

precisava ser estimulado, percebido e muito provavelmente ser visto como uma criança, e estamos convictas que isso independe de sua condição física.

Iniciamos a hora do conto em sua sala de aula, porém por diversos motivos relacionados à disciplina da turma, pareceu-nos conveniente e necessário mudar a estratégia. Então, tivemos a idéia de fazer este momento de narrativa dos contos de fadas no horário do recreio. Mesmo receosas que não tivéssemos uma resposta positiva, tentamos, tendo em nossos pensamentos que as dificuldades nunca devem nos fazer parar, mas apontar para outros caminhos.

Com isso aproveitamos o pátio da escola, desfrutamos das sombras das árvores, do canto dos pássaros, enfim estávamos ali também envolvidos pela natureza. Tornou-se um momento prazeroso para todos, pois possibilitou-nos estarmos mais próximos uns dos outros, também fisicamente, isto estimulou-nos a mostrar nossos afetos, que os compreendemos também como formas de linguagem e ferramentas chaves para a constituição do ser humano.

Ficamos felizes em perceber que as crianças que ali se juntavam ao grupo estavam realmente interessadas nas narrativas, já que livremente haviam escolhido participar de tal momento, que não representava atividade desenvolvida em sala de aula.

LEGENDA E ANÁLISES:

F.S - Fala de Sol

I - Investigador

T. N - Trecho da narrativa

F. A - Fragmento analisado

ANÁLISES:

Aspectos imitativos das palavras ou expressões:

No que se refere aos aspectos imitativos das palavras nos esforçamos sempre mais em compreendê-los como uma importante ferramenta no processo de aquisição e

desenvolvimento da linguagem, com isso buscamos dar-lhes sentido, apontando os também como formas de comunicação e possibilidade de ampliação do vocabulário.

Trecho da Narrativa (TN)	“mas Chapeuzinho se distraiu colhendo flores para a sua vovozinha.”
Investigador (I)	O que é colher flores, Sol? O que significa colher flores?
Fala de Sol (FS)	colher flores é...
Investigador (I)	Colher flores é tirar a florzinha.
Fala de Sol (FS)	Colher flores é tirar a florzinha
Investigador (I)	De onde?
Fala de Sol (FS)	De onde?
Investigador (I)	é tirar a florzinha da planta. E ela estava tirando flores para quem?
Fala de Sol (FS)	para quem?
Investigador (I)	A Chapeuzinho estava tirando flores para levar para quem?

Fala de Sol (FS)	para avó dela.
Fragmento Analisado (FA)	<p>Neste fragmento percebe-se que as repetições de Sol não são ausentes de comunicação ou mecânicas, apresentando características ecológicas. Através da imitação da fala do investigador, Sol mostra uma espécie de elaboração do próprio pensamento, apresentando finalmente uma resposta ao que lhe foi perguntado de forma clara e coerente, e ao mesmo tempo, no processo de repetição da fala do investigador, parece querer apropriar-se de mais palavras.</p> <p>Rosa e Ochaíta (1992) corroborando a nossa interpretação acima a respeito das imitações verbais feitas por Sol, aborda o tema nos dizendo que outros autores (Pérez Pereira e Castro;1991) aprofundam as imitações verbais em crianças cegas não tendo como parâmetro uma compreensão visuocentrista, onde possam apontar para uma linguagem egocêntrica e ausente de comunicação, assemelhando-se à linguagem de crianças autistas.</p> <p>Portanto, compactuamos com tais autores e comprovamos concretamente, através das nossas experiências com a criança investigada que as imitações verbais cumprem um importante papel para ela, enquanto ferramenta de aquisição e desenvolvimento da linguagem. As repetições verbais de Sol representaram para nós, investigadores, uma grande possibilidade para a ampliação da sua oralidade, buscamos interpretá-</p>

Fragmentos Analisados (FA)	las também como formas de linguagem que estabeleciam a interação com os demais.
-----------------------------------	---

Aspectos Pragmáticos (capacidade de mostrar os próprios sentimentos, fazer solicitações)

Sempre após a narrativa desenvolvíamos algum trabalho (como foi citado na metodologia do trabalho) que estivesse relacionado com o texto.

No texto abaixo foi solicitado às crianças que trabalhassem com massa de modelar, com o objetivo de desenvolver a criatividade, desfrutar melhor do tempo para estarmos juntos e assim crescermos na perspectiva interacionista, bem como buscarmos novos caminhos para estabelecermos a comunicação oral.

Investigador (I)	Você quer fazer a Chapeuzinho Vermelho com a massa de modelar?
Fala de Sol (FS)	(responde positivamente).

O investigador o ajuda a realizar tal trabalho explicando o como era o corpo da respectiva personagem. Ele representou o corpo, porém, faltavam os membros superiores e inferiores.

Investigador (I)	No corpo tem o que? (para ajudá-lo a responder peguei nos braços dele)
-------------------------	---

Investigador (I)	O que é isso?
Fala de Sol (FS)	Braço.
Investigador (I)	Vamos fazer os braços? Neste momento Sol pergunta pela própria mãe
Investigador (I)	Você está com saudade da mamãe?
Fala de Sol (FS)	É?
Investigador (I)	Ela não chegou ainda.
Fala de Sol (FS)	Ela tá chegando?
Investigador (I)	Está. Ela está vindo no ônibus No fragmento abaixo mostra um momento em que estávamos recapitulando a narrativa da Cinderela.
Investigador (I)	Era uma vez uma menina que se chamava Cinderela... ela morava com quem?
Fala de Sol (FS)	Com a mãe dela?

Investigador (I)	Ela morava com a madrasta e as irmãs. Um dia teve uma festa.
Fala de Sol (FS)	Onde?
Investigador (I)	No palácio. A madrasta disse o que para Cinderela?
Fala de Sol (FS)	Vamos Cinderela?
Investigador (I)	Disse que ia levar a Cinderela, foi?
Fala de Sol (FS)	Foi.
Investigador (I)	Ou disse assim para ela: “Você não vai Cinderela. Você vai ficar em casa. E eu vou levar as minhas...”
Fala de Sol (FS)	Madrasta.
Investigador (I)	Filhas. Então chegou uma fadinha e arrumou a Cinderela. Fez uma carruagem, fez os ratos se transformarem em cocheiros...
Fala de Sol (FS)	Um abraço.

Entendi que ele estava pedindo um abraço. O abracei e fui correspondida também. Enquanto o abraçava expressei oralmente a minha alegria. Disse-lhe: Um abraço! Sol está pedindo um abraço. Que abraço gostoso!

Recapitulando a narrativa da Bela Adormecida.

(Sol imagina-se sendo príncipe)

Investigador (I)	Você se imaginou o príncipe, foi? “_ Príncipe Sol entre no castelo, tem uma princesinha dormindo.”
Investigador (I)	Você responde o quê?
Fala de Sol (FS)	Respondo tudo.
Investigador (I)	Faço a possível fala dele. “ Eu estou en...)
Fala de Sol (FS)	Feliz.
Investigador (I)	Estou feliz ou estou entrando?
Fala de Sol (FS)	Feliz
Fragmento Analisado	<p>De acordo com Leonhardt (1992) há grande importância que a linguagem se desenvolva apontando para uma perspectiva de intersubjetividade e que a criança cega descubra o valor da comunicação.</p> <p>Constatamos mais uma vez a importância dos aspectos afetivos no processo de construção da própria linguagem. Percebemos que apenas a nossa presença ali, buscando concretizar os nossos objetivos no que se refere à pesquisa, não seria suficiente se estivéssemos desprovidos de empatia, tolerância, capacidade de respeitar o tempo da criança investigada e sobretudo de</p>

Fragmento Analisado (FA)

tempo da criança investigada e sobretudo de amor.

Ainda uma vez recorremos a Leonhardt (1992) quando nos diz que a presença do outro não é suficiente para estabelecer comunicação com uma criança cega. É necessário valorizar elementos afetivos, emocionais e mentais. Isso ajudará no processo de comunicação.

Buscamos sempre nos colocarmos nesta dimensão de abertura à criança a qual investigávamos, pois acreditamos que a linguagem pode ser também uma possibilidade para construirmos laços de afetos.

Faria (2008) nos recorda que estar aberto ao outro é condição imprescindível para descobrir a própria identidade e crescimento pessoal. A autora também nos aponta para o falar cotidiano tendo em sua essência o princípio da cooperação e nos diz que isso é como uma partitura que orienta e dá direção aos que estão engajados no processo comunicativo.

Portanto, nos fragmentos acima percebemos que Sol pouco a pouco descobria a importância e força que tem as palavras. Primeiramente ele foi capaz de expressar o sentimento de saudade que sentia pela mãe. Acreditamos que Sol fez uso das palavras para expressar tal sentimento porque naquele momento sentia-se seguro, acolhido e respeitado pelas pessoas que estavam em sua volta.

Em um segundo momento, ele solicita um abraço. A princípio timidamente, buscando

Fragmento Analisado (FA)

expressar esse desejo em apenas duas palavras, “um abraço”. Talvez, foi a primeira vez que ousou pedir carinho enquanto estava no espaço escolar, pois percebemos anteriormente (como já foi citado) que Sol nunca demandava atenção dos outros, estava quase sempre muito quieto.

Cabe ressaltar aqui o quanto foi importante escutar a criança investigada e dar sentido as suas palavras.

Comprovamos, portanto, que apenas quando estávamos nessa dimensão, ou seja, quando nos colocávamos no lugar de Sol, buscando compreender e valorizar os seus sentimentos, então era possível estimular a sua linguagem, principalmente a sua oralidade, objeto principal de nossa investigação.

Em diversos momentos percebemos que nas palavras de Sol havia vida, emoções. Com isso constatamos que nas trocas comunicativas há sempre espaço para os afetos. É também nesse processo, enquanto seres de linguagem, que nos constituímos.

Pedir um abraço, ser abraçado e abraçar, poderíamos dizer em uma linguagem metafórica que as barreiras pouco a pouco foram sendo desconstruídas. O abraço significou também comunicação e, portanto, linguagem.

Posteriormente, Sol expressa sua felicidade. “Estou feliz”. Ainda uma vez sente-se seguro e mostra o seu próprio sentimento

Fragmento Analisado (FA)	. Isso nos faz concluir que ele está descobrindo que as palavras tem grande força.
---------------------------------	--

Aspectos Interrogativos (categoria – perguntas e respostas)

Percebe-se um contínuo crescimento nos respectivos aspectos, como serão analisados abaixo:

Chapeuzinho Vermelho: (Momentos de recapitulação da narrativa)

Investigador (I)	Sol como é o nome da estória?
Fala de Sol (FS)	Estória. (Neste momento um colega o ajuda respondendo a minha pergunta)
Investigador (I)	Como é o nome da estória?
Fala de Sol (FS)	Chapeuzinho Vermelho.
Investigador (I)	Quem participa da estória? Quem está na estória? (Sol diz algo que não se compreende bem, porém, parece ser uma tentativa de responder a pergunta que lhe foi feita.)

Investigador (I)	A vovozinha. Quem mais? Tem uma menina? Como é o nome da menina? Chapeuzinho...
Fala de Sol (FA)	Chapeuzinho Vermelho.

Investigador (I)	O lobo queria fazer o que com a Chapeuzinho Vermelho?
Fala de Sol (FS)	Queria gritar.
Investigador (I)	O lobo queria gritar com a Chapeuzinho Vermelho?
Fala de Sol (FS)	Foi
Investigador (I)	Quando a Chapeuzinho chegou à casa da vovó e viu o lobo na cama o que ela perguntou?
Fala de Sol (FS)	Perguntou pra cantar.
Investigador (I)	Pedi pra cantar?
Investigador (I)	Não. Ela disse assim: vovozinha pra que essas orelhas tão grandes? O Lobo respondeu o que?
Fala de Sol (FS)	Pra que essas orelhas tão grandes... (falou baixinho o incentivei a falar mais alto)
Fala de Sol (FS)	Vovozinha pra que essas orelhas tão grandes? (repete a sentença que eu havia dito antes)
Investigador (I)	O que você acha que o lobo respondeu? (Sol não responde sem a minha ajuda, por isso encarregome de oferecer-lhe pistas)
Investigador (I)	Para...

Fala de Sol (FS)	Para
Investigador (I)	Te aba...
Fala de Sol (FS)	Abanar (vocalização bastante expressiva)
Investigador (I)	Vovozinha pra que essa boca tão grande? O que foi que o lobo respondeu?
Fala de Sol (FS)	Para te ver melhor?
Investigador (I)	Com a boca? Para te ver melhor? (Sol para e pensa um pouco)
Fala de Sol (FS)	É pra te comer.

2. A BELA ADORMECIDA (Recapitulação)

Investigador (I)	Como era o nome da estória?
Investigador (I)	A Bela...
Fala de Sol (FS)	adormecida.
Investigador (I)	Era uma vez um casal. Era um rei e uma..
Fala de Sol (FS)	Bela adormecida.
Investigador (I)	Um rei e uma

Fala de Sol (FS)	Rainha.
Investigador (I)	Eles queriam ter uma...
Fala de Sol (FS)	Casa.
Investigador (I)	Uma casa ou uma filha?
Fala de Sol (FS)	Filha.

Percebe-se que Sol responde às perguntas quando o investigador ou algum amigo lhe oferece ajuda. Porém, pouco a pouco inicia um processo de elaboração do próprio pensamento. Temos como exemplo o fragmento 1(um) onde Sol apenas responde as interrogações quando lhe é oferecido alguma pista, porém, no fragmento 2(dois) já se observa que apesar de receber ajuda ele mostra uma melhor elaboração do próprio pensamento respondendo as perguntas com mais propriedade e precisão.

Comprova-se aqui o pensamento de Vygotsky (2007) quando nos fala do processo de desenvolvimento de uma pessoa através da interferência de outra.

A partir do momento em que a criança investigada recebe ajuda e é estimulada, inicia-se então um processo de desenvolvimento da linguagem de forma mais elaborada e intelectualizada.

Também através da categoria perguntas e respostas nos foi possível perceber que Sol apresenta uma expressiva capacidade de explorar a própria imaginação. Transforma o texto respondendo às suas fantasias, imaginando-se participante da própria narrativa.

Conto de Fada: A Bela Adormecida

Investigador (I)	Quem chegou ao castelo montado no cavalo?
Fala de Sol (FS)	Sol.

Investigador (I)	Sol era o príncipe da estória?
Fala de Sol (FS)	Era (há muita vida nesta resposta) uma vocalização bastante prolongada.
Investigador (I)	Sol era o príncipe da estória que chegou montado em um cavalo. (repeti dando bastante ênfase ao pensamento dele)
Investigador (I)	Você estava se imaginando sendo o príncipe?
Fala de Sol (FS)	Era
Investigador (I)	Quem acordou a Bela Adormecida?
Fala de Sol (FS)	Sol

Descobrimos também através das respostas de Sol a sua expressiva memória auditiva. Pois em alguns momentos reelabora suas respostas, como podemos ver nas transcrições abaixo.

Conto de Fada: Branca de Neve

Investigador (I)	Como era que a Bruxa dizia?
Fala de Sol (FS)	espelho, espelho meu (não consegue terminar) espelho meu... diga que aqui existe alguém mais bela do que eu.
Fala de Sol (FS)	se alguém é mais bela do que eu.

Estamos certas que recapitular a narrativa trazendo uma proposta onde a criança possa interagir, responder e perguntar, ser ouvida e sobretudo valorizar a sua fala pode

trazer benefícios em muitos aspectos no desenvolvimento e aquisição de linguagem em cegos.

Com isso reafirmamos o quanto foi importante para o nosso estudo o respectivo aspecto, pois nos deu asas para perceber que naquela criança que a princípio era calada, quieta e raramente estabelecia algum tipo de interação, agora despontava um grande potencial. Através das respostas dadas por ele, constatamos o quanto poderia crescer em diversos aspectos, especialmente no que se refere própria linguagem oral.

Aspectos comunicativos não verbais e interação social:

Desejamos muitíssimo apresentar os textos citados abaixo através de fotos, porém por questões éticas e cuidados com os sujeitos em estudo abandonamos esta possibilidade. Tentaremos descrever momentos em que percebemos os aspectos comunicativos não verbais apresentados por Sol.

De acordo com Leonhardt (1999) falamos com todo o nosso corpo. A autora (*idem*) destaca a importância de compreender a linguagem corporal no processo de comunicação de uma criança cega. Sol, a criança em estudo, por vezes se mantinha com a cabeça baixa. A princípio isso nos preocupava e ao mesmo tempo nos entristecia, pois pensávamos que tal postura representava falta de interesse dele em escutar a narrativa do dia.

No entanto, posteriormente lendo mais uma vez Leonhardt (1999) concluímos que essa atitude de Sol representava interesse e participação. A autora nos diz que esta postura, manter a cabeça baixa, encontra-se também em cegos adultos, representando uma possibilidade de captar e controlar informações que estão ao redor.

Em outros momentos ele buscava sempre o contato físico. Em algumas ocasiões segurava a minha mão enquanto eu narrava ou fazia a leitura do texto. Essa postura de Sol provavelmente significava a legitimação dos laços afetivos anteriormente construídos. Segurar a mão, possivelmente, representava para ele a possibilidade de ser conduzido por alguém mais maduro, significava também para nós expressões de confiança e entrega.

Em outros momentos ele expressava a face relaxada e esboçava sorrisos, confirmando para nós que aquele momento em que escutava uma narrativa dos contos

de fadas era algo importante.. Ali ele poderia viajar pela própria fantasia, estar em contato com outras crianças, ser escutado e escutar. Enfim, desenvolver o sentimento de pertencimento, fundamentalmente importante para a raça humana.

Algumas considerações a respeito do trabalho feito com Sol:

Comprovamos que tais textos muito contribuíram para o enriquecimento da linguagem em Sol, bem como para sua interação com os colegas do seu ambiente escolar (não necessariamente apenas da turma).

Em diversas ocasiões ele perdeu o medo de se mostrar e fez perguntas referentes ao texto, se divertiu, também, em outros momentos respondendo algo que não era compatível com a narrativa, mas mostrando que para ele aquela resposta era apenas uma oportunidade de dar asas à sua imaginação e construir seu próprio pensamento.

Teve, também, oportunidade de recontar, ao seu modo o conto de fadas que havia escutado anteriormente, bem como brincar de ser um determinado personagem. (como foi mostrado nas análises)

Observamos que naqueles dias a mãe de Sol mostrava-se mais alegre, disponível para ajudar no que lhe era possível e muito mais comprometida com a assiduidade do filho à escola.

No que se refere às outras crianças, constatamos que ocorreram ganhos também para elas, pois descobriram uma possibilidade de interagir com alguém que lhes parecia diferente, construindo assim redes de relacionamentos.

Isso nos faz lembrar as declarações de Nassif (2007) quando afirma que é na escola que a criança aprende a aceitar as diferenças, conviver com as mais diversas formas de adversidades, sejam elas sociais, econômicas, religiosas ou físicas, além disso perceber o quanto é vantajoso e rico conviver com o diferente.

Com isso, pensamos que o nosso trabalho com Sol não finaliza aqui, mas estamos certos que poderá contribuir para outros estudos relacionados à cegueira, que estão em curso.

Concluimos reafirmando que as narrativas dos contos de fadas estimularam Sol a sair de seu isolamento, ser aceito e aceitar os outros, brincar e descobrir em si próprio a

sua identidade infantil, pois promoveram também e principalmente a convivência e interação social. Isso nos remete mais uma vez a Faria (2008) quando ao citar Vion (1992, p.94-95) menciona que a interação contribui diretamente para a construção do sujeito e de sua identidade. Estamos convictos que tais narrativas muito promoveram o desenvolvimento da oralidade dele, principal objeto da nossa investigação.

PERFIL DE LÓTUS

Lótus está com seis (6) anos de idade, estuda em uma escola pública, no centro do Recife. A respectiva escola é de grande porte, recebe também crianças que apresentem alguma deficiência, seja ela física, sensorial ou mental.

Igualmente às outras crianças investigadas, não tivemos acesso ao diagnóstico dele, porém, a escola e sua mãe nos informaram que sua deficiência visual ocorreu por complicações posteriores ao parto, apresentando atualmente um quadro bastante severo, sendo necessário uma professora que se dedique totalmente a ele, pois não consegue realizar atividades corriqueiras, como amarrar os cadarços dos próprios sapatos, lavar as mãos, pegar os objetos escolares ou o lanche dentro da bolsa, etc.

No ambiente escolar observamos que ele não estava sendo estimulado à convivência com os demais colegas. Percebemos isso logo no nosso primeiro encontro, pois a banca de Lótus era sempre posta distante dos demais.

Sua professora nos explicou tal atitude argumentando que ele incomodava aos colegas, pois apresentava comportamento inadequado.

Isso confirmou as nossas leituras (Batista e Laplane; 2007) quando mencionam que as crianças com deficiência visual apresentam diferentes tipos de sociabilidade, mas também nos lembram que um dos efeitos secundários a tal limitação é ser relegado a uma posição de participação muito limitada no espaço social.

Constatamos que Lótus apresentava realmente uma certa agitação. Colocando-nos em dúvida se a ele faltavam limites, se tal comportamento era consequência de sua cegueira ou se isto era resultado da falta de estímulo à convivência com os colegas.

Nos primeiros dias de narrativas, logo percebemos que deveríamos convidá-lo a estar entre os demais colegas, porém, foi muito difícil a sua participação nas atividades

sugeridas. Ele não conseguia aceitar instruções, apresentando resistência referentes à socialização. Por vezes jogava objetos pela janela e em outros momentos gritava, chorava e falava sentenças descontextualizadas.

Quanto ao núcleo familiar da respectiva criança, vale ressaltar que Lótus ficou órfão de pai, pouco depois do seu nascimento. Tem um irmão gêmeo que apresenta também deficiência visual, porém, com menos gravidade. Os dois apresentam grande ligação afetiva, mas por decisão da direção da escola estudam em salas diferentes.

A mãe é jovem e apesar de transparecer em suas atitudes uma aparente força interior, mostra-se, quase sempre, ansiosa, insegura e super protetora, especialmente no que se refere ao seu relacionamento com a criança investigada. Vale mencionar aqui, que para permanecer perto dos filhos, matriculou-se na instituição de ensino que fica ao lado da escola em que suas crianças estudam, cursando atualmente o ensino médio.

Em anos anteriores ela permanecia (por permissão da outra escola) durante toda a semana, em tempo integral dentro, do estabelecimento de ensino em que as crianças estudavam.

Questionamos se atitudes assim poderiam ter prejudicado o desenvolvimento e autonomia que Lótus já deveria ter conquistado.

Porém, compreendemos, reconhecemos e respeitamos o profundo sentimento de perda e luto pelo qual esta mãe passou. Além dela não ter dado a luz às crianças que muito provavelmente foram sonhadas e idealizadas por nove meses, viveu, ainda jovem, o luto por ter perdido, para morte, o próprio esposo. Ainda uma vez mencionamos Cavalcanti (2006) por perceber que ela traduz esta dor. São palavras da própria autora: “Pode-se imaginar, ainda, o vulto que tomam todas as questões e dúvidas relativas a ter um filho com algum problema sensorial, intelectual para uma pessoa sozinha. Seguramente representa uma sobrecarga muito grande, na medida em que não tem possibilidade de compartilhar a angústia gerada decorrente da situação quando vive com alguém.”

Lótus, diferentemente das outras crianças investigadas, apresenta uma estrutura física que não mostra fragilidade. Percebemos que não tem dificuldades motoras, mostrando força em seus membros superiores e inferiores, caminha com desenvoltura e é bastante destemido.

A sua linguagem oscila entre gritos, choros, expressões orais que provavelmente remetem a diálogos anteriores acontecidos em casa com a mãe e balbucios semelhantes aos de um bebê.

Diante desse quadro, que nos pareceu profundamente difícil, iniciamos as narrativas dos contos de fadas dos irmãos Grimm. Tendo como principal propósito, não nos determos nas dificuldades e limitações da respectiva criança, mas acreditar que nela também existiam grandes possibilidades.

Reduzimos as expressões orais de Lótus que poderiam ser analisados, primeiramente porque neles encontramos as mesmas características, também com intuito de não nos tornarmos cansativos e repetitivos.

LEGENDA E ANÁLISES:

F.L. (fala de Lótus)

I. (investigador)

T.N. (trecho da narrativa)

F. A. (fragmento analisado)

Aspectos imitativos das palavras ou expressões.

CHAPEUZINHO VERMELHO:

Trecho da Narrativa (TN)	“Chapeuzinho Vermelho que não sabia de nada chegou naquele momento”.
Investigador (I)	Ela chegou agora, Lótus. Você está escutando? Está gostando da estória?
Investigador (I)	Como é o nome da estória?
Fala de Lótus (FL)	Como é o nome da estória?
	Observa-se que para ter a certeza se realmente Lótus estava interagindo, fazendo-se presente e participando da narrativa, fez se necessário lhe

Fragmento Analisado (FA)	fazer as respectivas perguntas (acima). Algo chama-nos a atenção: Lótus, apesar de repetir a expressão interrogativa (Como é o nome da estória?) sua vocalização não se assemelha a do investigador. Parece-nos possível dizer que em sua imitação verbal ele busca responder algo referente à sua participação naquele momento.
Trecho da Narrativa (TN)	“ Mamãe vou para casa da vovó.” (tento imitar a voz da Chapeuzinho Vermelho)
Fala de Lótus (FL)	Vovó... (ele repete a palavra gritando)
Investigador (I)	Ela encontra o lobo na floresta.
Fala de Lótus (FL)	Lobo? (quase balbuciando – apresenta uma vocalização interrogativa)
Fragmento Analisado (FA)	Confirmamos que apesar de Lótus ainda apresentar uma linguagem de difícil compreensão ele, ao seu modo, se faz presente e busca estabelecer pontes de relacionamentos.

BRANCA DE NEVE:

Trecho da Narrativa (TN)	“Ao ver uma princesa tão bela, o príncipe beijou sua mão e Branca de Neve despertou de seu sono profundo”.
Fala de Lótus (FL)	Uma princesa.
	A repetição de Lótus nos mostra que ele estava

Fragmento Analisado

atento aos momentos da narrativa que lhes chamavam mais atenção, tais momentos estimulavam a sua imaginação e possivelmente contribuía para a construção de seus conceitos.

Diferentemente dos seus colegas videntes da sala de aula que são capazes de responder aos estímulos da narrativa com o olhar, Lótus nos dava estas respostas através da própria fala.

Concluimos, portanto, que as imitações verbais de Lótus são bastante produtivas, mostrando principalmente que nesses momentos de narrativas dos contos de fadas ele apresentou crescimento no que se refere à aquisição da linguagem e nos aspectos referentes à comunicação.

Com isso, corroboramos mais uma vez o pensamento de Rosa e Ochaíta (1993) quando nos diz que nem todas as palavras ou frases imitativas que são faladas por crianças cegas podem ser consideradas ecológicas.

Compreendemos que as imitações verbais que Lótus faz uso representam uma forma de linguagem que apontam também para a interação social. Constatamos que são imitações contextualizadas, pois ele repete palavras ou expressões que estão ligadas aos momentos de narrativas.

Algo nos chamou bastante atenção, como mencionamos anteriormente, em muitos momentos Lótus faz uso da imitação verbal, porém, com vocalização diferente.

Acreditamos que ao fazer isso confirma também sua participação e presença entre os demais, muito provavelmente, para ele isso lhe é importante.

Fragmento Analisado (FA)	<p>Acreditamos ainda que as expressões orais que tem caráter imitativos, tanto em Lótus, como nas demais crianças investigadas, contribuem com aquisição e desenvolvimento da linguagem, bem como estão a serviço da comunicação.</p> <p>Vygotsky (1998) menciona que a imitação no âmbito da linguagem cumpre diversos papéis importantes a serviço da comunicação, serve também para imitar as ações da vida diária além disso, pode ser útil no sentido de auto regular ações na própria criança.</p>
---------------------------------	--

Linguagem Pragmática – capacidade de mostrar sentimentos, fazer solicitações.

Ficamos surpresos com o crescimento de Lótus no que diz respeito ao uso da linguagem funcional, fazendo solicitações e expressando sentimentos de contentamento e descontentamento.

A BRANCA DE NEVE:

Trecho da Narrativa (TN)	“Pouco depois, passou por ali um belo Príncipe. Os anões contaram-lhe a história de Branca de Neve”.
Fala de Lótus (FL)	Grita e sorrir.

JOÃO E MARIA:

(momento de recapitulação utilizando elementos do texto)

Convido-o a pegar na casinha da bruxa (ver foto- p.86). Nesse dia ele estava com um comportamento diferente, pois permitiu que eu tocasse em sua mão e o ajudasse.

Investigador (I)	Vamos imaginar que a bruxa está dentro da casinha.
Investigador (I)	Bruxinha, você está aí dentro? Venha aqui para dar um abraço em Lótus. (Lótus sorriu e após alguns momentos expressa a falta que sente da própria mãe)
Fala de Lótus (FL)	Mamãe... mamãe. (o choro e as vocalizações se assemelham as de um bebê)
Investigador (I)	Sua mãe foi para a escola dela, depois ela vem lhe buscar.
Fragmento analisado	<p>Primeiramente Lótus sorriu, compreendemos que ele responde aos estímulos oferecidos e como Leonhardt (1992), pensamos também que seja um sorriso social. A autora (<i>idem</i>;64)citando Fraiberg (1997) nos explica que o sorriso social acontece quando a criança cega é estimulada tátil ou auditivamente.</p> <p>No fragmento acima Lótus foi estimulado das duas formas, pois ao tocar na casinha da bruxa estava usando o tato e ao ouvir os apelos do investigador ele estava utilizando a audição.</p> <p>Portanto, pensamos que atividades assim muito contribuem para as diversas formas de linguagem e para interação social.</p> <p>No segundo fragmento Lótus expressa a falta que sente da mãe (mamãe! mamãe!). Chora como se fosse ainda um bebê. Utiliza a palavra mamãe para falar sobre a sua saudade. É, para ele, algo desconfortável e que lhe traz sofrimento.</p> <p>Alegramos-nos muito percebendo que ele faz</p>

Fragmento Analisado (FA)	<p>uso do choro, da expressão facial de tristeza, mas também da palavra “mamãe” para mostrar descontentamento. Encontra em suas atitudes formas de estabelecer a comunicação, portanto formas de linguagem. Em ocasiões anteriores chorava, gritava, jogava objetos pela janela, mas não falava sobre o motivo do seu choro.</p> <p>Parece-nos que Lótus ao repetir por duas vezes a palavra mamãe compreende a força que há nesta palavra. Isso nos remete a Leonhardt (1992) quando nos lembra o quanto é importante a criança cega descobrir o valor da comunicação.</p> <p>Ainda uma vez recorremos ao pensamento de Leonhardt (1992) quando nos diz que falamos com todo o corpo e mais adiante citando Watzlawick e Beavin (1967) menciona que “diante da presença do outro toda conduta é comunicativa (...)”</p> <p>Percebemos que Lótus, ao seu modo, interagiu nesses momentos de narrativas. Por vezes mostrava-se contente e sorria, em outros momentos chorava, gritava e expressava suas faltas. Porém, tudo isso foi compreendido e valorizado como expressões de linguagem e trocas comunicativas, caminhos que possibilitavam a sua oralidade.</p>
---------------------------------	---

Aspectos interrogativos (categoria perguntas e respostas)

CHAPEUZINHO VERMELHO

Após a narrativa as crianças foram convidadas a trabalhar com massa de modelar. A atividade consistia em construir com a massa de modelar os “alimentos” que Chapeuzinho Vermelho havia levado na cestinha para vovó.

Investigador (I)	O que você fez Lótus? (ele permaneceu executando algo e em silêncio)
Investigador (I)	É brigadeiro, é?
Fala de Lótus	É.

BRANCA DE NEVE:

Momento em que trabalhamos com o saco mágico e elementos do texto (ver metodologia). Para Lótus foi solicitado que ele tocasse no saco e adivinhasse o que havia dentro.

Investigador (I)	O que tem aqui dentro?
Fala de Lótus (FL)	(não responde com clareza. Balbucia algo que não se compreende)
Investigador (I)	(dirigindo-se a outra criança) Isabel (nome fictício) o que tem aqui dentro? Antes que a colega respondesse ele diz:
Fala de Lótus	Branca de Neve. Continua falando algo, porém, incompreensível. Ele foi bastante estimulado a usar a linguagem oral nesses momentos, porém, apesar de tentar

Investigador (I)	responder as perguntas do investigador, fala balbuciando e por isso há dificuldades de compreensão.
-------------------------	---

JOÃO E MARIA:

Nesse dia Lótus estava bastante agitado, por isso iniciei a narrativa já apresentando alguns elementos do texto e pedindo-lhe que os guardassem em sua mesa. Motivando-o, dessa forma, a desenvolver responsabilidade, confiança e principalmente a participação.

Após a narrativa foi feita uma breve recapitulação com toda a turma.

Investigador (I)	Lótus, você gostou da estória?
Fala de Lótus (FL)	Gostou.

Observa-se aqui que Lótus usa o pronome (ele), terceira pessoa do singular, como se estivesse falando de outra pessoa.

CINDERELA:

Trecho da Narrativa (TN)	“ Saiu do palácio tão depressa, que perdeu um dos sapatinhos de cristal”
Fala de Lótus (FL)	Cadê o sapato da “Cindelela” ? (apresenta oralidade clara e não se expressa como um bebê)

Investigador (I)	Cadê o sapato de Cinderela , Lótus?
Fala de Lótus (FL)	Cindelela.
Fragmentos Analisados (FA)	<p>Nos aspectos interrogativos, categoria perguntas e respostas, o comportamento lingüístico de Lótus foi bastante surpreendente.</p> <p>Primeiramente, porque percebemos que momentos assim, prazerosos, faziam com que ele participasse das atividades solicitadas. Também observamos que as narrativas serviam de instrumento para que fizesse uso da linguagem oral com mais liberdade de expressão, chegando até a questionar onde estaria o sapato da Cinderela (fragmento acima). Este momento foi muito rico para a nossa pesquisa, pois Lótus abandona, ainda que seja alguns momentos, palavras balbuciadas sendo capaz de elaborar perguntas.</p>
Fragmentos Analisados	<p>Isso nos faz constatar o quanto foi o importante para Lótus, cego e com atrasos lingüísticos, ser exposto a situações agradáveis, como é a narrativa de um conto de fada. São ocasiões onde ele pode fugir das atividades rotineiras e repetitivas da sala de aula, estar entre os colegas, sentir-se como um deles, falar e reconhecer que suas palavras são valorizadas também.</p>

Aspectos comunicativos não verbais (interação social)

Lótus durante a nossa investigação apresentou crescimento nos aspectos ligados a interação social, como poderão ser nas análises abaixo:

É importante mencionar que Lótus mostrava sempre o seu desconforto ao ser tocado por alguém. Nos recreios estava sempre sozinho, não conseguindo estabelecer laços de amizades com os colegas de sua sala.

Certo dia cheguei pertinho dele e lhe entreguei o livro para tocá-lo. Passo a sua mão sobre as páginas do livro, descrevo as figuras que ali estão e procuro fazê-lo enxergar através dos meus olhos.

Investigador (I)	Você estar gostando de tocar no livro?
Fala de Lótus (FL)	Tô.

A BELA ADORMECIDA:

Ao chegar à sala de Lótus percebi que neste dia ele estava sentado ao lado de uma colega que também é cega. Observei que estava mais concentrado, durante a narrativa não emitiu gritos e pareceu-me penetrar na fantasia do conto de fada.

Após a narrativa todos foram convidados a se imaginarem reis e rainhas. Duas coroas haviam sido preparadas anteriormente para ilustrar e ser instrumento de motivação desta atividade.

Lótus e Isabel (a colega cega) foram convidados a colocar as coroas. Lótus resistiu um pouco ao convite, mas pouco a pouco entrou neste mundo de fantasias, encantos e possibilidades e se permitiu participar da respectiva encenação. Após estarem caracterizados, convidei-lhes a ficarem em pé diante dos outros colegas da sala.

Lótus começou a sorrir e pular.

Investigador (I)	Eu vou apresentar o rei e a rainha da estória.
-------------------------	--

(A sala aplaude os dois)

Foi um momento bastante festivo que provocou a interação social, promoveu diante dos colegas de sala a visibilidade das duas crianças cegas que ali estavam, além disso o respectivo momento motivou, também, aos outros alunos uma postura de reconhecimento e respeito às diferenças e adversidades.

Algumas considerações a respeito do trabalho feito com Lótus:

O nosso trabalho com Lótus apresentou muitos aspectos positivos. Entre eles podemos citar alguns. Primeiramente, reconhecemos os ganhos referentes ao desenvolvimento da linguagem da respectiva criança, nosso principal objeto de investigação.

Como citamos anteriormente a linguagem dele oscilava entre gritos, choros e expressões orais descontextualizadas. Percebe-se através das análises que Lótus apresentou crescimento nos respectivos aspectos em momentos das narrativas.

Algumas vezes respondeu com coerência o que lhe foi perguntado, mostrando capacidade referente à compreensão. Em outros momentos questionou a respeito do texto, fazendo uso da fala de forma clara e coerente, adequada a uma criança de sua idade. Também expressou oralmente seus sentimentos, quando repetiu a palavra mamãe e interagiu com todos em situações que estavam ligadas ao texto lido. Com isso corroboramos mais uma vez as palavras de Vygotsky (Veer e Valsiner, 1991) quando diz que a cegueira será vencida pela palavra, pela linguagem.

No que diz respeito ao comportamento de Lótus constatamos que evoluiu positivamente. Antes era uma criança que não aceitava instruções e não conseguia relacionar-se com os outros. Percebe-se, no entanto, que na medida em que foi convidado a estar entre os colegas tornou-se mais flexível e sociável. Isso nos faz pensar que ele sentiu-se reconhecido e respeitado, apesar de sua diferença, e buscou apresentar respostas positivas.

Concluimos, portanto, que não nos enganamos quando inicialmente colocamos em segundo plano as limitações de Lótus e procuramos pensar e acreditar em seu potencial, no que refere à linguagem e capacidade de interagir com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cegueira produz conseqüências no surgimento e desenvolvimento da comunicação de crianças. Portanto, os primeiros anos de vida são extremamente importantes para que esses processos possam ocorrer naturalmente, sem deixar seqüelas que possam acrescentar mais dificuldades na vida desse grupo familiar. Vários fatores podem minimizar parte desses efeitos, dentre eles, e principalmente, o apoio, assessoramento e informações específicas oferecidos por profissionais competentes aos pais. Isso os ajudarão a superar dificuldades e, assim, alcançar os requisitos fundamentais do processo comunicativo que como afirma Magalhães (2000), são: código compartilhado e interação comunicativa.

De um modo geral, pais e profissionais que tem em seu entorno uma criança cega, desconhecem as peculiaridades de nascer cego e o que a cegueira pode provocar, por esse motivo deixam passar momentos sem que atuem positivamente na trajetória de aquisição e desenvolvimento da linguagem desta criança. A criança cega fala, no entanto, o desenvolvimento psicológico dela pode esclarecer hipóteses sobre os pré-requisitos cognitivos do desenvolvimento de sua linguagem, mostrando a interdependência entre esses processos, ressaltando que o desenvolvimento de cegos traz peculiaridades que precisamos conhecer melhor, para, desse modo, atuar melhor.

Os fundamentos teóricos que trouxemos nesse trabalho, resultados de estudos e pesquisas de pouquíssimos autores nacionais como Magalhães (2000) e principalmente de autores estrangeiros como Ochaita (1993); Leonhardt (1997), afirmam que nas primeiras interações sociais a percepção ocular é fundamentalmente importante para o processo de interação social, constituindo assim uma forma de linguagem. Na criança cega isso está dificultado. Concordamos que, como ficou delineado na fundamentação teórica, essa dificuldade não pode ser atribuída à cegueira, mas está diretamente ligada à forma como os adultos, que fazem parte da vida desta criança, administram tal adversidade, especialmente a mãe, primeiro adulto com o qual ela terá mais contato.

Acreditamos sim, que há uma situação dolorosa e sombria, porém, que necessita ser superada a fim de que essa interação possa fluir com menos dificuldades. Portanto, precisamos estar atentos a essas interferências desde que elas estejam diretamente

vinculadas à carência de visão, como também precisamos voltar a nossa atenção para os aspectos idiossincráticos que se introduzem no comportamento infantil.

Nesse cenário estamos certos de que há outras vias que podem ser trilhadas por pais e profissionais e que facilitam a superação das dificuldades que se interpõem. Sem dúvida, apontar novas trajetórias que contribuam com o desenvolvimento lingüístico em crianças cegas é uma tarefa que convida-nos a uma postura crítica, honesta e justa diante das questões atuais sobre aspectos relacionados à inclusão social.

Trazendo os resultados da pesquisa foi possível confirmar nossa hipótese, ficando claro que através das narrativas dos contos de fadas pode ser constituído um caminho alternativo e estimulador no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral em crianças cegas. Em consequência do desempenho mais expressivo da linguagem em tal criança, será diminuído o isolamento social no qual muitas delas se colocam.

O acesso a linguagem e sua ampliação devem ser vistos como a vitória mais importante no desenvolvimento de crianças cegas. Esta afirmativa norteou nossa investigação e certamente se constituiu como um dos principais pontos das reflexões teóricas e práticas que encetamos. Tal proposição nos remete também à Vygotsky (1998; 2007) quando ele postula que a aquisição da linguagem possibilita o contato social, regula e dirige o próprio comportamento e, principalmente, torna-se pensamento.

Com um melhor domínio da linguagem e maior interação com os outros, a criança cega começa a sair do isolamento que normalmente ocorre. O curso natural da comunicação estará comprometido quando isso não acontece naturalmente. Nesse caso, o processo de formação de conceitos será também limitado em crianças cegas se compararmos com o de crianças videntes, pois em crianças videntes há o acesso a uma diversidade de contextos que facilitam a generalização. Portanto, é lógico pensar que a ausência da visão aponta para essas dificuldades, pois a falta desse canal sensorial diminui a possibilidade de realizar categorias mediante a generalização.

Dentre alternativas que julgamos importantes para o enfrentamento dessas dificuldades julgamos que os contos de fadas, pelas suas características e adequação ao interesse da idade, servem para dar suporte ao desenvolvimento e aquisição da linguagem em crianças cegas e aos aspectos interacionais. Esse fato é confirmado em sugestões fornecidas pelos autores que adotamos neste trabalho. Imbuídas desse

propósito empregamos esta perspectiva acreditando que teríamos sucesso na intervenção.

Durante a investigação foram registradas expressões lingüísticas de crianças cegas que interagem com crianças videntes, colegas de turma. Tais registros aconteceram dentro da escola em momentos de narrativas dos contos de fadas dos irmãos Grimm, fato que não ocorria antes, segundo as informações dos professores e nossa própria observação.

Identificamos através dos nossos registros, que essas crianças quando estimuladas e envolvidas por uma atmosfera que despertava a imaginação, através de atividades lúdicas, diálogos, apresentaram um desempenho lingüístico, demonstrando, assim, uma melhora na sua capacidade de comunicação com o outro. Esses momentos foram acontecendo e se ampliando de forma muito natural entre todos, e as diferenças não eram tão relevantes se analisarmos a participação dos videntes, tal como ocorria antes.

Apesar de em alguns parecerem apenas imitar e repetir modelos, acreditamos que tais modelos possam servir como suporte que conduzam a progressão para formas de maior complexidade gramatical

Resta-nos, então, supor que as causas que fomentam, ainda hoje, o atraso no uso de vocabulário, a inexpressividade de tais crianças dentro do espaço escolar, que se traduzem não apenas no seu desempenho lingüístico e acadêmico, mas também se refletem na capacidade de percepção do próprio eu e principalmente nas suas relações sociais estão ligadas à ausência de políticas públicas que se comprometam verdadeiramente com as famílias e profissionais que tem em seu contexto esta adversidade.

Políticas públicas voltadas para questões educacionais que provoquem a desconstrução de paradigmas injustos com nuances cruéis de exclusão social, sejam raciais, religiosas, econômicas, físicas ou mentais, que se perpetuam por décadas dentro das nossas instituições escolares. Políticas públicas que voltem o olhar para os nossos professores preparando-os competentemente para lidar com as diferenças de forma geral e mais especificamente com a adversidade de ter como aluno uma criança com limitação sensorial.

Esse trabalho permitiu conferir que não era suficiente a nossa presença ali, com os nossos desejos de realização de uma pesquisa para que a criança cega se desenvolvesse

lingüísticamente. Pouco a pouco fomos descobrindo que os elementos afetivos e emocionais ajudariam muitíssimo na produção da linguagem oral em nossas crianças investigadas. Conferimos também que as imitações lingüísticas como menciona Ochaíta (1993) tem grande valor para a apropriação e desenvolvimento da linguagem, reavaliando conceitos que se alicerçam em parâmetros que as percebem apenas como uma atividade mecânica e sem sentido.

Ainda confirmamos em nossa investigação que a linguagem corporal que uma criança cega emite ocupa lugar de destaque neste processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem e que deverá ser observada por aqueles que fazem parte do contexto onde vive a criança.

São descobertas que apontam para propostas de aprofundamentos em pesquisas que ainda estão por vir, reforçam também a importância de mais estudos nessa área de conhecimento que, parece-nos, ainda um tanto obscura, o que pode ser traduzido com o aprofundamento de outras teorias, tais como a de Bruner quando se reporta as interações ocorridas precocemente entre o bebê e sua figura de apego, as protoconversações em seus diversos níveis.

Entendemos que como toda pesquisa, a nossa apresenta limitações que nos colocaram diante de outros referenciais que não foram possíveis de serem articulados, sejam referentes ao tempo, a ausência de outros trabalhos que alimentassem a investigação, como também pela impossibilidade de acesso em espaços inclusivos, onde pudéssemos acompanhar a evolução ou não dessas crianças. Mas diante de tais desafios, buscamos avançar em nosso propósito inicial.

Em nossa investigação encontramos uma excelente oportunidade de construção do conhecimento na respectiva área de estudo, bem como uma possibilidade para sugerir aos pais e educadores, tão carentes de informações sobre esse tema, caminhos novos que possam facilitar o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças cegas e assim acrescentar maior envolvimento destas crianças nas interações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil – Gostosuras e Bobices**. Editora Scipione (1989) COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil – Teoria Análise Didática**. Editora Moderna, 2005.

ARAÚJO, Renata Dias Henriques de. **Reflexões sobre a constituição do eu corporal em cegoscongnênitos**. Tese de Mestrado em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise. (2008) Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

AMARILIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. **Compreendendo o cego – uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias**. São Paulo: casa do psicólogo, 1997. (FAPESP)

ALVES, Rubem. **Concerto Para Corpo e Alma**. Campinas. São Paulo- Papyrus, 1998.

BARTHES, Roland, **Mitologia** / Roland Barthes; tradução Rita Buongermino, Pedro de Souza e Rejane Janowitzzer – Rio de Janeiro: DIFEL, 2003 (256P.)

BATISTA, Cecília Guarniere e LAPLANE, Adriana Lia Frizman – **Modalidades de Atendimento Especializado: O grupo de Convivência de Crianças com Deficiência Visual./ In: A Pessoa com Deficiência Visual – um livro para educadores / Elcie F. Salzano Masini (organizadora) 1ª edição – São Paulo: Vetor, 2007**

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**/Bruno Bettelheim; Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

BISHOP, Dorothy. **Desenvolvimento da Linguagem em Circunstâncias Excepcionais**, 2002 Editora Revinter.

BRITO, Carlos. **A psicanálise e a Narrativa Popular: O uso terapêutico dos Contos de Fadas**.

Revista Construir Notícias – Ano 7- Número 37. Novembro/Dezembro – 2007.

BRONCKART, Jean – Paul: **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio - discursivo** – São Paulo: EDUC (2003)

BUSCAGLIA, Leo F. **Os deficientes e seus pais/** Leo Buscaglia; tradução de Raquel Mendes – terceira edição – Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1997.

CAVALCANTI, Joana. **E foram felizes para sempre? Releitura dos contos de fadas numa abordagem psicocrítica** - Recife: Prazer de Ler, 2005

CAVALCANTI, Wanilda Maria Alves. Nome do artigo In: Mulheres e dizeres

COELHO, Nelly Novaes, **Literatura Infantil- Teoria , análise, didática** – Moderna - 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas: Símbolos Mitos Arquétipos.** Del – Difusão Cultural do livro (2003)

COELHO, Nelly Novaes – **O Conto de Fadas – Símbolos-Mitos-Arquétipos** 1.ed. – São Paulo: Paulinas, 2008- Coleção re-significando linguagens.

CUTSFORTH, Thomas D.**O Cego na escola e na sociedade – Um estudo psicológico** – 1969. São Paulo.

DALL’ A, MARIA JÚLIA CANAZZA **Intervenção no ambiente escolar: estimulação visual de uma criança com visão subnormal ou baixa visão.** Editora UNESP, 2002.

FARIA, Evangelina Maria Brito de. **O Princípio da Cooperação na Linguagem. In: Educação Para a Paz: A Arte de Amar.** Recife- Editora Universitária – UFPE – 2008.

FRANZ, Marie-Louise Von. **O Feminino nos contos de fadas**/Marie-Louise Von Franz; tradução Regina Grisse de Agostinho; revisão técnica Lúcio Azevedo – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995 _ Coleção Psicologia analítica).

GUTFREIND, Celso, **Contos e desenvolvimento psíquico. Revista Viver Mente e Cérebro. Dueto Editorial. Ano XIII, Nº 142, Novembro, 2004, 98 p.**

GUTFREIND, Celso. **O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança.** Celso Gutfreind – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

JUNG, Carl G.**O Homem e Seus Símbolos.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1976

KEHL, Maria Rita (2006) (in Fadas no Divã – **Psicanálise nas Histórias Infantis**/CORSO, Mário e LICHTENSTEIN, Diana.

MARTIN, MANUEL BUENO/ BUENO, SALVADOR TORO. **Deficiência Visual – Aspectos Psicoevolutivos e Educativos.a**

NASSIF, Maria Christina Martins. **Inclusão do Aluno com Deficiência Visual na Sala Comum do Ensino Regular: A fundação Dorina Como Parceira Neste Processo./ In: A Pessoa com Deficiência Visual – um livro para educadores/ Elciee F. Salzano Masini (organizadora) 1ª edições – São Paulo: Vetor, 2007.**

OCHAÍTA, Esperança y ROSA, Alberto. **La Psicología de La Cegueira** – Compilacion de Alberto Rosa y Esperança Ochaíta. Aliança Editorial, S.A Madrid, 1993.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky- Aprendizagem e desenvolvimento- Um processo sócio histórico** - São Paulo- Editora Scipione- 1997 (Pensamento e Ação no Magistério)

OLIVEIRA, Nelson de (2008) **O Conto de Fadas- Símbolos – Mitos – Arquétipos /** COELHO, Nelly Novaes.

REIS, Simone de Campos “**Abracadabra...**” **A Palavra nos Contos de Fadas.** Pós Graduação em Letras – Centro de Artes e Comunicação. Departamento de Letras (2008) Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira** – São Paulo : Cia da Letras -1995.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas** – edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, 385 p.

VEER, René Van der ; VALSINER, Jaan. **Vygotsky – Uma Síntese.** Tradução de Cecília C. Bartalotti. Edições Loyola, São Paulo, 1991.

VON FRANZ, Marie-Louise, 1915-**Individuação nos contos de fada**/Marie Louise Von Franz (tradução Eunice Katunda; revisão técnica Maria Elci Spaccaquerche Barbosa). – São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.(Coleção amor e psique).

VYGOTSKY, Lev Semenovich: **A formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores** - 7ª edição – São Paulo: Editora Martins Fontes

VYGOTSKY, Lev Semenovich: **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem** – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (1988)

VYGOTSKY, Lev Semenovich: **Pensamento e Linguagem** – São Paulo: Ed Martins Fontes, 1998

ANEXOS

1. NARRATIVAS – CONTOS DE FADAS DOS IRMÃOS GRIMM

2. CARTAS

3. QUESTIONÁRIO – COLETA DE DADOS

NARRATIVAS – CONTOS DE FADAS DOS IRMÃOS GRIMM

___ **JOÃO E MARIA**

___ **A BELA ADORMECIDA**

___ **CINDERELA**

___ **BRANCA DE NEVE**

___ CHAPEUZINHO VERMELHO

JOÃO E MARIA

Perto de uma floresta, vivia um pobre casal de lenhadores com seus dois filhos, João e Maria, que ajudavam os pais a recolher lenha.

Um dia enquanto corriam pela floresta atrás de lenha, a noite caiu e João e Maria não conseguiram voltar para casa. Estavam muito assustados, pois animaizinhos olhavam – nos de um modo estranho.

Na manhã seguinte, puseram – se a procurar o caminho de volta para casa. Depois de andar bastante, encontraram uma curiosa casinha: tinha o telhado de chocolate, as paredes de biscoito e as chaminés de caramelo.

_ Você está vendo o mesmo que eu, Maria? _ Disse João. Vamos até lá!

As crianças estavam com tanta fome, que pensaram comê-la inteira.

Porém, não haviam dado mais que algumas mordidas no grande bolinho da entrada, quando a dona da casa apareceu. Era uma bruxa malvada que gostava de comer crianças e devorava todas aquelas que se perdiam no bosque.

Embora as crianças resistissem bravamente, a bruxa conseguiu trancar João numa cela. Como estava meio magrinho, decidiu esperar que engordasse.

A bruxa preparava pratos deliciosos para João, enquanto Maria trabalhava dia e noite fazendo todas as tarefas da casa.

Como não enxergava muito bem, a bruxa pedia a João todos os dias que lhe mostrasse o dedinho, pra ver se havia engordado. Mas João era muito esperto e mostrava um ossinho de frango.

Porém um dia a bruxa cansou de esperar e disse:

_ Vou comer seu irmão amanhã mesmo!

No dia seguinte a bruxa abriu a porta da cela para cozinhar João. O fogo já estava aceso. Mas João correu e atirou – se sobre a bruxa, que estava muito gorda e caiu no fogo sem conseguir se levantar.

As crianças roubaram o tesouro da bruxa e, carregadas por um lindo cisne branco, finalmente conseguiram chegar em casa e reencontrar seus pais.

(Clássico para sonhar – Girassol Brasil Edições Ltda.)

A BELA ADORMECIDA

Era uma vez um rei e uma rainha que conseguiram realizar um sonho de ter uma linda menina. Para comemorar, convidaram todas as fadas do reino para o batizado.

Mas uma fada que não havia sido convidada apareceu na festa. Muito zangada, ela disse que a menina espetaria o dedo no fuso de uma roca e morreria. Felizmente, as fadas – madrinhas podiam amenizar a maldição:

_ A princesa não morrerá... Apenas cairá num sono profundo, do qual somente um príncipe poderá despertá-la.

Os mensageiros do rei percorreram o reino, anunciando que todas as rocas estavam proibidas e seriam jogadas ao mar.

A princesa cresceu feliz e encantadora, acompanhada em todo momento por suas fadas – madrinhas.

Mas chegou o terrível dia que a fada má anunciara... Certa manhã, a princesa descobriu uma torre que nunca havia visto antes.

Lá dentro havia uma velha que não era outra senão a fada má disfarçada. Ela cumprimentou a menina amavelmente e convidou – a para entrar.

Curiosa, a princesa segurou o fuso sem cuidado e espetou o dedo.

A princesa caiu num sono profundo. As fadas – madrinhas tocaram com sua varinha mágica todos os habitantes do palácio, que também adormeceram.

Passaram – se cem anos. Em volta do palácio cresceu uma verdadeira floresta que o escondeu completamente.

Um valente príncipe, que soube da historia da princesa, decidiu desencantá - la sem medo algum, conseguiu abrir caminho por entre as plantas.

Ele chegou até o quarto onde a princesa dormia, aproximou – se dela e beijou – a. No mesmo instante, a bela adormecida despertou e sorriu para o príncipe.

Todos no palácio despertaram e puseram – se a preparar o casamento de sua princesa com o valente príncipe.

(Clássico para sonhar – Girassol Brasil Edições Ltda.)

CINDERELA

Uma jovem meiga e formosa chamada Cinderela vivia com sua madrasta, que tinha duas filhas invejosas. As três obrigavam a menina a trabalhar sem descanso.

Certo dia, elas foram convidadas para um baile no palácio do príncipe, mas Cinderela não teve permissão para ir.

Sozinha, Cinderela começou a chorar sua triste sorte. Então sua fada – madrinha apareceu e disse:

_ Você é uma boa menina, por isso merece ir à festa do príncipe!

E a fada – madrinha transformou suas velhas roupas no mais elegante vestido que se possa imaginar.

Deu a ela um par de sapatinhos de cristal, depois transformou uma abóbora em carruagem, quatro ratos em cavalos e algumas lagartixas em cocheiros.

_ Você deve estar de volta à meia noite _ Disse a fada. Quando o relógio bater as doze badaladas, todo encanto desaparecerá. Cinderela partiu no mesmo instante para o baile.

Na festa, o príncipe só tinha olhos para ela. Dançaram juntos a noite toda. Até o rei concordou que formavam um belo par.

Todos se perguntaram quem seria aquela jovem, pois nem suas irmãs conseguiram reconhecê-la.

Cinderela estava tão feliz, que só se lembrou do aviso da fada - madrinha ao ouvir a primeira badalada do relógio que anunciava a meia noite. Saiu do palácio tão depressa, que perdeu um dos sapatinhos de cristal.

Como isso foi a única coisa que restou ao príncipe, ele anunciou que se casaria com a dona daquele sapatinho. Percorreram todo o reino experimentando – o em todas as jovens, mas nenhuma tinha pés tão delicados quanto os de Cinderela.

Quando chegou a vez de Cinderela, o sapatinho serviu perfeitamente. O príncipe e Cinderela ficaram muito felizes por se reencontrarem e prometeram que jamais se separariam de novo.

(Clássico para sonhar – Girassol Brasil Edições Ltda.)

BRANCA DE NEVE

Era uma vez uma princesa chamada Branca de Neve. Sua madrasta a invejava porque seu espelho mágico dizia que Branca de Neve era mais bonita do que ela.

_ Leve Branca de Neve até o bosque _ A madrasta ordenou a um caçador _ E mate – a!

Mas o caçador tinha um bom coração e, chegando no bosque, disse:

_ Vá embora menina e nunca mais volte ao palácio...

Branca de Neve andou por muito tempo, perdida, até que encontrou uma encantadora casinha.

Ao entrar na casa, não encontrou ninguém, mas estava tudo limpo e arrumado. Numa mesa havia sete pratinhos e sete cadeirinhas, e no quarto sete caminhas. Ela comeu um pouquinho de cada prato e deitou – se nas caminhas e dormiu.

Quando os anões que moravam na casa voltaram do trabalho, encontraram Branca de Neve adormecida.

Ela contou-lhes sua triste história e os anõezinhos convidaram – na a morar com eles. Estavam muito felizes de poder ajudá-la.

_ Muito obrigada _ Disse a menina. _ Poderei ajudar vocês nas tarefas da casa.

Na manhã seguinte os anõezinhos saíram para trabalhar no bosque e fizeram prometer que não abririam a porta a ninguém. Mas o espelho mágico revelou a madrasta que Branca de Neve ainda estava viva.

A madrasta disfarçou- se de mendiga e bateu a porta de Branca de Neve:

_ Abra menina sou apenas uma pobre velhinha que vende maçãs...

Branca de Neve sentiu pena dela e comprou uma bela maçã vermelha.

Mas assim que mordeu a maçã, Branca de Neve caiu num sono profundo. Feliz por ser novamente a mais bela do reino, a madrasta voltou correndo ao palácio.

Quando os anõezinhos voltaram do bosque acreditaram que Branca de Neve estava morta. Colocaram – na sobre um leito branco e puseram – se a chorar. Pouco depois, passou por ali um belo príncipe. Os anões contaram – lhe a história de Branca de Neve.

Ao ver uma princesa tão bela, o príncipe beijou sua mão e Branca de Neve despertou de seu sono profundo. Branca de Neve e o príncipe casaram – se e viveram felizes para sempre.

CHAPEUZINHO VERMELHO

Chapeuzinho Vermelho estava indo a casa de sua vovozinha doente.

_ Adeus, minha filha! Cuidado ao atravessar o bosque! _ Despediu - se a mãe.

Mas o lobo mau andava por perto e viu a menina sair.

O lobo correu para alcançá-la.

_ Aonde vai Chapeuzinho?

_ Vou a casa de minha vovozinha levar geléia e biscoitos _ Respondeu a menina.

Os animais tentaram avisá-la para não falar com o lobo.

Mas Chapeuzinho distraiu – se pelo caminho, colhendo flores para sua vovozinha...

... E o lobo aproveitou para correr e chegar primeiro a casa da vovó.

Como a vovozinha já conhecia o lobo, assim que o viu chegar trancou – se no armário.

_ Que azar! _ Disse o lobo, que não gostou nem um pouco da vovozinha ter escapado.

Mas o lobo não se deu por vencido. Disfarçou – se com a touca e o xale da vovó e deitou – se debaixo das cobertas.

Chapeuzinho, que não sabia de nada, chegou naquele instante.

A menina entrou e aproximou – se da cama:

_ Que orelhas grandes você tem, vovozinha!

_ São pra te ouvir melhor...

_ Mas, vovozinha, que olhos grandes você tem!

_ São pra te ver melhor...

Mas Chapeuzinho não se convencia:

_ Vovozinha, pra que essa boca tão grande?

_ É pra te devorar! _ Respondeu o lobo. E atirou – se sobre Chapeuzinho.

A menina saiu correndo e gritando:

_ Você não me pega, lobo mau! Socorro, caçadores! O lobo quer me devorar!

Os caçadores ouviram e correram disparando suas espingardas.

Depois que os caçadores levaram o lobo, Chapeuzinho e a vovozinha abraçaram – se, contentes por não haverem caído em suas garras.

(Clássico para sonhar – Girassol Brasil Edições Ltda.)

CARTAS

CARTA DE ENCAMINHAMENTO

Recife, 04 de novembro de 2009.

Apresentamos a aluna Ana Lúcia do Nascimento, que realiza a pesquisa intitulada: “ ***CONTOS DE FADAS: UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS CEGAS.***” A referida aluna faz parte do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco e é orientada por mim. Outrossim, esclareço que me responsabilizo pela realização do projeto.

Atenciosamente,

Professora Doutora Wanilda Maria Alves Cavalcanti
Orientadora.

**CARTA ÀS MÃES OU RESPOSÁVEIS SOLICITANDO O LIVRE
CONSENTIMENTO PARA QUE A CRIANÇA PARTICIPE DA PESQUISA:
“CONTOS DE FADAS : UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA
LINGUAGEM EM CRIANÇAS CEGAS”.**

Eu, Ana Lúcia do Nascimento, aluna do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco, matrícula 200860001.9, peço-lhes o livre consentimento para que seu/sua filho(a) participe da pesquisa, requisito necessário para finalização e apresentação do respectivo trabalho de mestrado, que tem como tema “ OS CONTOS DE FADAS: UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS CEGAS”, onde, possivelmente, nos momentos de investigação a criança será fotografada e/ou filmada, bem como a sua voz será gravada.

Notifico-lhes que durante tais momentos existirá o compromisso com a confidencialidade, proteção e cuidados com as crianças envolvidas. Nenhum procedimento as colocará em situações desconfortáveis, constrangedoras e desrespeitosas.

Esclareço-lhes ainda, que a vocês será dado o direito de desistência, caso algo as obstaculizem.

Na conclusão desta investigação firma-se o compromisso com a instituição participante e as famílias das crianças em disponibilizar o material utilizado durante o processo investigativo (fotos, gravações, etc.), bem como mostrar os resultados obtidos que foram cuidadosamente analisados.

Atenciosamente,

Ana Lúcia do Nascimento

Eu, _____
firmo o meu livre consentimento para que meu/minha filho(a) participe da respectiva pesquisa.

Recife, _____ de _____ de 2009.

CARTA DE ACEITE

Declaramos, para os devidos fins, que concordamos em disponibilizar o(s) setor(es) da, (nome da escola) para o desenvolvimento de atividades referentes ao Projeto de Pesquisa intitulado “CONTOS DE FADAS: UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS CEGAS ”, sob a responsabilidade da professora **WANILDA MARIA ALVES CAVALCANTI**, do Mestrado em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, pelo período de execução previsto no referido Projeto.

QUESTIONÁRIO – COLETA DE DADOS

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
UNICAP**

PESQUISA :

Contos de Fadas: Uma ferramenta no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças cegas.

Mestranda: Ana Lúcia do Nascimento

Orientadora: Profa. Dra. Wanilda Maria Alves Cavalcanti

Local onde será desenvolvida a pesquisa.

OBJETIVO:

Delinear o perfil da criança a ser investigada.

Todos os itens abaixo buscam compreender e investigar características de crianças cegas ou com cegueira parcial.

DADOS GERAIS :

Nome Fictício: _____

Idade atual: _____

Idade com a qual ingressou na escola: _____

Bairro em que mora: _____

Marcar somente as alternativas que estão de acordo com o perfil da criança em estudo.

1. Sobre a deficiência visual é possível dizer que:

- () Nasceu cega.
- () Tornou-se cega por complicações posteriores.
- () Apresenta um tipo de cegueira progressiva.
- () Apresenta um tipo de cegueira regressiva.
- () apresenta cegueira parcial com possibilidades de progressão contínua.
- () apresenta cegueira parcial, porém com possibilidades de regressão.

2. Em relação a família, percebe-se que:

- () É muito presente, ambos pai e mãe.
- () Apenas a mãe mostra-se interessada pelo desenvolvimento da criança.
- () Mesmo o pai não freqüentando a escola (por motivos diversos), sabe-se que ele alimenta expectativas positivas em relação ao próprio filho.
- () O pai não participa das atividades escolares e parece ignorar a criança.
- () A criança tem outros irmãos e mostra-se bem aceita por eles.
- () A criança tem outro(a) irmão(ã) que também é cego e/ou apresenta limitações visuais.
- () A criança não tem irmãos.
- () A mãe apresenta um comportamento de super proteção, impedindo que a criança desenvolva-se naturalmente.
- () A mãe mostra-se descuidada e relapsa em relação ao próprio filho.

3. No que se refere ao processo de ensino aprendizagem, a criança:

- Apresenta interesse e aprende facilmente.
- Mostra-se interessada, porém a própria limitação a obstaculiza tornando-a lenta em assimilar e compreender conceitos.
- Parece ser desinteressada e alheia as atividades propostas em sala de aula.
- Momentos em que as atividades são lúdicas participa prazerosamente.
- Durante as aulas mostra-se introspectiva e isola-se quase por todo o tempo

4. Em aspectos referentes a linguagem é possível afirmar que a criança:

- Expressa oralmente os próprios sentimentos, desejos e insatisfações.
- Mostra-se silenciosa, porém em momentos necessários faz uso da linguagem adequadamente.
- Utiliza a linguagem como forma de estabelecer relacionamentos sociais.
- Repete sempre as mesmas frases ou palavras, sem que isso seja ferramenta de diálogo.
- Ao falar sobre si mesma utiliza o pronome “eu” (na primeira pessoa do singular) , mostrando que reconhece a própria identidade.
- Ao falar sobre si mesmo faz uso do pronome pessoal na terceira pessoa do singular (ele) ou fala utilizando o próprio nome, como se estivesse falando de uma outra pessoa.
- Em alguns momentos utiliza o pronome na primeira pessoa do singular e em outros na terceira pessoa do singular. Apresentando algumas confusões quanto o processo de construção da identidade.

5. Em aspectos relacionados aos sociais:

- Em momentos recreativos consegue brincar, mostrando uma autonomia já conquistada.
- Mesmo sendo uma criança diferente, por ser cega, participa das atividades propostas pelos colegas, respeitando-os e buscando também o próprio respeito.
- Isola-se nesses momentos em um mundo que possivelmente só por ela é conhecido.
- Chora muito e não sai de perto de alguém que a faça sentir-se protegida.

() Participa das atividades, porém em um determinado momento provoca conflitos com o intuito de chamar atenção dos demais.

6. Em sala de aula, na hora de ler ou narrar estórias:

() Interfere a todo instante impedindo assim a continuidade da atividade em curso.

() Permanece sempre quieta, silenciosa e alheia à narrativa.

() Fala frases sem sentido e descontextualizadas.

() Não escuta, mostra-se inquieta e desconcentrada, atrapalhando aos colegas.

() Escuta com atenção, faz perguntas pertinentes ao texto.

7. Se possível citar três atividades (pedagógicas e/ou lúdicas) as quais a respectiva criança mostra prazer em desenvolver.

8. Caso existam, citar algumas atividades (pedagógicas e/ou lúdicas) que são percebidas por você e que causam desconforto e desprazer à essa criança.

9. Você gostaria de acrescentar alguma particularidade a respeito da respectiva criança e que não foram citadas acima.

() Sim () Não

10. Se possível, escrever sobre o seu relacionamento , enquanto educadora, com crianças cegas ou com cegueira parcial.

Caro(a) educador(a),

Agradeço muitíssimo a sua disponibilidade em responder as questões acima e participar concretamente de tal pesquisa.

Comprometo-me em devolver os resultados alcançados. Assim poderemos partilhar novas experiências, bem como construir novos saberes.

Atenciosamente,

Ana Lúcia do Nascimento.